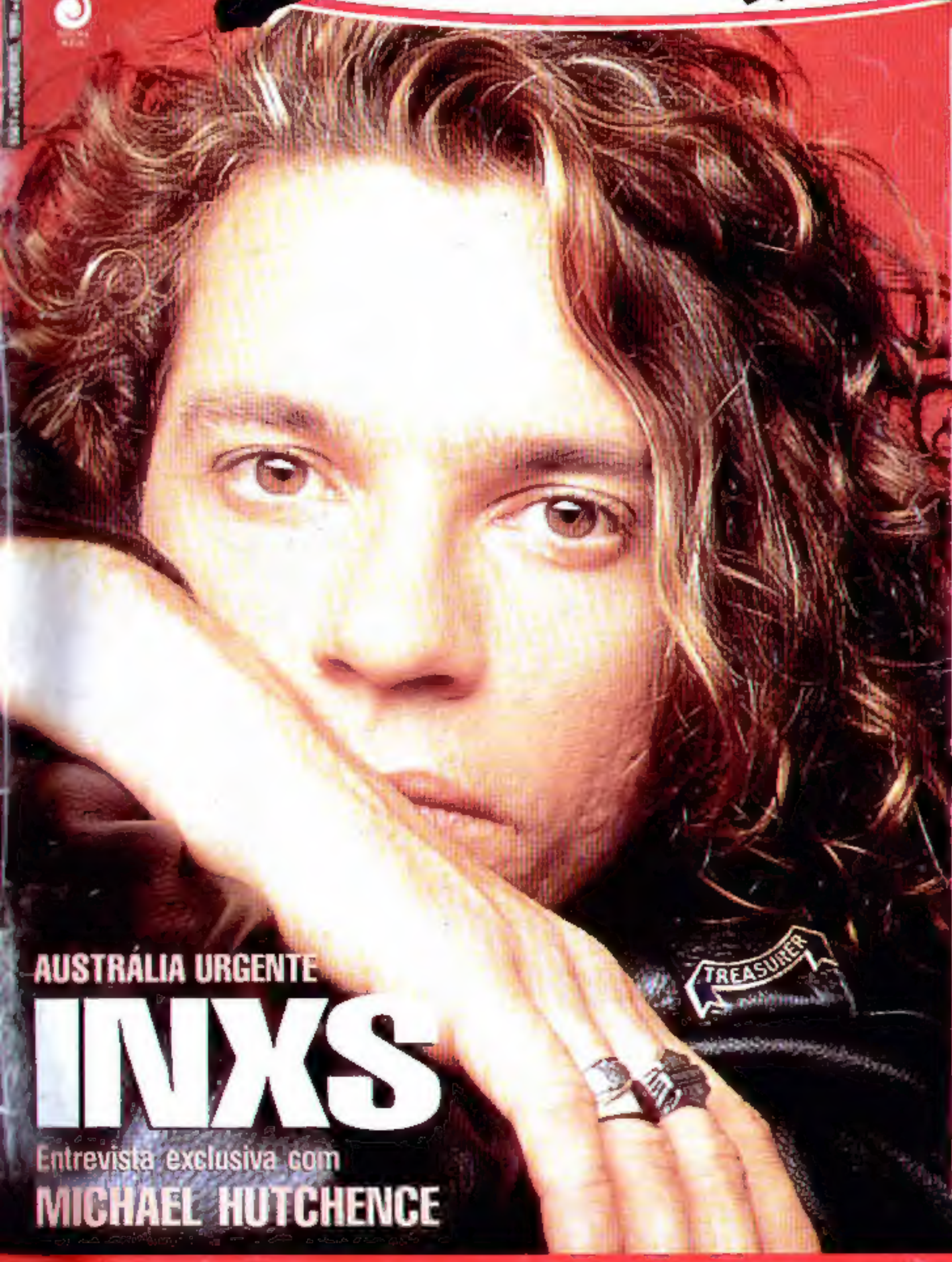
BIZZ



AUSTRÁLIA URGENTE

INXS

Entrevista exclusiva com

MICHAEL HUTCHENCE

PARALAMAS

A história, por eles mesmos – parte I

CURE

Robert Smith cai na dança

HEAVY!!!

SEPULTURA

\+ Ratos De Porão
Iron Maiden
Dave Lee Roth

FICHAS: PET SHOP BOYS • TEARS FOR FEARS • BLACK SABBATH • CHUCK BERRY

SEPULTURA

FOR SEPULTURA EXPORT

A BANDA
BRASILEIRA
MAIS INTERNACIONAL DO
ROCK IN RIO

NEW ALBUM: *ARISE*

LANÇAMENTO
SIMULTÂNEO
BRASIL - ESTADOS UNIDOS - EUROPA

JANEIRO EM
TODAS AS LOJAS

estúdio eldorado

Antes de mais nada, uma explicação. Este mês, a BIZZ não tem *Entrevistão*. Estava tudo certo — íamos dar uma completíssima e prometida história do reggae — quando bang! A recessão do seu Collor apavorou os patrocinadores do *Entrevistão*. Daqui a pouco eles se acalmam — afinal, apesar da crise, esta revista tem cada vez mais leitores — e a seção volta. Aguardem.

Mas essa zica não há de ser nada — quem mora nesse país tem de saber se virar. Rebolamos para cá e para lá e acabamos fazendo uma edição supereclética. Começa com o funk-rock australiano do INXS, uma das maiores atrações do Rock In Rio. Passa por Robert Smith, que fala sobre a investida do Cure no terreno da dance music, num depoimento que deliciará góticos e bailarinos.

PÁG. 60

Para arrebentar de vez, a edição traz a primeira parte de nossa matéria histórica com os Paralamas, mais um papo com dois grupos que andaram tocando e gravando no exterior, Sepultura e Ratos de Porão.

E para não deixar os reggaemaníacos órfãos, damos um completíssimo mapa do reggae no Brasil (cortesia de Otávio Rodrigues, o cara que mais entende de reggae no país). Também tem folk, heavy, preciosidades do passado, experimentações eletrônicas. Tá bom ou quer mais? Só mês que vem. Beijos e até lá.

PÁG. 28

Eric de Haas/Arul

PÁG. 22

INDICE

4 **SHOWBIZZ**
U2 ataca de novo, o inédito de Cazuza

10 **FAST FORWARD**
Treze páginas cheias de surpresas

28 **PARALAMAS**
A primeira parte de uma longa história

34 **CURE**
Uma matéria escrita por Robert Smith!

42 **DANCE MUSIC**
Electribe101, Record FM: a rádio *dance*

44 **CONEXÃO BRASIL**
Daniela Mercury, Witchammer, fanzines

46 **AO VIVO**
Pixies, Iron Maiden, Iggy Pop

50 **JUKEBOX**
Jack Scott, o grande rocker canadense

51 **DISCOS**
Brian Eno & John Cale, Faith No More

60 **LETRAS**
"Surprise! You're Dead!", Faith de novo

62 **PARADA**
Adivinhe quem está em primeiro: Faith!

64 **CARTAS**
O "mercado paralelo" está de volta

66 **DISCOTECA BÁSICA**
The Lamb Lies Down... Genesis, 1974

Fotos da Capa: Russell Young/Stills (INXS), Mauricio Valladares-Arul (Paralamas), J. Stickler/Onyx-Stills (Cure), L. Lavery LFI (SNAP)

SHOWBIZZ

DE HOLLYWOOD PARA O OLODUM

SPIKE LEE

Ron Wolfson/LFI

Spike Lee é o novo garoto-propaganda do Olodum. O diretor de *Mais e Melhores Blues* deve desembarcar este mês em Salvador para rodar um documentário sobre a cultura negra. A informação foi dada por João Jorge, líder do Olodum, que encontrou-se pessoalmente com Spike na loja do diretor em Nova York. "Ele se mostrou muito solícito e interessado pela cultura negra no Brasil."

Spike prometeu a Jorge descolar um grupo de rap para abrir os shows do Olodum em Nova York, na turnê que começa em junho. E mais: o cineasta está usando seu prestígio para tentar convencer artistas do porte de Stevie Wonder, Diana Ross e Roberta Flack a fazerem shows beneficentes em Salvador, com renda revertida para o Olodum.

Enquanto Spike não vem, o grupo afro-baiano prepara um espetáculo com Paul Simon em Salvador, para comemorar os doze anos do grupo. "Quando perguntamos ao Spike o que achava de termos gravado com Paul, ele falou: 'Ainda bem. Eu ficaria chateado se vocês gravassem com o Michael Jackson!' "

RIO CAÍDO

Em ritmo de recessão, as gravadoras não estão muito interessadas em bandas radicadas no Rio, sejam elas inéditas ou veteranas. O João Penca E Seus Miquinhos Amestrados, depois de experiências "péssimas" com o selo Esfinge, planeja um LP independente por um selo próprio, o Banana Records. Antes disso, porém, o grupo deve acertar a apresentação de um programa de rádio, ainda em negociação.

Já a Plebe Rude, mesmo com Ezequiel Neves como produtor, ainda não assinou. PolyGram e WEA estão na disputa.

Entre os novos, as maiores chances são do Telefone Gel, que negocia com a BMG, WEA e PolyGram. O *pedigree* dos integrantes ajuda: Dé (baixo, ex-Barão Vermelho), Sérgio Serra (guitarra, ex-Ultraje), Kadu (bateria) e Nani (guitarra) — dois ex-membros da banda de Lobão.

A VOLTA DO VERDE

Cobrar do presidente brasileiro uma promessa antiga: foi para isso que Sting esteve no Brasil em dezembro, quando concedeu uma coletiva ao lado de vários diretores da Fundação Mata Virgem — fundada pelo próprio Sting em junho de 1989. Collor assumiu com o cacique Raoni o compromisso de assinar um decreto demarcando áreas indígenas. As demarcações — previstas na Constituição — serão financiadas pela Fundação, que dispõe de mais de um milhão de dólares para o projeto — dinheiro arrecadado por Sting em suas andanças com Raoni e mantido fora do Brasil — a salvo das sacanagens de Miss Zélia e companhia.

Qualquer contribuição adicional pode ser feita diretamente à Fundação: Ed. Palácio do Comércio, Sala 1103, CEP 70300, Brasília/DF, tel. 224-3547.

Sting, que está com um disco novo na praça — *The Soul Cages*, o primeiro em três anos! —, recusou-se a falar sobre música pop. "Eu preferia estar em casa tocando piano do que aqui, agora. Mas acho que posso cantar e lutar pelos índios, também. Eu me sinto em casa quando estou no Brasil."

Jorge Rosenberg Assis

U2 ANUNCIA MEGATURNÊ

O U2 está pronto para ressurgir dos mortos e disputar com o Guns N'Roses o posto de maior banda do planeta. Até o fechamento dessa edição, a situação estava nos seguintes termos: o grupo volta com disco novo — várias faixas foram gravadas em Berlim, com produção de Daniel Lanois — e aquela que está sendo chamada de "a maior turnê de rock'n'roll de todos os tempos". A via crucis começaria em julho e se estenderia durante dois anos e meio. Será que sobram uns diazinhos para o Brasil?

Luanna Cruz/Abril

ROCK 'N' RAP

"Se o beat é alto e tem um cara gritando, é rock'n'roll." Foi assim que Ice-T (*Colors*) justificou a mais inusitada associação musical dos últimos tempos. Ele preparou uma versão para "Welcome To The Jungle", dos Guns N'Roses, que contará com uma participação especial de Axl em pessoa. A faixa estará no novo disco de Ice-T, que sai neste início de ano. Outras parcerias despirocadas do rapper: com o Jane's Addiction (uma versão de "Don't Call Me Nigger, Whitey", de Sly Stone) e com o Megadeth.

O LP DE CAZUZA

No dia quatro de abril — data do aniversário de Cazuza — deve chegar às lojas o álbum póstumo *Por Aí*. O LP traz sobras das sessões de estúdio de *Burguesia*, além de uma faixa gravada na época do LP *Só Se For A Dois*, de 87. "Andróide Sem Par", parceria de Cazuza com George Israel (Kid Abelha) e Nilo Romero. A seleção inclui covers de "Summertime" (Gershwin), "Camila Camila" (Nenhum de Nós) e "Cavalos Calados" (Raul Seixas). Entre as inéditas, estão "Hei Rei" (Frejat e Cazuza) e "Não Há Perdão Para O Chato" (Cazuza, Arnaldo Antunes e Saba Moreau).

Mais Cazuza: foi lançado em janeiro o vídeo *Viva Cazuza*, que registra o show realizado em outubro do ano passado na Praça da Apoteose. Em uma hora e meia, as canções do exagerado são interpretadas por Caetano, Paula Toller e Marina, entre outros. A direção é de Ana Arantes.

ICE T

Capitol Records

LOS ANGELES

Uma combinação potencialmente explosiva: Sinéad O'Connor participa de uma das faixas do novo álbum do grupo de rap Niggers With Attitude, *Nigazz For Life* • Michael Jackson levou sua editora, a ATV Music Co., para a MCA Records, deixando a EMI a ver navios. Isso significa, principalmente, que os direitos de edição sobre o catálogo dos Beatles — comprado por Michael em 82 por quarenta milhões de dólares — ficam agora sob jurisdição de uma companhia de capital japonês, a Matsushita • O Coronel Tom Parker — ex-empresário de Elvis Presley — vendeu sua coleção pessoal de memorabília do rei: foram 150 quilos de bugingangas, entre documentos, discos, fotos, mais roupas, e até mesmo um cadillac. Todo esse material faz parte, atualmente, do acervo de Graceland • A entrevista de Madonna defendendo o clip de "Justify My Love" foi a segunda maior audiência de todos os tempos do programa de TV norte-americano *Nightline* • Quem já considerava o Bon Jovi carta fora do baralho pode ir tirando o cavalinho da chuva. A banda está viva e passando bem numo turnê pelo Japão. Aguarda-se um álbum novo para meados do ano • Não é só a Flórida que está quebrando o pau com o 2 Live Crew. Agora, a venda do álbum *As Nasty As They Wanna Be* também é considerada atividade criminosa no estado do Texas • Aconteceu na primeira semana de dezembro em Los Angeles o último show do Fleetwood Mac com Christine McVie e Stevie Nicks. Não foi descartada a possibilidade de uma *reunion tour*.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

A VOZ DO ASSASSINO

Mark David Chapman, o homem que matou John Lennon, deu sua primeira entrevista à imprensa desde sua prisão, há dez anos. Falando ao *USA Today*, Chapman fez as seguintes declarações: "Desde os dez anos de idade, eu escutava todo o idealismo das letras de John Lennon. Ele, que nos dissera que imaginássemos que não tínhamos posses, acumulou com Yoko uma fortuna de 150 milhões de dólares. Eu rezava para que os demônios entrassem em meu corpo e me dessem o poder de matá-lo. Naquele dia, adotei a mesma atitude de combate que havia treinado no meu quarto de hotel, mirei suas costas e apertei o gatilho cinco vezes".

MICK E JERRY JUNTAM OS TRAPINHOS

Jerry Hall conseguiu realizar finalmente seu sonho dourado: carregar Mick Jagger para o altar. Os dois pombinhos — que já viviam juntos há mais de dez anos — oficializaram a ligação no dia 21 de novembro em Bali (Indonésia), segundo os rituais do hinduísmo — ao qual os dois se converteram (quá, quá). Segundo as más-línguas, Jagger aceitou tudo isso só para fazer uma moral com a noivinha — que, antes do stone, já passara três anos ao lado de Bryan Ferry. Compareceram ao enlace os dois filhos do casal: Elizabeth, de seis anos, e James, de cinco.

BETTY BOOMANIA

Quando foi anunciada a vinda do Deee-Lite para o Rock In Rio, muita gente perguntou: Quem são esses caras? Outros, mais atentos, lançaram outra questão: ótimo, mas e a Betty Boo?

A maior revelação do dance music britânica do ano passado tem pelo menos um ponto em comum com o Deee-Lite: a preocupação suprema com o estilo. Na verdade, a glamourosa Betty Boo é uma criação de Alison Clarkson, uma tímida (?) jovem londrina de vinte anos que decidiu que queria ser rapper.

Seu primeiro hit foi "Hey DJ", um single dos Beatmasters onde ela fazia uma participação especial. Depois, vieram três compactos no Top Ten inglês: "Doin' The Do", "Where Are You Baby?" e "24 Hours". Com um único LP lançado, *Boomania*, ela se prepara para invadir o mercado norte-americano, onde já é chamada de "a nova Madonna". Tomara...

OUÇA ESSA

"Isso parece uma mulher crescida tentando soar como uma garotinha que engoliu uma bexiga cheia de água até a metade."
Robert Smith comentando o single "Power Of Love", do Deee-Lite

"Quando Collor chegou ao Parque do Xingu, um segurança pediu que eu me retirasse. Ele disse que eu era perigoso para a segurança nacional..."
Sting

"Em julho do ano passado, nos disseram para fazer um disco dançante, bem acid. Em dezembro, perguntaram: 'Como é, o disco está bem brasileiro?' "
Mauricio Pereira, dos Mulheres Negras, comenta as estratégias de marketing de sua gravadora

"Se começássemos a lançar discos de *dance*, seríamos linchados na Noruega."
Pal Waaktaar, A-ha

FENDER BRASUCA

Ficou um pouco mais fácil fazer música neste país. Desde o final do ano passado, já é possível encontrar nas nossas pauperrimas lojas de instrumentos vários modelos de guitarra — de qualidade infinitamente superior aos similares nacionais — da Fender Stratocaster. Ar... ponsável pela proeza é a indústria de violões na... nal Giannini, que ... quistou a representa... da Fender americana... Brasil.

RÁPIDO E RASTEIRO

Matando o Tio Sai este mês lá fora o novo LP de Morrissey, *Kill Uncle*. O ex-Smith parece ter encontrado finalmente um novo parceiro: Mark Nevin, ex-guitarrista do Fairground Attraction, que compôs com ele a maior parte das faixas.

Linha Direta A Sire Records colocou à disposição do público uma linha telefônica que fornece informações sobre novos LPs e turnês, além de soltar faixas inéditas e trechos de entrevistas. O telefone é 001-900-454-3355.

Salão da Fama The Impressions, John Lee Hooker, Byrds, Wilson Pickett, Ike e Tina Turner, Jimmy Reed e La Vern Baker são os mais novos indicados para o *Rock And Roll Hall Of Fame*.

Peladas As Go-Go's posaram nuas para um poster da PETA — uma associação americana de defesa dos animais. Na foto, as garotas estão escondidas sob um cartaz com os dizeres: "Preferimos andar peladas do que vestir peles!"

Blues Festival Ry Cooder, Bo Diddley, Willie Dixon, Albert Collins, Gregg Allman e Joe Cocker reuniram-se para homenagear John Lee Hooker com um único show no Madison Square Garden.

Protesto Contra as instâncias superiores da EMI-Odeon, que vetaram o (já anunciado) lançamento de *Stay Sick!* Seria o primeiro lançamento por aqui dos Cramps, ignorados já há doze anos pela indústria fonográfica nacional.

Homenagem em vida Little Richard Penniman Boulevard é o novo nome de uma rua em Macon, Georgia.

OZZY MATA MOLECADA

Não é só o Judas Priest que provoca suicídios. Ozzy Osbourne está sendo acusado de induzir dois adolescentes — um de dezesseis e outro de dezessete — a cometerem suicídio. Ambos atiraram em suas próprias cabeças: o primeiro deles, Michael, suicidou-se depois de uma bebedeira; o segundo, após levar um fora da namorada. A acusada: "Suicide Solution", faixa do LP *Blizzard Of Ozz*. Mas se a história se repetir, Ozzy pode até sair ganhando. Com toda a publicidade em torno do seu caso, o Judas Priest recuperou a popularidade nos EUA, colocando o LP *Painkiller* entre os Trinta Mais da parada.

MONDO MÍDIA

- O Guns N'Roses está processando a empresa K-Mart, que usou o nome do grupo no comercial de um brinquedo que imita uma bateria.
- Novos lançamentos em vídeo na Inglaterra: *1990 A New Decade*, do Soul II Soul; *Iron Maiden: The First Ten Years*; *Jimi Hendrix: Isle of Wright*; *Freedom*, de Neil Young; e um vídeo do Marillion, que inclui filmagens feitas no Brasil, com o título *From Stoke Row To Ipanema*.
- Biografia do mês: *The Legend Of Buddy Holly*, de Richard Peters, lançado pela editora Souvenir Press.
- John Densmore, ex-baterista dos Doors, é o autor de *Riders On The Storm: My Life With Jim Morrison And The Doors*.

LONDRES

Uma semana após Paul McCartney ter declarado não ter nada contra a pirataria de shows — "Eu mesmo pirateei shows dos Stones e Stevie Wonder", disse o ex-Beatle —, foi revelado que a casa do fã Paul Baker foi invadida e revistada pelos advogados de Macca, que encontraram vários piratas. Será que com o lançamento do álbum triplo ao vivo, *Tripping The Live Fantastic*, ele agora teme a competição? • Para promover sua nova banda EMF — cujo single dançante, "Unbelievable", já está no Top 30 —, a EMI deu uma festa no mínimo original... numa caverna! De galochas nos pés e velas nas mãos, mais de cem pessoas dançaram até tarde. Na volta, o ônibus esqueceu trinta jornalistas, que passaram o resto da noite destruindo um quarto de hotel • E eu que achei que o mundo do marketing não fosse mais me surpreender... Para promover seu novo single, "Gospel Song", do álbum *Vegetarianes Of Love*, Bob Geldof mandou para os jornalistas cópias do disco, acompanhadas por um pepino! • Grande final de tumê para o Cocteau Twins, com a participação especial, na última noite, de Jim e William Reid, do Jesus And Mary Chain, Edwyn Collins — ex-Orange Juice — e Roddy Frame do Aztec Camera. Estes dois últimos se juntaram ao único não-escocês da noite, Ian McCulloch, para uma longuíssima versão de "Pale Blue Eyes", do Velvet Underground.

ANAMARIA G. DE LEMOS

ALTOS E BAIXOS

DAVID BOWIE

Charles Thompson Azul

"Encontrar um ídolo é sempre decepcionante. Eles são tão mais baixinhos do que parecem na TV!" A frase pode ser comprovada facilmente, inclusive se aplicada ao seu autor: David Bowie, um baixinho. Compare você mesmo algumas medidas surpreendentes:

★ Peter Garrett (Midnight Oil): 1,95 m ★ Boy George e Michael Stipe (R.E.M.): 1,82 m ★ George Michael e Pete Townshend (Who): 1,80 m ★ Bruce Springsteen e Michael Jackson: 1,75 m ★ Mick Jagger e Bowie: 1,72 m ★ Bono (U2) e Keith Richards (Rolling Stones): 1,70 m ★ Madonna: 1,64 m ★ Tina Turner: 1,62 m ★ Cyndi Lauper e Prince: 1,60 m ★ Kylie Minogue: 1,49 m (???)

VÍDEO

THE JESUS AND MARY CHAIN: VÍDEOS 1985-89 (Warner Video, 1990, 45 min.)
R.E.M.: Pop Screen (Warner Video, 1990, 32 min.)

Assistir a coletâneas de videos de uma banda tem duas vantagens: a) elimina as porcarias que se vêem em programas de TV com clips misturados; b) dá para ver como os videos expandem o sentido e a força das composições do grupo através do uso da linguagem visual. Isto é interessante principalmente no caso de bandas como o R.E.M. e o Jesus & Mary Chain, que têm sido importantes para retrabalhar e revigorar o rock nos últimos anos.

O denominador comum dos videos do Jesus é o caráter de colagem que eles assumem — imagens dos integrantes do grupo são mescladas com símbolos da sociedade de consumo (neons, bandeiras, estradas, revólveres) num ritmo nervoso, com câmera na mão e muitos zooms.

A edição é frenética, mas não aleatória. Os cortes frequentemente são realizados fora dos acordes musicais, para enfatizar as rupturas que existem no mundo ao nosso redor. Assim como a música do J & MC, seus videos, desde o primeiro ("Never Understand") até "Blues from A Gun", do último LP *Automatic*, refletem não a harmonia do pop esterilizado, e sim o caleidoscópio caótico em que vivemos.

No caso do R.E.M., o caminho é outro. Os clips em geral são conceituais. Em vez de mostrar sempre a banda tocando, muitos deles são construídos a partir de uma idéia e imagens a ela associadas. "Talk About The Passion", por exemplo, mostra de maneira sutil o contraste entre a pobreza e a corrida armamentista, através de belíssimas imagens em preto-e-branco e suspense — só no final o contexto é totalmente esclarecido. Já "The One I Love" cria clima de paixão através de imagens em tons pastel, movimentos lentos de câmera e fusões.

Apesar das diferenças musicais e de estilos de cinematografia, estas duas coletâneas deixam claro que videoclips não são apenas peças publicitárias. Para grupos como R.E.M. e J & MC, são meios de ampliar o sentido e o impacto das composições, através da dimensão visual. O que é uma lição para muitas bandas e videomakers: já que a gravadora precisa do clip para vender o disco, por que não fazer algo interessante?

RICARDO LOBO

VELHARIAS PRECIOSAS

Que tal sair por aí vestido com a jaqueta de couro de Sid Vicious? É sua por 4 500 dólares. Só que, antes, você vai ter de encontrar o feliz roqueiro que desembolsou essa grana para arrematá-la em um leilão promovido pela empresa Christie's. Outros itens valiosíssimos que já foram negociados por empresas como a Christie's, a Sotheby's ou a Phillips — as maiores especialistas em leilões na Inglaterra:

★ guitarra Fender Stratocaster usada por Jimi Hendrix em Woodstock — 345 mil dólares ★ jaqueta usada por Prince em *Purple Rain* — 4 900 dólares ★ terno de Buddy Holly — 4 200 dólares ★ óculos escuros de John Lennon — 6 100 dólares ★ guitarra de John Lee Hooker — 7 600 dólares ★ poster do Live Aid autografado por todos os participantes — 8 000 dólares ★ violão de Glen Matlock (Sex Pistols) — 2 100 dólares ★ luvas de couro de Elvis Presley — 900 dólares.

SID VICIOUS

TOP 25

A *Rolling Stone* publicou uma lista com os LPs que ficaram mais tempo no topo da parada americana durante os anos 80. A seguir, os campeões de audiência da última década:

1. THRILLER — Michael Jackson (também o mais vendido de todos os tempos)
2. PURPLE RAIN — Prince And The Revolution
3. DIRTY DANCING — Trilha Sonora — Vários
4. SYNCHRONICITY — Police
5. HI INFIDELITY — Reo Speedwagon
6. BUSINESS AS USUAL — Men At Work
7. THE WALL — Pink Floyd
8. WHITNEY HOUSTON
9. FAITH — George Michael
10. WHITNEY
11. MUSIC FROM THE TELEVISION SERIES MIAMI VICE — Vários
12. FOREIGNER
13. FOOTLOOSE — Trilha Sonora — Vários
14. THE JOSHUA TREE — U2
15. BROTHERS IN ARMS — Dire Straits
16. AMERICAN FOOL — John Cougar Mellencamp
17. ASIA
18. TATTOO YOU — Rolling Stones
19. SLIPPERY WHEN WET — Bon Jovi
20. DOUBLE FANTASY — John Lennon e Yoko Ono
21. BORN IN THE U.S.A. — Bruce Springsteen
22. NO JACKET REQUIRED — Phil Collins
23. THE RAW & THE COOKED — Fine Young Cannibals
24. ALL OR NOTHING — Milli Vanilli
25. LICENSED TO ILL — Beastie Boys

ELEKTRA COVER

Rubaiyat: *Elektra's 40th Aniversary* é o nome do álbum duplo lançado pela Elektra para comemorar os quarenta anos do selo. Vários grupos foram chamados para regravar faixas conhecidas de artistas da gravadora. Aqui, algumas covers que estão no álbum:

- Cure — "Hello, I Love You", dos Doors
- Metallica — "Stone Cold Crazy", do Queen
- Kronos Quartet — "Marquee Moon", do Television
- Gipsy Kings — "Hotel California", dos Eagles
- John Zorn — "TV Eye", dos Stooges

IMPORTADOS

- Kate Bush, *This Woman's Work* Caixa do nove LPs de Kate Bush, recebida com entusiasmo desmedido pela crítica inglesa.
- Gang Of Four, *A Brief History Of The Twentieth Century* Coletânea organizada para coincidir com o lançamento de um novo LP da Gang, previsto para breve.
- Vários, *Manchester — So Much To Answer For* O título é de Morrissey, presente (com os Smiths) nessa coletânea que tenta retratar a "cena de Manchester" com gravações feitas no programa de rádio de John Peel.
- London Posse, *Gangster Chronicles* A revelação do hip hop londrino de 88 chega ao seu primeiro LP sem perder o pique.
- Skin, *Ten Songs For Another World* Terceiro álbum do grupo que inclui metade do Swans. Uma espécie de Cocteau Twins sem Liz Fraser.
- *The Geto Boys* Primeiro LP do grupo de rap que consegue ser mais violento que o Public Enemy e mais sexista que o Niggers With Attitude.

KATE BUSH

Divulgação

BERLIM

O ano de 1990 se foi. Ano da reunificação alemã, dizem todos. Mas nem bem o muro havia sido demolido e a Alemanha se via novamente "ocupada". Uma ocupação sem data para terminar, que caracterizaria todo o ano musical de 90. Começou em maio, com as turnês de Billy Joel e Phil Collins. A partir daí, o boom dos concertos — sobretudo aqueles ao ar livre — não pôde mais ser freado. Nunca houve tantos shows internacionais nesse país. Prince, Madonna, Midnight Oil, David Bowie, Aerosmith, Whitesnake, Rolling Stones, Public Enemy, Sinéad O'Connor foram alguns dos visitantes — isso sem falar, é claro, no *The Wall*, de Roger Waters • Nem só de megaconcertos viveu Berlim — entre os eventos musicais do ano, tivemos o *JazzFest 90* (com Dizzy Gillespie, Chaka Khan, Pat Metheny), o *Total Music Meeting* (feira de música e instrumentos de dar água na boca) e o terceiro *Berlin Independence Days* (com a presença de 130 bandas de mais de vinte países em três dias de shows, discussões e exposições sobre a produção musical independente) • Revelações do ano: Poems For Laila, quinteto berlinense e com uma mescla de soul, beats de guitarra e folclore da leste europeu; Axois, heavy metal de Dortmund; e The Jeremy Days, banda de dance music de Hamburgo que acaba de lançar o LP *Circushead* — uma miscelânea de guitarras psicodélicas, *rock-shuffle*, *flower-power-sounds* e house-beat • A principal tendência para 91 é a invasão da dance music, em suas formas mais psicodélicas. Vamos esperar para ver.

MASSILON CROTOLO

MR. ROCK'N'ROLL

João Santos Azul

Um disco de covers de Raul Seixas dá uma chance para as novas bandas. Pode ser a sua

Se tem um cara que nunca recebeu o crédito que merecia foi Raul Seixas. Foram anos de falta de grana, de boicote, de sacanagens diversas. Um absurdo. Afinal, pouca gente retratou com maior fidelidade o esculhambação generalizado deste belo país-tropical. Mesmo gente ainda conseguiu cutucar com tanta eficácia o nervo de nossas suburbanas frustrações terceiro-mundistas. E absolutamente ninguém captou antes, no Brasil, o verdadeiro espírito de inquietação do rock'n'roll.

Por absoluta marcação nossa, o aniversário da morte de Raul Seixas, no ano passado, passou sem registro na BIZZ. Para compensar, estamos dando um presente aos raulmaníacos de todos os graus. Em junho, quando Raul faria 46 anos, será editado um disco em homenagem a ele, com vários grupos fazendo suas versões de seus clássicos. A gravadora ainda não está definida: há três interessadas. Mas podem confiar que vai sair — nem que seja por uma independente.

Pois bem, e onde é que a BIZZ entra nisso? Cadê o presente? Seguinte: propusemos uma coisa para os caras que bolaram o projeto e eles toparam. Queremos que os leitores da revista participem da escolha das músicas e das bandas. Mande uma carta com as cinco músicas que você faz questão que estejam neste álbum, mais cinco bandas que você acha que têm cacife e estilo para fazer justiça à obra de Mr. Seixas. Metade das faixas e das bandas que participarem do disco sairão desta eleição. As cinquenta melhores sugestões receberão o disco — de graça.

Se você tem uma banda, melhor ainda. Mande uma demo para a redação da BIZZ; pode ser uma música sua, ou uma cover do Raul. A melhor (ou as melhores) será chamada para gravar uma faixa, que entrará no disco. A idéia, é bom lembrar, não é ser o mais fiel possível ao original, e sim ser fiel ao espírito da música e da obra de Raul.

A apuração tem de ser feita o mais rápido possível para que seja respeitado o prazo de lançamento, prevista para junho. A produção será de Alex Antunes e Carlos Eduardo Miranda, dois velhos conhecidos dos leitores da BIZZ e responsáveis pela produção de *Sanguinho Novo*, o disco de covers de Arnaldo Baptista, lançado em 89.

Assim, vamos tentar homenagear Raul Seixas como ele merece: descolando discos de graça para os seus maiores fãs, e dando uma chance aos melhores grupos iniciantes que ainda estão à margem do mercado. Gostou da idéia? Então manda logo essa carta e essa demo para cá. *ANDRÉ FORASTIERI*

Três momentos de Raul: no início de carreira, nos últimos shows (na página oposta) e nos tempos em que freqüentava o fã-clube de Elvis

Arquivo Pessoal

ALTA ROTAÇÃO

THE PWEI CURE FOR SANITY, Pop Will Eat Itself Alan Moore, Cicciolina, maioria moral e diabo a quatro, com uma trilha sonora que ao mesmo tempo dá para dançar e é entupida de guitarras e barulhos. Se você é são, vai se curar rapidinho; se já é maluco, vai direto para o asilo Arkham. *Dig it?* **A.F.**

Os puristas chiaram, mas, com uma edição, **RED, HOT & BLUE** é ótimo, Cole Porter continua mestre, nas vozes de Annie Lennox, K.D. Lang, Neville Brothers, Sinéad O'Connor... **A.C.M.**

MIXED UP, Cure Entre remixes saborosos — "Close To Me", "Fascination Street", "Never Enough" — e abomináveis — "Hot, Hot, Hot", "Pictures..." —, Bob Smith mostra que o melhor é não se levar a sério. **M.A.G.**

"I'm Free" é a música, **LOVEGOD** é o álbum, **Soup Dragons** é a banda. Se você não tem MTV em casa ou na sua cidade, já tem a dica do melhor que rola por aqueles lados. **C.M.**

PILLS, THRILLS AND BELLYACHES, Happy Mondays Uma *guitar band* que assimila a dance music a sua formação rock de forma muito original. Boa receita para começar a semana feliz. **C.P.**

O MAPA DA MINA

Em março, além da BIZZ normal, vamos lançar uma edição especial com tudo sobre a história do reggae. Para abrir o apetite, aqui está o serviço completo do gênero no Brasil

Os critérios na preparação deste mapa foram duros: buscou-se apenas os nomes que trabalham com reggae full-time (ou quase). Assim, Gilberto Gil e Titãs não aparecem, e programas de rádio como *Trip 89 e Surf Report* (São Paulo), *Ronca Tripa* (Rio) ou *Ondas E Lambras* (São Luís), que tocam reggae com alguma regularidade, também não foram incluídos. Correções, sugestões e críticas serão bem-vindos: cartas para a redação.

SÃO PAULO

BANDAS
Walking Lions, Sinsemilla, Nomad, Pacíficos Do Ilha, Vandaluz De Shocolate, De Repente, Radical Roots, Gandhi, Luiz Vagner & Amigos Leais, Cacau Gambi e Otrabanda

RÁDIO
Disco Reggae (Band FM — 96,1 MHz)
Reggae Raiz (Brasil 2000 FM — 107,3 MHz)

CIRCUITO
Disco Reggae Night (Aeroanta)
Reggae Raiz Dancing (Dama Xoc)
25.ª Hora Bar
Reggae Night Bar

EQUIPES
Chic Show
Zimbabwe
Black Mad
Circuit Power
Dinamite
Kaskatas
Musicália
Disco Reggae

FÃ-CLUBES
UB40 Fan Club Reggaemaníacos (Av. Coriteu de Azevedo Marques, 4788, ap. 23, S. Paulo, 05340)

PUBLICAÇÕES
Disco Reggae News

RIO DE JANEIRO

BANDAS
Cidade Negra, KMD-5, Dom Luiz Rasta, Reppolho, Nabi Clifford, Paralamas, Mighty Reggae Beat, Ubandu Du Reggae

KMD-5

Ricardo Siqueira Azul

OLODUM

Z. Vicente Azul

RÁDIO
Rastafari (Cidade FM — 99,7 MHz)

CIRCUITO
Reggae Night (CircoVoador)
Rio Reggae Night (Rio Jazz Club)
Bali Bar
African Bar
Mariuzinn
Usafricarib

FÃ-CLUBES
Fã-Clube Bob Marley Reggae Music (Rua Almirante Tamandaré, 646, Nova Cidade, Nilópolis, 26500)

BAHIA

BANDAS
Edson Gomes E Banda Cão De Raça, Terceiro Mundo, Lazzo, Remanescentes, Muzenza Do Reggae, Olodum, Dado Brazaville, Ubaldo Waru, Tanho De Onorina, Jorge De Angélica, Reflexus

RÁDIO
Afro Reggae (A Tarde FM — 104 MHz)
Reggae Special (A Tarde FM — 104 MHz)

CIRCUITO
Pelourinho
Rua do Reggae
Barô do Pelô Bar
Bar do Reggae

FÃ-CLUBES
Fã Club Reggae of Jamaica (Rua 1, Quadra J, 305, Inocop, Pojuca, 48120)
Templo Reggae Music (Rua Gregório de Matos, 31, ap. 101, Pelourinho, Salvador, 40025)

MARANHÃO

BANDAS
Tribo de Jah, Banda Cortaz

JAI MAHAL (PROGRAMA REGGAE RAIZ)

Lévy Pérola Azul

RÁDIO
Radio Reggae (Mirante AM — 600 MHz — e Mirante FM — 96,1 KHz)
Negra Melodia (Educadora AM — 580 KHz)
Reggae Dance (Cidade FM — 99,1 MHz)
Clube do Reggae (Ribamar AM — 1470 KHz)
Reggae nos Bairros (São Luís AM — 1340 KHz)
Conexão Caribe (Difusora FM — 94,1 MHz)
Exodus (Universidade FM — 107,9 MHz)

CIRCUITO
Espaço Aberto
Toque de Amor
Pop Som
União do Bairro de Fátima
Beiradão
Kingston Clube

RADIOLAS
(Equipes de som)
Jah System
Voz de Ouro Canarinho
Black Power
Vera Cruz
Menina Veneno
Sinal Verde
Naif Som
Estrela do Som
Águia do Som
Asa Branca

PUBLICAÇÕES
Jornal do Reggae
Jornal O Tambor

FÃ-CLUBES
Fã-Clube do Reggae (Travessa do Palmeiro, 99, São Luís, 65000)

PIAUÍ

CIRCUITO
Salões de dança (discos 33RPM tocados em 45RPM)

PARANÁ

RÁDIO
Reggae African Beat (Estação Primeira FM — 90,1 MHz)

FÃ-CLUBES
Reggae's Club (Caixa Postal 3386, Curitiba, 80000)

MARGARETH MENEZES

Ricardo Siqueira Azul

CIRCUITO
African Bar, AeroAnta

BRASÍLIA

BANDAS
Renato Matos

RÁDIO
Mama Africa (Cultura FM — 100,9 MHz)

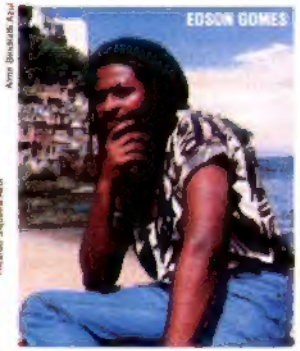
CIRCUITO
Akirinpere Bar
Noite do Reggae (Bom Demais Bar)

SERGIPE

FÃ-CLUBES
Fã-Clube África-Brasil (Rua C, 211, Jardim Santo Antônio, Aracaju, 49000)

PARÁ

FÃ-CLUBES
Belém Reggae Music Club (Rua Municipalidade, 25, Belém, 66030)


EDSON GOMES

Almir Brasiliano Azul

LAZZO

Almir Brasiliano Azul

O PULSO

reggae • world beat

A palavra de hoje é: desencana. Enquanto Spike Lee está abrindo sua primeira loja no Brooklyn, Nova York, e Neneh Cherry está indo para Minneapolis gravar com Prince, você pode desencanar com *Music From Bali* (Lyrichord) — um CD que você encontra na sua loja preferida de importados. São 55 minutos de música de gamelan — instrumento balinês tipo marimba — dedicados ao deus balinês do amor. Feche os olhos e pense numa coisa boa • Falando em coisas boas: nos EUA, segundo a revista *Beat*, especializada em reggae e world music, as rádios tipo WBLS e Kiss, ambas FM, ambas dance, estão deixando entrar cada vez mais reggae na programação normal. O estilo dance hall predomina com artistas como Shabba Ranks, J.C. Lodge e Steely and Clevie. Tem batida de hip hop, tem melodias e vocais leves — estilo pop —, rapping e toasting • Menos reggae e mais pop é Ultra Nate, 21, de Baltimore, EUA. No primeiro LP dela, *First And Foremost*, lançado no Eternal — um subsidiário da WEA especializado em música negra —, ela demonstra uma capacidade vocal feroz. A produção é do trio de DJs/produtores Basement Boys da mesma cidade e é intensa. Baixo profundo. Ultra Nate, para gente, é world music pelas mesmas razões que Mano Negro com o LP *Puta's Fever* (Virgin/EMI): nenhum deles é daqui. É do mundo. Percebe? Desencana • *Pulso* é uma coluna mensal que acredita numa vila global, uma idéia central e diversificação total. Escreve.

JOÃO MONTANHA

FOLK ROCK BEBAÇO

O guitarrista Philip Chevron e o baixista Darryl Hunt relatam as proezas etílico-musicais dos Pogues

"Você é do Brasil?", me pergunta Darryl Hunt, ao entrar na sala de entrevistas acompanhado por Philip Chevron. "Santos! Vasco da Gama!" O guitarrista Phil e o baixista Darryl são um quarto dos Pogues, o grupo irlandês — apesar de eles protestarem contra este rótulo — que mistura pop, rock, instrumentos tradicionais, música espanhola e irlandesa e muito álcool. Ao lançarem seu disco anterior — *Peace And Love* (89) —, os Pogues enfrentaram uma verdadeira maratona de shows ao redor do mundo, que culminaram com o sumiço de Shane MacGowan, seu principal vocalista e compositor, no meio da turnê americana.

Os problemas de Shane com a bebida são bem conhecidos, mas eles juntaram os pedaços e lançaram no fim do ano passado outro álbum, *Hell's Ditch*. Phil: "O Shane escreveu a maioria das músicas, duas ou três com o Jem Finer (*banjo*). O Terry Woods (veterano guitarrista remanescente da formação original do Steeleye Span) compôs 'Rainbow Man' e 'Six To Go', enquanto Jem fez 'The Wake Of Medusa' ". Darryl: " Acho que este é um dos pontos fortes dos Pogues: o fato de Shane escrever a maioria das canções, mas de haver também espaço para os outros. Ele aparece com uma idéia e nós a interpretamos da nossa maneira. Neste aspecto, pode-se dizer que trabalhamos como um time".

Após o desaparecimento de Shane — a banda foi obrigada a tocar sem ele — e os rumores sobre o fim dos Pogues, a preparação para o disco seguinte não foi nada simples. Phil: "Não pude comparecer a vários ensaios, mas em geral concordei com a direção em que estávamos indo". Darryl ri: "Eu não sabia exatamente onde estávamos indo, mas sabia o que *não* queria fazer desta vez. Quando Shane nos mostrou suas músicas, por causa das coisas que tinham acontecido no passado, nós sabíamos no que trabalhar, quais escolher".

A grande mudança foi na escolha do produtor. Em vez de Steve Lillywhite, os Pogues escolheram o velho amigo Joe "Clash" Strummer. Phil: "Foi uma escolha natural. Joe é alguém que conhecemos bem". Darryl: "Isso não significa que nunca mais trabalharemos com o Steve. Fizemos com ele e Kirsty MacColl nossa participação no *Red, Hot + Blue*, aquele disco para o AIDS".

Phil completa: "Tanto nós como Steve sentimos que havíamos esgotado as possibilidades de trabalharmos juntos, por enquanto. Com Joe foi bem diferente, sempre é! Nós mudamos conforme o produtor, mas ele também muda conforme o que queremos".

Embora sejam considerados uma banda irlandesa, os Pogues recusam-se a aceitar a "nacionalidade". Phil: "Não temos nada em comum com outras bandas irlandesas. Tanto podemos trabalhar com a música irlandesa como a espanhola. E depois, nem todos nós somos irlandeses". No novo LP, os elementos espanhóis e orientais se fazem ainda mais presentes. Darryl: "Estas coisas estão ficando mais bem focadas. Após termos feito três álbuns com influências espanholas, por exemplo, ficamos mais desinibidos. Antes havia certa inibição em relação à abordagem do estilo, mas agora é muito mais natural". Phil: "A música folk em geral é a mesma em qualquer parte do mundo, assim como as necessidades e os problemas humanos; é isso que a torna tão especial. É como aquele velho clichê da música irlandesa ser a base do country e do bluegrass, que originaram o rock'n'roll. O clichê é verdadeiro e, por isso, rock'n'roll é folk! A música viaja, assim como as pessoas".

Depois da beleza de *If I Should Fall From Grace With God* e da frieza com a qual *Peace And Love* foi recebido onde se situa o novo LP no universo pogueseano? Phil: "Ele é diferente, é mais' otimista. Me disseram recentemente que parece um disco feito com tranqüilidade. Antes estávamos fazendo álbuns que eram o oposto disso. É o som de uma banda se divertindo" Darryl concorda e acrescenta: "É o LP mais cheio de humor que já fizemos. Antes nos levaram a sério demais". Phil: "Você pode gostar ou não de nossos discos, mas uma coisa é certa: eles sempre refletem o estado da banda naquele momento. Somos honestos sobre isso". Darryl mostra a língua e diz: "É como a língua de uma pessoa. Se ela está bem de saúde, a língua tem uma aparência saudável. O mesmo ocorre com os nossos álbuns: não os consideramos bons ou ruins, eles apenas refletem aquilo que somos naquele momento específico, felizmente ou infelizmente".

ANAMARIA G. DE LEMOS

Darryl: Jesus & Mary Chain, DJs, Robert Wyatt

• "Tínhamos muito a ver com os Undertones, por exemplo. No momento, estamos próximos do Jesus & Mary Chain, talvez até de Happy Mondays. O som é diferente, mas a atitude é parecida: o descaso pelo palco..."

• "Veja só estes DJs que não sabem tocar nenhum instrumento... Eles pegam músicas dos outros e criam a sua própria. Eles adicionam aqui, tiram dali, isso também é música folk! Com o hip hop é o mesmo coisa: garotos negros que não tinham instrumentos e saíram tocando. Isso é folk!"

• "Robert Wyatt, por exemplo, foi uma das primeiras pessoas a mostrar que músicas folk de diversas procedências têm em comum o fato de virem do coração das pessoas. Isso nos leva até Jimi Hendrix. Ele fazia isso muito melhor do que toda essa gente que apresenta *new world music*... Como o David Byrne, que vai até o Rio e pega uma banda de lá *(risos)*. Ele não entendeu nada. Se preocupa tanto com estilo que não vê o conteúdo."

Philip: Les Negresses Vertes, Sinatra, Hendrix

• "As pessoas vivem dizendo que Les Negresses Vertes são semelhantes a nós. É claro que não têm nada a ver."

• "Para mim é um esforço tremendo ouvir bandas novas. Talvez eu saísse e comprasse um disco dos Stone Roses e acabasse adorando, mas é esforço demais. A vida é curta demais para passá-la tentando descobrir que uma entre vinte bandas é boa. Prefiro ficar em casa ouvindo Frank Sinatra porque já sei que suas músicas são boas. Não sou reacionário, apenas tento simplificar as coisas. Afinal, minha vida não é só música."

• "Jimi Hendrix entendia o que estava fazendo. Não se encaixava na cultura americana da época, mas mudou a cena do blues britânico. Aqui ele encontrou liberdade para experimentar. Sua atitude era totalmente oposta à de Eric Clapton, que apenas reverenciava o blues enquanto estilo. Hendrix era diferente: tinha um dom natural e entendia a conexão entre diferentes culturas e não via barreiras entre elas."

Philip e o baterista Andrew Ranken: à procura de Shane MacGowan (abaixo), o desaparecido

Steve Double Press

RAIZ

country • folk • blues

As proporções e a diversidade do mercado de CDs nos EUA possibilitaram o ressurgimento de alguns dos mais importantes discos de blues já registrados, em versões remasterizadas e valorizadas pela fidelidade da leitura a laser. É o caso de *Live At Regal*, de B.B. King, que foi relançado em CD pela MCA. Gravado em novembro de 64, ele foi editado originalmente pelo selo ABC no ano seguinte e até hoje é considerado um dos mais perfeitos álbuns de blues ao vivo, capturando o guitarrista no ápice de sua forma. Um clássico. • Pequenas derrapadas nas trilhas do blues no número passado de BIZZ: a grafia correta do nome do historiador e pesquisador da obra de Robert Johnson é Stephen C. LaVere, bem como a coleção dedicada à música de raiz lançada pela CBS americana chama-se *Roots N'Blues*. • E por falar nesta coleção, Robert Johnson não foi o único resgatado em sua primeira tornada de lançamentos. Mais sete álbuns foram editados em CD, fita-cromo e em edições limitadas em vinil. Três deles são dedicados respectivamente ao pioneiro Lonnie Johnson (*Steppin' On The Blues*), Big Bill Broonzy (*Good Time Tonight*) e Willie Dixon (*The Big Three Trio*). Os restantes são coletâneas que se pautam em números clássicos (*Legends Of The Blues: Volume One*), na associação do blues com acontecimentos históricos ao longo de meio século (*News And The Blues: Telling It Like It Is*), nos mestres de um estilo (*The Slide Guitar: Bottles, Knives & Steel*) e na herança musical acadiana da Louisiana (*Cajun Vol. 1: Abbeville Breakdown 1929/1939*). *CELSO PUCCI*

O retorno do canastrão

Foram três anos de ausência, desde o lançamento de Skyscraper, em 87. Agora, Dave Lee Roth tenta recuperar o público perdido

No alto, o vocalista na época do Van Halen. Acima, no clip de "Just A Gigolo". Abaixo, com a banda de Eat'Em And Smile: *Greg Bissonete, Steve Vai e Sheehan*

Meu primeiro encontro com Dave Lee Roth foi um desastre que por pouco não terminou em tragédia. Numa noite morna de 1981 entrei no camarim do Van Halen, no Maracanãzinho, já camboleante — cortesia Brahma Chopp — e fui escoltado pela adida brasileira da banda, Marúcia, para um bufê nababesco. Ignorei solenemente as saladas variadas, os peixes grelhados e os doces e me atraquei com um litro ainda virgem de Jack Daniel's.

Sentei-me ao lado de Dave, que conversava animadamente com Jamari França. Os dois gargalhavam muitíssimo, repartindo alguma piada. Parte da piada começou a chegar aos meus ouvidos — em frangalhos, após o show que acabara de terminar — quando... e esse é a última coisa que consigo lembrar. Sei que cheguei em casa rastejando, ofegante, depois de ter dado uma carona para algumas pessoas, entre elas o pobre Jamari. Como chegamos vivos, até agora não sei.

Quase uma década mais tarde, Dave está caminhando em direção à piscina que enfeita sua mansão de vinte quartos em Pasadena, Califórnia, a mesma cidade onde nasceu o Van Halen. As únicas bebidas à vista são dois copos d'água. Sem gelo.

A piscina — de certa forma acanhada para as dimensões do terreno — é enfeitada por um chafariz e dois caiaques. "O azul já esteve no Ártico duas vezes", diz Dave, imediatamente mudando o tom da oratória e saindo-se com uma piada. "Parecem dois cisnes, não? Ha, ha, ha, — não fazem onda, não preciso alimentá-los... e não são tão sazonais, ho, ho, ho."

"É aqui que me refugio para criar", sai explicando Dave Lee, antes mesmo que se consiga perguntar a ele qual o motivo de tão longo sumiço após o lançamento de seu último álbum solo, *Skyscraper*, de 1987. "Como artista, não consigo criar na frente do público. Não posso viver minha vida pessoal com uma platéia me olhando. É por isso que Dave Lee Roth desaparece por completo de tempos em tempos. É a escola Z Z Top de pensamento: 'Quando você some, você some mesmo' (*gargalhadas*)."

Foi no porão desta mansão que Dave lapidou as doze faixas de seu novo álbum, *Little Ain't Enough*. (O título original, *Cut'N Out*, foi censurado pelos distribuidores, que alegaram conotações sexuais resultantes da "conjunção do título com a colocação de uma tesoura na capa do LP"). O disco foi gravado em Vancouver, no Canadá, com produção de Bob Rock — o mesmo que pilotou os discos mais recentes do Cult, Mötley Crüe e Aerosmith. Dave preferiu trabalhar na encolha porque "se você está em Hollywood, seja lá em que estúdio for, as paredes têm ouvidos" (*risos*).

Mas por que o Canadá?

Primeiro, porque Bob Rock mora e trabalha lá. Segundo porque Dave e seus músicos — alguns, companheiros de outras empreitadas (como o baterista Greg Bissonette), e outros, recém-chegados (como o guitarrista Jason Becker) — precisavam do que Roth define como "foco".

"Como é que você vai conseguir fazer uma música que seja premente com um hambúrger que custou doze dólares no estômago? Não dá. Biologicamente, é impossível, acredite. É preciso deixar tudo isso para trás. Vamos mudar nossa geografia. Vamos mudar de país."

Dave e seus músicos passaram quatro meses e meio num hotel fuleiro na região mais barra pesada de Vancouver — um pulgueiro cuja diária de quinze dólares dava direito a três toalhas "fininhas" por semana. O hotel ficava em cima de um inferninho especializado em strip-teases. "Se nada disso servisse para alguma coisa", argumenta Roth, "no mínimo criava um ótimo ambiente."

O disco resultante é, ao mesmo tempo, desigual e surpreendente. Duas das melhores faixas foram compostas em parceria com Robbie Nevil, *ex-darling* da MTV que ficou conhecido poucos anos atrás pelo hit "What's It To Ya?". A faixa-título e "Shoot It" são repletas de ganchos, pirotecnias guitarrísticas e insinuações sexuais — rolos compressores no estilo que Roth tornou famoso. "Baby's On Fire" é o tipo de funk pós-nuclear que o Led Zeppelin talvez fizesse, caso tivesse nascido para o mundo meses atrás.

Apesar disso, é um disco reflexivo, com pausas para meditação ("Tell The Truth", "Sensible Shoes"). Será que Dave Lee Roth ficou introspectivo? "Você precisa ver todos os lados da moeda", argumenta Roth. "Se um artista for unidimensional, torna-se chato e caricatural."

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

METAL

hard • heavy • trash

Saiu o mais recente trabalho do Kreator, com o nome *Coma Of Souls* • A banda dinamarquesa Artillery lançou o LP *By Inheritance* • O novo álbum do Metallica, que em breve deverá estar nas lojas de discos, está sendo produzido por Bob Rock, o mesmo que produz os discos do Bon Jovi, Mötley Crue e Cult • Em homenagem ao vigésimo ano da morte de Jimi Hendrix, o grupo The Hamsters lançou o disco *Eletric Hamsterland* • Debaixo de fortes rumores sobre uma possível volta, o lendário guitarrista do Led Zepellin, Jimmy Page, produziu um álbum triplo com sua retrospectiva do Led, batizada como *Remasters* • Lançaram álbum no final do ano, no hemisfério norte: o Blackfoot, *Medicine Man*; a banda canadense Helix, *Back For Another Taste*; o Rage, *Reflexions Of A Shadows*; o White Lion, seu quarto álbum *The Many Attraction*, que tem "Blue Monday Blues", em tributo a Steve Ray Vaughan • O primeiro álbum de heavy - tecno - metal da banda Wolf Spider acaba de sair com o título *Kingdom Of Paranoia* • O Tesla teve seu último álbum lançado com o nome *Five Man Accoustical Jam* • Entraram em janeiro em estúdio as bandas: Chakal, Atomica, Megahertz e Holocausto • Também entrou em estúdio a banda Avalon, com o lançamento do 2.º álbum previsto para abril. Da formação original restam apenas o baixista William e o guitarrista/vocalista Ico • Será lançado este mês o novo álbum do DeFalla, pela Cogumelo Produções.

PAULO DE N. CAMPOS

LOUCO PELO TOM

Já é manjado em discos de rock o aviso "Ouça em alto volume!" Mas este aqui, cortesia do Anti-Group (T.A.G.C., para os íntimos), uma misteriosa corporação da qual Newton é o membro mais visível, é novidade: "CUIDADO com o volume, ou determinadas freqüências podem furar seus alto-falantes." O alerta, a sério, vem na capa do LP *Test Tones*, o segundo do T.A.G.C. Meontological, uma subdivisão do T.A.G.C. — que, por seu turno, tem mais um EP, *ShT*, e o LP *Digitaria*, além de faixas dispersas em coletâneas e singles. O primeiro deles, "Ha/Zulu", mixado pelo Cabaret Voltaire, é hoje uma raridade — o que lhe resta deve acabar ocorrendo com *todas* os seus discos.

Clock DVA e T.A.G.C., as loucuras eletrônicas do exótico Adi Newton

Se considerarmos que Newton é também o único elemento de ligação entre os quatro fases do já mítico Clock DVA (soul/noise; rock industrial; jazz-fusion e a volta, no ano passado, com eletrônica pura — uma espécie de T.A.G.C. mais musical), dá para perceber nele o mesmo apego à guerrilha de siglas demonstrado por Martin Ware e Ian Craig Marsh, seus parceiros do Future (embrião da Human League).

Mas enquanto seus chapas de Sheffield derivaram, via British Electric Foundation e Heaven 17, para horizontes pop mais palatáveis, Newton vem se debruçando sobre matérias cada vez mais abstrusos. Da cosmogonia dogon (uma tribo Mali) vista à luz da Antropologia e da Astrofísica, da magia de Aleister Crowley (toma tua linha, Paulo Coelho!) à tal meontologia, à patafísica e à farmacologia magnética, Newton vai aprofundando o conceito Ambisonics. Trata-se de uma técnica de gravação que otimiza o efeito estéreo — através da computação, *várias* direções podem ser codificadas em seus dois únicos parâmetros, criando envolventes "esferas sonoras".

A isso se chama "psicoacústica" (alô, rapaziada do Iral Nada a ver com canções "pessoa"). Pela ordem de audibilidade, tentem antes o Clock DVA, inclusive os magníficos (e pré-Ambisonics) discos lançados entre 80 e 84: *White Souls In Black Suits, Thirst, Breakdown EP, Advantage* e outro EP cujo nome jamais descobri (algum clockmaníaco de plantão?). O guitarrista John Valentine Carruthers, que esteve no Brasil com os Banshees, confessou que a formação que gravou *Advantage* (relançado agora em CD) acabou em pleno palco, numa briga em que Newton arrebentou o trompete na sua cabeça. Os mais recentes são os singles "The Hacker" (maravilha do *hard* eletrônico), e "The Act", "Sound Mirror" e o LP *Buried Dreams*.

E só então o T.A.G.C. e, finalmente, o T.A.G.C. Meontological, onde as referências rítmicas e as vozes identificáveis vão cedendo lugar a massarocas de freqüências nos limites da percepção do ouvido humano — inclusive algumas recebidas diretamente da Ursa Maior (também é sério). Mas — é só para complicar — o T.A.G.C. Meontological tem *também* o seu dance hit (?!), "Broadcast Test", um *test tone* com beat e tudo. Entendeu? Nãoo?!

OK: escreva para T.A.G.C./BMC Mythos, London WCLN 3XX, Inglaterra, e solicite o folheto *Rotogravure — Addiction 1*, que descreve os princípios científicos e esotéricos das freqüências sonoras, em um artigo esclarecedor: "No Limite do Incompreensível"...

ALEX ANTUNES

ELECTRO

tecnopop* ■ *EBM

Existem rumores sobre a reintegração de um dos maiores expoentes da música eletrônica de todos os tempos, Kraftwerk, que não manda notícias desde 86, data de *Electric Cafe* • Quem está preparando novo disco é o Clock DVA • Uma união ao menos curiosa: Lydia Lunch colaborou com o novo compacto dos americanos My Life With The Thrill Kill Kult (quem?) chamado "Cuz It's Hot" (Wax Trax), produzido por Al Jourgensen (Ministry, Revolting Cocks) • Os suecos do Cat Rapes Dog lançam o segundo álbum, *God, Guns & Gasoline* (KK), fundindo DAF com aggrepo • O duo holandês Fatal Morgana está sendo considerado o mais novo must dentro do universo da electronic body music. *The Destructive Soluction* é o nome de seu primeiro álbum e foi editado pela Antler-Subway • Já que estamos falando da Antler, os "queridinhos" deste selo belga, A Split Second, estão em estúdio preparando material para um novo disco • Para quem gosta de música eletrônica existem pouquíssimas opções em São Paulo. Uma delas é o Espaço Retrô, sob o comando do DJ Peque. O *techno-chart* deste mês é dele. 1.° — "Mental" (Cat Rapes Dog); 2.° — "Demo Tape III" (Swamp Terrorists); 3.° — "Numbers" (Kraftwerk); 4.° — "Tragedy For You" (Front 242); 5.° — "Glasnost" (Fatal Morgana); 6.° — "Civil War" (Touch El Arab); 7.° — "Ladyshave" (Frank Tovey); 8.° — "No Free Lunch" (Data-Bank-A); 9.° — "Being Boiled" (Human League); 10.° — "Agilote" (Noise Unit)

ENÉAS NETO

7 ANOS
FAZENDO A EMOÇÃO FLUIR

Parabéns à galera.

E que nos próximos 7 anos,

o mar continue azul.

EDITORA AZUL

Nas bancas.

THAÍDE NA VEIA

Ao lado do DJ Hum, ele lança um novo disco e promete revolucionar o hip hop

O hip hop brasileiro esta atingindo a maioridade. Com o seu segundo LP, Thaide e DJ Hum conseguiram elevar a arte das palavras e dos tocadiscos ao nivel de verdadeira música. Chega de falação em cima de batera eletrônica disfarçada com uns vup-vups fuleiros de scratch. A coisa agora é a sério.

Para conseguir esse resultado, a dupla apostou mais uma vez em Nasi e André Jung, ambos do Ira e produtores do 1.º LP, e no apoio técnico de dois músicos escolados na vanguarda paulista, R. H. Jackson e Akira S.

Thaide e DJ Hum, Parte 2 — A Resposta é resultado da evolução do seu trabalho de criação. "O primeiro disco foi feito sem sacar o que tava rolando. Agora aprendemos a ouvir a música, não só o rap", diz o DJ Hum. E isso refletiu até na forma de compor. Hum preparou, para esse disco, todas as bases em loop de fita, que foram posteriormente transpostas para o sampler, durante o trabalho de estúdio. Além desse trabalho de edição eletrônica, DJ Hum teve o prazer de trabalhar com o que mais gosta: os discos. O amor do DJ pelos discos é tamanho que, uma vez, quando teve de optar entre uma namoradinha ciumenta e sua preciosa coleção de vinis ele sabiamente optou pela segunda. Thaide não perdoa: "Ele é assim até hoje. Prefere disco à mulher e vai ser assim até a morte. Esse cara tem palavra".

Nesse quebra-cabeças discográfico, que serve de base para os raps de Thaide, DJ Hum capinchou em uma seleção de beats e riffs que inclui Headhunters, The Meters, Brass Construction, Elis Regina, Legião Urbana, Paulo Malut, Clash, Fela Kuti e, ainda, o pop metido do Style Council. Nasi sentencia: "Esse trabalho é uma mistura de bruxaria com pirataria. Um conceito caleidoscópico, fruto do caos filosófico gerado pela crise mundial".

O primeiro disco, *Pergunte A Quem Conhece*, que chegou a vender 22 mil cópias, foi gravado com os tradicionais baixo, batera, guitarra e teclados. A opção, nesse segundo LP, por um trabalho quase que exclusivamente com discos veio, segundo DJ Hum, das inovações do De La Soul. "Eu tinha em casa uma porrada dos discos que eles usaram. Os caras piraram e eu não tinha tido a manha."

Para arrematar essa colagem, foram usados equipamentos de alta tecnologia *(ver box)* operados por R. H. Jackson, músico experiente em programação de computadores e sequenciadores. Uma ou outra batera eletrônica foi adicionada por André Jung, "para dar peso". De instrumento "tocado" de verdade, só uns baixos de Akira S. em duas faixas. Thaide responde a quem acha que tecnologia é muleta de mau músico: "Na época do Pixinguinha não tinha batera eletrônica, então o cara tinha de se virar com percussão de coquinho e chocalho. Eu não sei tocar violão mas pego um disco e monto uma música".

"Com 5 anos eu brincava de pega-pega/correndo da polícia pelos becos da favela/com 7 descolei minha primeira bicicleta/de um burguês no parque do Ibirapuera/com 8 eu cheirei cola de sapateiro/não gostei do cheiro." Thaide não gosta de falar de drogas — "Se eu falo bem me criticam. Se eu falo mal de maconha, todo mundo que gosta não vai comprar o meu disco." Hum vai mais longe e acrescenta que "tudo que te deixa paranóico te estraga a vida. Até música".

Os caminhos da experimentação musical de Thaide e DJ Hum conduzem para uma linguagem cada vez mais brasileira e internacional. "Para o próximo disco estamos a fim de descobrir o elo de ligação entre o hip hop e o Brasil. Acredito que vamos estar trabalhando a nível de world music, coisa que até já tem nesse LP. Ele foi feito para ser escutado com atenção." Assim falou DJ Hum. E Thaide completa: "No próximo pode ter alguma coisa em inglês. Eu gosto de aprender algumas coisas, tipo como dar uma cantada numa mina. De repente uma chega para mim e fala um montão. Eu vou responder 'I don't speak english'".

CARLOS EDUARDO MIRANDA

TECNOLOGIA HIP

Afora os pick-ups pilotados por DJ Hum, uma boa variedade de apetrechos tecnológicos foi utilizada na gravação de *Thaide e DJ Hum, Parte II — A Resposta*. Eis a lista:

Baterias Eletrônicas — Roland 707, 727, 626 e R 8/Alesis HR - 16

Sintetizadores — Roland MT 32/Oberheim Mó

Samplers — Prophet 2000/Roland MKS 100

Computador — Apple 2 E

Software — Dr. T

ESTÚDIO

O que se pode fazer, em termos de lançamentos de pop nessa de cada dia, quando o mercado fonográfico está imerso em uma reverberação/ressaca pós-Rock In Rio pré-carnavalesca? Quando o horizonte econômico anda com uma névoa tão densa que quem se mete a enxergar alguma coisa através dela acaba com um galo na testa? • As gravadoras acabam por optar, obviamente, por *produtos* que representam menor risco. • A CBS (agora Sony) vai nessa barca, cultivando seus lançamentos do mês passado. Santana, George Michael, Megadeth, New Kids On The Block e Andrew Ridgeley (que formava com Michael a dupla Wham!, ressuscitada no Rock In Rio). • A WEA vai meio por aí também. Sua divisão de nacionais parece preferir mandar para estúdio os carinhas conhecidos de Titãs, Kid Abelha, Ed Motta e Ultraje À Rigor. • A PolyGram optou por dividir seus lançamentos entre novidades (entenda-se riscos) e produtos de interesse do público *banger* (entenda-se mercado cativo), além de mais um álbum do Mission, que consta de aparas das gravações de seu último trabalho, *Carved In Sand*. Chama-se *Grains Of Sand*. • As novidades ficam por conta do pacote de dance music, que contem os álbuns de estreia de Toni! Tony! Toné! (*Revival*) e 20-4-7-Spyz (*Street Of Moon Walker*) e os novos de Simon Harris e Salt N' Pepa. O pacote que pode fazer os bangers meterem a mão no bolso vem com Anthrax (*Persistence Of Time*), Scorpions (*Crazy World*), Slayer (*Seasons In The Abyss*) e para os cabeludos mais saudosistas, Rush (*Chronicles*).

OCTAVIO R. DE CAMARGO

NOTA 10

INXS

De malas prontas para o Rio de Janeiro, Michael Hutchence celebrava dez anos de INXS

INXS

Superstar é aquele tipo de pessoa que pode vestir o que quiser, sem nunca parecer ridículo. Se essa máxima é verdadeira, Michael Hutchence, sentado à minha frente com seu paletó listrado de vermelho e amarelo, se encaixa bem na definição.

Foi essa qualidade estelar que o tornou um dos maiores símbolos sexuais da última década, e que possibilitou ao INXS galgar os degraus do estrelato até atingir o status de superbanda em 87, época do lançamento do multimilionário *Kick*. Com seu cabelo longo e encaracolado, lábios grossos e rebolado à la Mick Jagger, Michael sempre teve carisma suficiente para conquistar o público feminino — seja ele composto por garotinhas de doze anos ou mulheres adultas, já na casa dos trinta.

Em 88, porém, ele conseguiu escandalizar suas fãs aparecendo na entrega dos prêmios da indústria fonográfica britânica de cabelos curtíssimos!! Michael havia cortado suas madeixas para fazer o papel do poeta Shelley no filme *Frankenstein Unbound*, de Roger Corman.

No ano passado, garotinhas incréduas devoraram notícias e mais notícias sobre o romance de Michael com — pasmem! — Kylie Minogue, a ex-estrelinha do seriado televisivo australiano *Neighbours*, alçada às paradas pop pelos produtores Stock, Aitken e Waterman. Os dois pop stars australianos foram fotografados passeando pelo parque, saindo de limusines e fazendo compras. Começaram as especulações.. Será que a pequena Kylie está sendo corrompida por um rockstar decadente? Ou então: o que está fazendo um cara atraente como Michael, saindo com aquela baranha insípida? E por aí foi, fornecendo horas de entretenimento diário para um público sedento de fofocas desde a separação do outro casal da década — Sean Penn e Madonna.

Quando o INXS lançou seu novo LP, *X*, ninguém pareceu dar muita atenção. "Será que *ela* está mesmo saindo com ele?" — era a chamada de capa da revista inglesa *Sky*. Na *Melody Maker*, outra matéria de capa dedicava-se a uma longa análise do romance. "Vocês não querem falar sobre o disco?", era a pergunta repetida pelo tecladista Andrew Farriss aos jornalistas que entrevistavam a banda. Mas era inútil. Michael Hutchence já havia se transformado em Mr Minogue.

É difícil resistir à tentação do conto de fadas, e tentar investigar mais uma vez as particularidades do romance. Mas a verdade é que a realidade, à minha frente, é bem mais interessante. Michael — "o-homem-mais-desejado-do-mundo" — Hutchence é um rapaz bem-humorado, simpático e engraçado. Apesar do paletó.

O que você achou do Brasil quando esteve lá com o Tim Farriss em 85?
MICHAEL HUTCHENCE Foi um choque... Sabe como é, você espera ver todos aqueles clichês, que são verdadeiros, mas há também toda aquela pobreza, e os opostos vivem lado a lado. O Rio é como Manhattan com praias, só que nos morros você vê as favelas. Mas é uma cultura muito interessante, as pessoas são muito vivas, cheias de energia.

Em entrevista a BIZZ, Colin Hay disse que a música brasileira é popular na Austrália. É verdade?
MICHAEL A música brasileira é bem conhecida por lá... Há algumas casas noturnas que só tocam música brasileira, e uma delas é um lugar enorme.
ANDY FARRISS Eu não sei o nome de nenhuma banda brasileira recente, mas adoro os ritmos brasileiros. Trabalhei com um percussionista do Sri Lanka que faz coisas incríveis com ritmos latinos. Me lembro de ter ouvido bastante Sérgio Mendes, nos anos 60. Eu o adorava.

"Gosto de dançar e gosto de rock. Por isso misturamos as duas coisas"

O que vocês acharam do disco de Paul Simon, gravado com músicos brasileiros?
MICHAEL Eu gostei, ele usou tantos ritmos diferentes. O problema com o ocidente é que é tudo 4/4. Eu sei que muita gente critica o que o Paul Simon fez..., Mas olha só para nós, uma banda australiana tocando rock! (*risos*).

Por falar nisso, você acha que existe uma "cena" australiana? As bandas australianas têm algo em comum?
MICHAEL Acho que sim... Nos vemos de uma "cena" que existiu durante um certo tempo. Mas acho que agora a coisa toda diminuiu porque as pessoas entraram nessa de house e dance. Ao mesmo tempo, já estão ficando cansadas disso, e começaram a voltar às guitarras, à música ao vivo. Antigamente nós saíamos de noite e havia milhares de bandas tocando. Agora, as pessoas saem mais para dançar do que para ver shows. E isso que eu acho interessante nestas bandas de Manchester: são grupos de rock que estão fazendo músicas dançáveis.

Na situação atual, onde o que faz mais sucesso é rock pesado ou dance music, onde fica o INXS?
MICHAEL No meio, espero. Gosto de dançar, e gosto de rock. Parece que ninguém mais quer dançar ao som do rock! Nós sempre misturamos o rock com algo mais dançante, e sempre fomos criticados por isso. Acho que foi porque houve uma época em que o rock virou uma coisa muito cerebral, escura, cínica, pesada... Ou mística e estranha.

Agora as pessoas querem se divertir. Um garoto de dezesseis anos não quer saber mais dos problemas pessoais do Morrissey... apesar de eu gostar do que ele faz. Houve uma época em que o mais importante, num show, era a plateia. Depois, isso se inverteu e o cara no palco virou um Deus. Agora estamos voltando à fase em que as pessoas querem um pouco de diversão.

Há poucas personalidades no mundo anônimo da dance music...
MICHAEL Sim, porque é o que as pessoas querem, especialmente na Inglaterra. Eu entendo muito bem por que a house music começou aqui... Se você tentar seguir a imprensa musical, enlouquece. As pessoas ficaram cheias de tentar seguir todas as bandas que aparecem nos semanários ingleses. Quem é que quer saber quem está na capa da *NME*, afinal de contas? Vamos para uma casa noturna, tomar um Ecstasy e dançar!

Então você acha que essas bandas novas de Manchester estão criando um movimento saudável, musicalmente falando?
MICHAEL Sim! Bandas! Estávamos começando a achar que éramos uma raça em extinção (*risos*).

Você disse, numa entrevista recente, que sobraram muito poucas bandas...
MICHAEL Agora existem mais, felizmente. Eu estava me referindo ao conceito de banda como grupo que toca ao vivo, que faz música, e não apenas vídeos. Músicos que trabalham duro.

Acho que o U2 é uma grande banda. As Bangles também, acredite ou não, pois elas conseguiram muita coisa, sem jamais deixarem de ser elas mesmas. Era uma banda diferente e talentosa, mas infelizmente, pouca gente percebeu isso. Quando uma banda começa a tocar, os membros geralmente decidem qual imagem querem ter, que tipo de som querem fazer etc. Os problemas começam alguns anos depois... Se a imagem criada não virou algo natural, pode esquecer! Um dos pontos positivos do INXS é que, embora tenhamos feito algumas besteiras tentando seguir modas, sempre fizemos o que queríamos fazer. É esse o segredo: ser você mesmo. Se você tenta ser algo que não é, começa a filtrar tudo o que cria.

O problema do pop e do rock é que são muito mais que apenas música.
MICHAEL Sim, é uma indústria de bilhões de dólares.

Mas vocês não acham que, sendo australianos, tiveram a sorte de crescer e se desenvolver num lugar mais isolado?
ANDY De certa maneira, sim... Mas lembro que, por volta de 1982, começamos a perceber que nosso público era, na maior parte garotinhas de catorze anos. Felizmente nos livramos disso, mas em seguida começamos a atrair um pessoal mais dark. Quando você está numa banda, parece que as pessoas tentam seguir uma moda ou tendência, mas no final... Olha só para gente como Tina Turner, Paul McCartney, mesmo Frank Sinatra. Eles passam por fases: fazem sucesso, depois desaparecem etc. Então, no final das contas, essa coisa de moda não significa absolutamente nada. É o caráter que conta, e é por isso que essa gente ainda está por aí.

Vocês mantêm a mesma formação desde o começo, o que não é muito comum...
MICHAEL Nunca tínhamos pensado nisso até que as pessoas começaram a nos perguntar sobre a formação. Acho que é um aspecto importante do INXS. Quando subimos no palco, sabemos exatamente quando é que alguém vai fazer isto ou aquilo. É algo que você não consegue com músicos convidados, ou com uma bateria eletrônica.

Numa entrevista recente, o pessoal do DuranDuran disse que, além deles, o único grupo fazendo "rock adulto" hoje em dia era o INXS.
ANDY Não acho que tenhamos muito em comum com o DuranDuran. Mas eles fizeram muitas coisas significativas, especialmente em vídeo.
MICHAEL É claro que eles também mistu-

Michael e Kylie: "A vida privada de um pop star sempre é invadida"

Scott Weiss/ Retna

"O Rio é como Manhattan com praias. Mas há também toda aquela pobreza..."

ram funk com rock e pop, como nós.
ANDY Acho que eles deveriam relaxar mais, parar de se levar tão a sério. Gosto de bandas como o R.E.M., os Chili Peppers, até Los Lobos. Eles fazem o que fazem, sem pretensão alguma.

Eu ia mencionar o Chili Peppers. Eles também misturam funk com rock...
MICHAEL Sim, mas são bem mais radicais, mais *thrash*. É hiperfunk (*risos*)! Também gosto, neste gênero, do Faith No More. "We Care A Lot" é uma grande música.

Michael, como vai sua carreira cinematográfica?
MICHAEL Que carreira?!? (*risos*) *Frankenstein Unbound* vai finalmente ser lançado. Meu papel é pequeno. O diretor Roger Corman me convidou, e não dá para recusar! Mas não quero papéis maiores, porque eu sei como é difícil ser ator.

***Dogs in Space* (filme australiano rodado em 88 por Richard Lowenstein) foi um bom filme...**
MICHAEL Sim! Aqui fez sucesso, mas os australianos detestaram. Acho que foi porque eles não gostaram de relembrar seu próprio passado (*risos*). (*O filme trata do movimento punk na Austrália*).

É possível ser popstar e ator?
MICHAEL Há algumas pessoas que conseguem... como Tom Waits, ele é fabuloso.

E as estrelas maiores, tipo Bowie e Sting?
ANDY Gostei do Sting em *Duna*...
MICHAEL O problema é que um ator é visto através dos papéis que ele faz. Com um popstar é diferente... Sua vida particular é invadida, seus pensamentos são explorados. Para um popstar, virar outra pessoa na tela é quase impossível. "Olha, é o David Bowie! Nossa, ele está de uniforme... Em um campo de concentração!" (*risos*) É por isso que gente como o Tom Waits consegue, a cara deve ê menos conhecida.

Como é o filme *Frankenstein Unbound*?
MICHAEL É muito estranho. É o Roger Corman com dinheiro demais! (*risos*) Pela primeira vez na vida, ele teve dinheiro suficiente para fazer um filme. (*Corman é considerado o rei dos filmes B e já realizou dezenas de filmes com orçamento zero.*)

Vou dizer o nome de algumas bandas do Rock In Rio e vocês me dizem o que acham... Guns N'Roses.
ANDY Umas gracinhas (*risos*). São recentes demais. Me dê mais uns cinco anos para poder realmente julgá-los.
MICHAEL São uma banda pop... Mas acho que eles escrevem boas músicas.

George Michael.
MICHAEL Acho que vai ser bom. Está numa posição difícil: ele fez o papel de menino travesso, e agora está pedindo desculpas (*risos*). Quer ser levado a sério. Mas gosto do disco novo dele.

Billy Idol.
MICHAEL Ele é demais! É impossível não gostar do Billy!

Depeche Mode.
MICHAEL Eles vão tocar? Nossa, vai ser uma loucura... Três noites sem dormir (*risos*). Acho que é arriscado para eles, porque mal começaram a tocar ao vivo. Ou vão ficar ainda mais famosos ou vão acabar de vez.

A-ha.
ANDY Eles têm boas músicas, mas são "seguros" demais. Acho que deviam ser mais radicais, deviam arriscar um pouco.

Para terminar, New Kids On The Block.
MICHAEL Acho que eles têm talento. Sabem dançar, sabem cantar. Devem ser caras legais. Se eu tivesse um filho de dez anos, adorava que ele gostasse do Sonic Youth (*risos*). Mas duvido muito... Ele acabava gostando mesmo é de New Kids On The Block. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIO

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SABER E NÃO TINHA ONDE.

CD 200 A MELHOR RESPOSTA EM COMPACT DISC
Em Moema, ao lado do Shopping Ibirapuera na Av. Ibi, 200, você encontra e aluga o CD de sua preferência. Maiores informações pelo telefone 51 2423

DISC LASER CLUB EM FORMA COM OS
Na Companhia Atlética você não precisa suar para alugar o seu disc laser. A loja é aberta para todos e fica na Rua Kansas, 1582 Brooklin Novo. Ou ligue para 240-8023/61-3319/61-5653 e peça sempre ra-

LASER DISC EXPRESS SEU CD EM CASA
Se você não mora em São Paulo pode receber o seu CD pelo correio através do Laser Disc Express. CD video, compact discs, acessorios e fitas de video nacionais e importados, é só escrever para Caixa Postal 16385 CEP 04699 e receber em sua casa. Solicite nossos catalogos (FAX (011) 275-6569)

ASSISTÊNCIA TUDO SOBRE CDS
Também para comerciantes, realizamos assessoria para futuras lojas e locadoras de compact disc levando qualquer tipo de informação: desde como montar uma loja até o publico alvo.

DISCO BOX
AUDIO e VIDEO
APRESENTA
EM TODO O BRASIL
DISCOS IMPORTADOS
ESPECIALIZADOS EM
DANCE MUSIC, ITALO-HOUSE,
MIAMI, COOL ...
COMPACT DISCS
ATACADO E VAREJO
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJAS
EQUIPAMENTOS PARA CASAS
NOTURNAS
SOB ENCOMENDA
ATENDEMOS TODO O BRASIL
DISCO BOX O ENDEREÇO DO SUCESSO
AV. LEÔNCIO DE MAGALHÃES, 120
SANTANA – S.PAULO
FONE (011) 298-3825
OUTROS ESTADOS ENVIAMOS POR SEDEX

DUB RECORDS
DISCOS E CDS NACIONAIS, IMPORTADOS E RARIDADES! REVISTAS E JORNAIS (ESPECIALIZADOS) CAMISETAS E ACESSORIOS

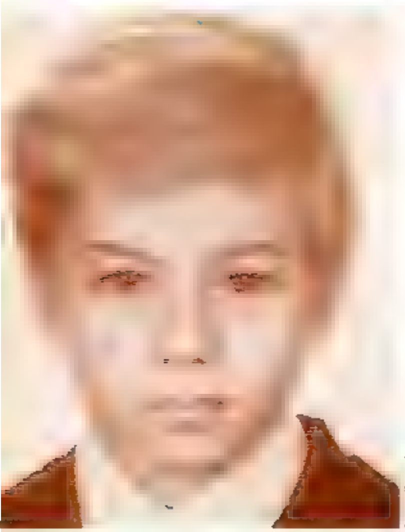
AGORA VOCÊ NÃO PRECISA VIR À MELHOR LOJA DE ACESSORIOS E INSTRUMENTOS, PARA FAZER SUAS COMPRAS.

ENVIE CORRESPONDÊNCIA PARA CX. POSTAL 11508 CEP 05499
QUERO RECEBER, SEM QUALQUER CUSTO, O CATÁLOGO GERAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS, NACIONAIS E IMPORTADOS.
NOME
END.
CEP
CIDADE EST.

GANG
GANG Rua Teodoro Sampaio, 828
NEW GANG Rua Cristiano Viana, 806
Fone: 883 1873 e 853 1726 e São Paulo.

O melhor da Dance Music importados para lojistas e revendedores.
Rua Brig. Tobias, 470
and. S/L 08 09 Luz
CEP 01032 São Paulo SP Brasil
Telefone Fax (011) 228-7580
ATENDEMOS TODO O BRASIL
Mix Stuff
AUDIO VIDEO

PARALAMAS DO SUCESSO
NA TRILHA DO TRIO
PARTE I

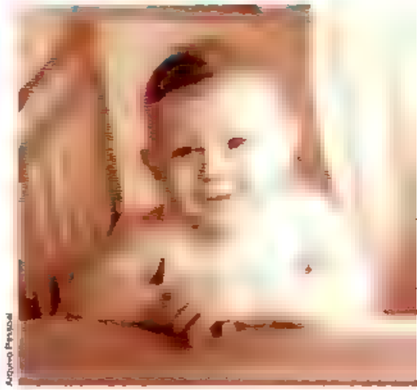


Nome Felipe de Nobrega Ribeiro (Rio, RJ, 30/3/61)
Signo Aries, e bufalo no horoscopo chines
Religião Batizado na Igreja Catolica, hoje não tem religião
Estado Civil Solteiro
Politica Se liga no Greenpeace, nos movimentos ecologicos em geral.
Time de Futebol "Flamengo curado"
Cor Vermelha
Bebida Cerveja, uisque
Comida Spaghetti, natural
Hobby Ir para o sitio, andar a cavalo, consertar carro e moto, viajar
Mulheres "Todas... Natasha Kinski"
Leituras *Dracula*, de Bram Stocker, *100 Dias Entre O Ceu E O Mar*, de Amir Klink, *Operaçao Cavalo De Troia*, de J.J. Benitez; jornais, *Veja*
Video/Cinema Musicais: shows de reggae, Led Zeppelin, Who
Som "Reggae, reggae... Bob Marley e dos novos, Max Priest, Mellow Man Ace, Soul To Soul. Tambem tenho ouvido coisas antigas que fizeram a minha cabeça, como Alceu Valença, Moraes Moreira, A Cor do Som"
Roupas Bermudas, botas.
Drogas Nao fuma cigarro, nao curte as pesadas
Dia ou Noite? Gosta do fim do dia, dorme no maximo oito horas

Copacabana, início dos anos 80. Num estudio improvisado na casa da "vovó Ondina", três garotos mandam bala em horas intermináveis de ensaio com repertorio recheado de ska, rock'n'roll e flertes com o pós-punk. Os primeiros frutos nao tardam: "Vital E Sua Moto" é a musica mais tocada na rádio Fluminense no verão 82/83. E eles ainda nem têm disco. Anos mais tarde, fazer rock deixará de ser suficiente. No caldeirão dos ritmos explorados pelos Paralamas, uma receita exclusiva — que eles revelam aqui, na primeira parte da historia do grupo.

HERBERT São historias paralelas. O João Barone também já tocava aqui pelo Rio e eu e o Bi circulávamos em Brasília com um grupo de pessoas que gostava muito de musica. Era um lance bem *sixties*. Só fui ouvir o Led Zeppelin recentemente, o nosso negócio era Cream, Jimi Hendrix...
BI Free
HERBERT Free era idolatrado pela nossa turma. Na época eu já tocava um pouco de violão, bossa nova. Daí, em 77, vim morar no Rio porque meu pai foi transferido e no ano seguinte o Bi também veio.
BI Nessa epoca a gente já conhecia o Dinho do Capital e também o Dado da Legião...
HERBERT Esses eram amigos mesmo, de jogar peladas... O Renato Russo a gente conhecia meio de vista, um amigo em comum falava sobre ele, que era um cara muito estranho, que não saia de casa. Mas cheguei no Rio em 77 e nao conhecia ninguém. Estava começando a tocar guitarra, ficava em casa o tempo inteiro. Em 78 o Bi veio e aí começou realmente a tocar
BI Foi quando comprei meu primeiro baixo, na Inglaterra.
HERBERT E trouxe também o meu primeiro distorcedor, um "Cry Baby"
BI Tocávamos Hendrix, Clapton, Santana... tudo sem bateria, na casa da minha avó, só baixo e guitarra e um amplificador.
BARONE Paralelo a tudo isso, eu morava na Universidade Rural e tinha uns amigos que estavam tendo aula de violão. Um irmao meu tinha uma banda, A Fome, que ensaiava na garagem de casa e eu sempre gostava de ver a bateria. Meus irmãos eram beatlemaniacos e ouviam tambem essas coisas de maluco, Hendrix, Cream, Santana... Mas foi bem depois, em 77, que comecei a me interessar em tocar de verdade. Meu primeiro instrumento foi mesmo a bateria, mas me meti a aprender tambem violão, só que não consigo passar de tres acordes. Comecei numa banda para tocar em hi-fi. Enquanto o grupo principal tomava uma cerveja no bar a gente subia lá e pegava os instrumentos. Metade do clube ia embora, o salão esvaziava *(risos)*
HERBERT Esse negocio que o João falou é superlegal, porque a gente começou a tocar nas festas, para impressionar a garotada mesmo. Hoje a molecada chega e pergunta: "Como é que a gente faz para gravar um disco? É difícil fazer sucesso?". Só que a gente nunca pensou nisso, não planejamos nada.
BI Bem, retomando, neste ano em que a gente se reencontrou, o Herbert tambem passou a tocar jazz... Phillipe Catherine, Al DiMeola, só violão. Essa foi a época em que entrei para a Universidade Rural, enquanto o Herbert foi para o Fundão *(Universidade Federal do Rio de Janeiro)*. Aí a gente não tocou mais e ficou quase um ano sem se ver
HERBERT Eu gostava de John McLaughlin, disciplina, estudava horas e horas. O Bi parou de tocar e eu me lembro que cruzei com ele um dia "Pô, eu só faço beber na universidade, tomo cada porre". Lembro que pensei, "o cara se perdeu". Só que um pouco antes, no curso pré-vestibular, em 78, a gente viu que um amigo, o Vital, batucava muito bem na sala e achamos que poderia virar um bom baterista. Sem dinheiro, arrumamos um bongô e um fundo de gaiola de passarinho para servir de prato. Temos até hoje umas fitas que gravamos nessa época. Depois disso, houve a parada e só voltamos...
BI Uns dois anos depois, em 81
HERBERT Num dia em que a gente reencontrou o Vital, num show no Parque da Catacumba. Aí ele acabou comprando uma bateria.
BI Eu ia sempre a Brasília. Nesta época estavam começando as novas bandas, que me deixaram empolgado. Foi o que me deu vontade de tocar de novo.
HERBERT Até a época da gente vir para o Rio as bandas de Brasília eram imitações do rock brasileiro dos anos 70, do final do Terço, dos Mutantes..., uma coisa sem tesao. Com o pessoal ligado aos punks a cena passou a ser superestimulante. A gente começou a tocar, encontramos o Vital e uns tempos depois inscrevemos três musicas num festival da Rural.
BI Foram "Vital e Sua Moto", "Patrulha Noturna" e "Encruzilhada", mas nem chegamos a apresentar, fomos limados já na seleção das fitas...
HERBERT As notas eram de zero a 100, e deram zero para todas.
BI Mas eu consegui que a banda se apresentasse num show extra.
BARONE Aí o Herbert não conseguiu achar o Vital e foi para a Rural com o equipamento, mas sem baterista. Eu tambem estava lá e acabei tocando com eles.
BI A banda tambem tinha uns caras, Naldo e Ronaldo, que cantavam.
HERBERT Mas passou um ano ate a gente chamar o Barone para o grupo. Ficamos superdivididos, éramos muito amigos do Vital para dar um pé na bunda dele. Até que um dia surgiu um show num bar lá na Rural, o "ShopStake" — que é o nome daquela música instrumental do nosso primeiro LP.
BARONE A princípio era para ser um show das duas bandas, a minha e a do Herbert e Bi.
BI A gente levou parte da aparelhagem e eles a bateria.
HERBERT Mas a banda do João acabou nao aparecendo e daí falamos para o Vital: "Olha, o João fez o maior esforço, arranjou a bateria, então ele vai ter de tocar um pouco tambem, vamos dividir". Bem, o Vital tocou tres musicas magras e quando o João entrou, depois de duas musicas, o Vital sumiu.
BI Nesta época a nossa turma era como um clube. A gente ia para um sitio em Mendes *(Estado do Rio)* e era como uma entidade esoterica. Fazíamos absurdos, cada historia que a gente inventava... Foi ali que surgiu o nome Paralamas do Sucesso.
HERBERT Bem, depois desse show a gente viu que para progredir tinha de tocar melhor.
BI E o Vital ficou meio revoltado, sumiu uns três meses.
BARONE É, pintou uma meio Pete Best e Ringo Starr
BI Mas continuamos amigos, sempre fomos amigos. Na época o Vital ficou chateado.
HERBERT Mas acho que era mais por achar que ia ter de sair do convívio da gente do que pela musica mesmo.
BI Hoje ele tem um grupo de heavy, Sadom.
BARONE Foi depois desse show no ShopStake que vimos que ia ser legal. Aí levei a bateria para o Rio, para a casa da Vovó Ondina, o estudio na casa da vó do Bi, onde a gente ensaiou durante muito tempo, e começamos a tocar e gravar fitas. A gente apresentou a fita para o Mauricio Valladares e ele colocou na rádio Fluminense, no final de 82
BI Na verdade, para juntar dinheiro e fazer esta fita, a gente fez um show
BARONE Nessa época a Fluminense mandava mesmo, todo mundo ouvia, e depois do show no Circo o pessoal das gravadoras começou a ligar
HERBERT A Blitz já tinha estourado, as gravadoras estavam atentas e também saiu a primeira nota em jornal sobre nos, na *Folha de S. Paulo*, assinada pelo Pepe Escobar, falando que era a onda do verão no Rio. Ficou aquele clima, talvez a Warner contrate, talvez a Odeon, a gente procurou o Ezequiel Neves na Som Livre, que já tinha contratado o Barão. No fim o Jorge Davidson, que até hoje é o Diretor Artistico da Odeon, assinou. Aí fomos para o estudio e regravamos "Vital" e tambem "Patrulha Noturna" e "Cinema Mudo".
BI Nessas sessões com o Miguel Plopschi, que agora é da RCA *(Diretor Artistico da BMG/Ariola)*, as coisas foram muito dirigidas: "Coloca o backing vocal aqui, o refrao ali". Pensando no que seria o formato para a rádio. A gente era superinexperiente, nem tinha como falar não.

A primeira formação dos Paralamas: Herbert o famoso Vital e o então cabeludo Bi.



Nome João Alberto Barone Reis e S[illegible] (Rio, RJ, 5/8/62)
Signo Leao, e tigre [illegible]
Religiao [illegible]
Estado Civil [illegible] Marcia [illegible] [se]tembro de 199[illegible]
Politica Verde
Time de Futebol Fluminense [illegible]
Cor Toda
Bebida Cerveja e disco-sauer [illegible] drink peruano
Comida Massas e legumes
Hobby Jo[illegible]
Mulheres "Me [illegible]
Leituras [illegible] prefiro revistas [illegible] Mas gostei re[ce]ntemente de *Sexus*, de Henry Miller e *Ame E De Vexame* [illegible]
Video/Cinema [illegible] John Belushi, *Paris, T*[illegible]
Som Coletaneas em CD d[illegible] Bob Marley, antigo[illegible] [ba]nda de L.A. Fishbone
Roupas [illegible]
Drogas [illegible]
Dia ou Noite? [illegible]

Nome
Signo
Reação
Estado Civ
Política E
Time de Futebol "F
Cor Az
Bebida "C
Comida F
Hobby De
Mulheres /
Leituras
Vídeo/Cinema
Som
Roupas
Drogas
Dia ou Noite?

HERBERT A frase "Vital passou a se sentir total" não existia originalmente, mas ele pediu uma coisa para a gente repetir. É aquela coisa horrorosa no final, "Os Paralamas do Sucesso vão tocar na capital", que fica repetindo, a gente também não queria. Mas dos males o menor, conseguimos evitar que colocassem um ronco de motocicleta, era de doer.

A gente ficou com raiva, mas não era um problema pessoal, nada contra o Plopschi, que a gente gosta e é superagradecido. Nem contra o Marcelo Sussekind, que assinou a produção. Mas a gente queria outras coisas e durante o ano de 83 e início de 84 fizemos muitos shows, com o sucesso de "Vital E Sua Moto" nas rádios. Então, quando voltamos aos estúdios para fazer o segundo LP *O Passo Do Lui*, estávamos com raiva, a gente queria ele bem cru.

BARONE Desta vez fizemos tudo como a gente queria mesmo. A produção também foi do Marcelo Sussekind, e tivemos liberdade total. Foi naquela base: se não puder ser como a gente quer não gravamos.

HERBERT Essa era a idéia, se a gente encher o saco volta para a escola e está acabado.

BI Eu e o João largamos a faculdade no começo de 83. A Rural era muito longe e não dava para conciliar, daí trancamos a matrícula. Entre o *Cinema Mudo* e *O Passo Do Lui* viajamos muito, tivemos muitas experiências, amadurecemos. Uma coisa forte, no começo de 84, foi a turnê com o Jimmy Cliff. Abrimos shows em Belo Horizonte, São Paulo, Rio, Santos, Salvador... e tocamos algumas músicas novas, como "Óculos" e "Meu Erro".

BARONE Nosso repertório era limitado, então também colocávamos músicas do Ultraje A Rigor ("Inútil"), do Lulu, do Lobão e da Legião, como "Química" e "Ainda É Cedo".

BI Antes do Cliff, em setembro de 83, também estivemos em Nova York, com o Lobão, tocando no Dancetería.

BARONE Cada um de nós tocou numa noite e eu toquei também na banda do Lobão, porque o baterista dele não conseguiu visto. Mas, retomando o trajeto, entramos no estúdio para o *Passo Do Lui* em maio de 84. O compacto com "Óculos" saiu em agosto e o álbum em outubro.

BI A gravadora queria lançar "Me Liga".

HERBERT Na época o Kid Abelha tinha conseguido o seu segundo Disco de Ouro com "Como Eu Quero", e eles diziam: "O negócio agora é música lenta". Mas a gente não abriu mão de sair com "Óculos" que já vinha bem nos shows.

BARONE Com o sucesso de *Passo Do Lui* nas rádios fomos chamados para o Rock In Rio.

HERBERT Mas foi o Zé Fortes quem cavou, foi lá na Artplan, insistiu...

BI A gente era a zebra naquele festival, ninguém nos conhecia, nem esperava nada de nós, só o público do Rio mesmo.

HERBERT Depois do Rock In Rio as coisas mudaram mesmo. No ano de 85 a gente fez 120 shows, um recorde que só batemos agora com a turnê de *Big Bang*. Mas, depois disso tudo, pintou a primeira crise que a gente teve. Uma crise criativa, por causa do estrelato. A gente vivia na estrada e eu, que nunca tinha passado até então por aquilo, não consegui escrever mais. Não saía nada, nada. Foi me dando uma paranóia e aí veio o acidente de carro do João. Eu andava tão paranóico que me senti culpado pelo acidente dele. Porque eu tinha um grande desejo de parar, de arranjar um motivo para dar um tempo.

BI A gente estava acabando a excursão em outubro de 85, quando o João quebrou a perna, mas sempre apareciam novos shows.

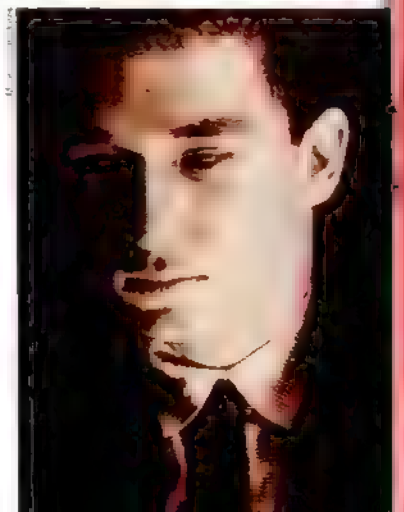
BARONE Com a perna engessada, fiquei alguns meses parado...

HERBERT E essa parada forçada foi fundamental, pudemos reorganizar a cabeça. A partir daí começou a nascer o álbum *Selvagem?*

ANTONIO CARLOS MIGUEL

Na próxima edição: a descoberta dos ritmos brasileiros, Selvagem?, Big Bang, os shows no exterior e o estrelato.

Depois do Rock in Rio, pintou uma "paranóia criativa" por causa do estrelato.



A CURA PELA DANÇA

Mixed Up quer dizer: a) confuso; b) misturado; c) mixado. Um nome bem apropriado para um LP de remixes do Cure. O texto a seguir, escrito por Robert Smith, explica como um dos prediletos dos góticos foi parar na *dance*

A idéia de lançar esse LP surgiu por causa da dificuldade que os fãs tinham para encontrar os nossos antigos mixes de doze polegadas. Achávamos que bastaria reunir todas essas musicas e nascena uma especie de disco para fãs. Mas quando desenvolvemos a ideia percebemos que os mixes de 12 polegadas de algumas de nossas musicas antigas favoritas — como "A Forest", "The Walk", "Caterpillar" e "In Between Days" — não existiam mais. Pensamos em entrar em estudio e remixar essas faixas da mesma forma que havia sido feito na época, mas logo percebemos que isso seria estupido. Em vez disso, fizemos uma lista das musicas que queriamos colocar em um álbum de remixes e reunimos uma série de engenheiros de som de cujo trabalho gostamos. Então, deixamos que eles escolhessem o que queriam fazer. E, enquanto as musicas começavam a voltar a nossa memória, percebemos que o projeto acabaria assumindo um caráter muito diferente do que tinhamos imaginado.

Isso tudo aconteceu em meados de 90. Tinhamos entrado em estudio para gravar um EP com quatro faixas de musica eletrônica, que já tinham sido registradas em demos domesticas. Depois de quatro dias de gravação frustrada, escrevemos "Never Enough". Ao lado de "Harold And Joe", outra música nova, daria um bom single. Esquecemos a idéia do EP e decidimos que "Never Enough" entraria no álbum de remixes, em uma nova versão.

Foi então que descobrimos que as fitas originais em que estavam gravadas "A Forest" e "The Walk" haviam desaparecido misteriosamente. Era uma decisão simples: não remixá-las ou regravá-las. Optamos pela segunda alternativa e introduzimos a quarta categoria de músicas que compõem *Mixed Up*. As categorias são as seguintes: musicas que haviam sido remixadas e lançadas no formato de doze polegadas em edições limitadas e não encontráveis hoje, como "Lullaby" e "Fascination Street"; músicas que ganharam remixes novos, tendo como base as gravações originais, como "Close To Me" e "In Between Days"; músicas antigas que foram regravadas e remixadas, como "A Forest" e "The Walk"; e uma nova faixa, "Never Enough".

É uma mistura curiosa. Mas o que torna o disco diferente dos anteriores do Cure é o fato dele não possuir uniformidade. Isso é consequência das circunstâncias nas quais ele foi produzido, de forma completamente ilógica e caótica. Embora seja um disco suficientemente estranho, ele tem sua própria lógica. Quando as musicas foram colocadas lado a lado, o álbum desenvolveu sua propria identidade. O único disco do Cure semelhante a este em diversidade é o álbum duplo *Kiss Me Kiss Me Kiss Me*. *Mixed Up* acabou virando um álbum duplo em vinil e um CD simples, com uma faixa a menos. Ou um vinil com uma faixa a mais, dependendo do ponto de vista!

"LULLABY"

É o remix de doze polegadas feito por Mark Saunders em 89. Esse remix é muito legal porque mantém o caráter original da musica e consegue fazer mais do que apenas deixá-la comprida. As mudanças são bruscas, mas tem um ótimo efeito dramático. Por exemplo, mudamos o som da caixa, o som foi completamente transformado. A musica ficou mais dançável. Eu a escolhi para abrir o LP porque ela é, de longe, a minha favorita.

"CLOSE TO ME"

Essa é uma versão radicalmente diferente de uma musica bem conhecida do Cure. No remix de Paul Oakenfold, o que era um exercício de claustrofobia foi transformado em uma especie de música para dançar na areia. Fizemos um novo video para ela, mantendo o clima surreal obtido inicialmente com Tim Pope em 86. Elementos de um armário e... bem, espere e veja..

"FASCINATION STREET"

Este é um remix lançado originalmente em 89. Oito minutos de *rocking-out* do Cure, em versão muito mais pesada do que a original. De maneira geral, ela possui muito mais espaço do que a gravada no LP *Disintegration*.

"THE WALK"

Essa é uma das musicas que nós tivemos que regravar. Embora tenha saido bem diferente, muito mais anos 90, as gravações foram feitas de maneira identica a 83. Naquela época, essa era a primeira e praticamente única incursão do Cure no mundo da música eletrônica. Fomos para o estudio com Steve Nye, apertamos inumeros botoes, programamos um obsoleto Oberheim e terminamos com um punhado de quatro musicas que se tornaram o EP *The Walk*. Fazer isso de novo foi bem fácil. Obviamente, a tecnologia de hoje é muito mais avançada, mas a construção básica foi idêntica. Tentei ser fiel nos vocais e harmonia à versão original, embora não saiba por quê... Talvez por respeito a nossa história. Depois, deixamos a coisa rolar, sem nenhum plano definido. Essa versão é bem mais dançavel do que a original, como praticamente tudo neste álbum.

"LOVE SONG"

Também é uma versão lançada inicialmente em 89, um remix de Mark Saunders. A essência permanece intocável, mas Saunders bagunça muito com a música, exagerando certos elementos e desenvolvendo outros. O que acontece, como em muitos dos remixes feitos por Mark, é que há muito mais espaço para ser apreciado.

"A FOREST"

Essa é outra música que fomos forçados a regravar, sempre com o original em nossa mente. Simon até usou o mesmo baixo que ele tocava na versão de 80! Sampleamos as batenas da introdução, fizemos com que o som parecesse o mesmo do original e então deixamos que ela fosse completamente mutilada. Parece um pouco perverso, mas não queriamos influenciar muito a percepção que o engenheiro de som teria da musica. O remix de "A Forest" acabou saindo um tanto quanto estranho. Acho que esta vai incomodar os "puristas", porque é uma versao muito diferente da original. Vai acontecer a mesma coisa com essa faixa e com "In Between Days": serao elas que ganharão as pessoas para gostarem do álbum ou então farão com que elas o odeiem.

"PICTURES OF YOU"

Escolhemos a edição muito, muito limitada, que surgiu no início de 1990, feita por Bryan "Chuck" New. É uma espécie de versão reggae!!! Era uma maneira de mostrar que uma musica do Cure poderia receber um tratamento completamente diferente do habitual. "Chuck" jogou fora todos os parâmetros, não manteve sequer as linhas básicas! Ele virtualmente reescreveu a estrutura e o clima da música, o que foi revigorante para o grupo. Até então, eu não havia permitido que as coisas fossem tão longe, ficassem tão fora do meu controle. Essa musica nem parece coisa da gente, e eu me descobri gostando dela!!! Amo sua irreverência e acho que é uma grande música para se ouvir tarde da noite. É muito solta e insistente.

"HOT HOT HOT"
"WHY CAN'T I BE YOU"

"Why Can't I Be You" é a faixa adicional no vinil (ou a faixa a menos no CD). Ambas foram feitas por François Kevorkian em 87 e, para a epoca, eram bem radicais. Mesmo agora, acho que elas se destacam quando colocadas ao lado de tudo mais no disco. São muito mais atrevidas e parecem ter sido gravadas ao vivo.

"CATERPILLAR"

Foi a escolhida por Bryan "Chuck" New. Quando eu ouvi o que ele tinha feito com ela, concluí que a escolha fazia sentido. Como o outro remix, feito por Bryan, este deve provocar reações claras de amor ou ódio. Nós não colocamos nenhuma restrição para quem estava fazendo os remixes. Eles faziam o que queriam e no final nós decidiamos se haviamos gostado ou nao. Assim, quando recebemos "Caterpillar", a sala foi tomada por vozes que discutiam seus mentos e desvantagens. Eu achei a versão realmente boa. Ele conseguiu extrair algumas coisas da musica que eu nunca havia ouvido anteriormente. Essa é uma versão tipo viagem, acho. Não que a primeira não seja, mas essa é a continuação da viagem, duas horas depois...

"IN BETWEEN DAYS"

Esse é, para mim, o mais radical remix do disco, feito por William Orbit. Não se parece nem um pouco com a "In Between Days" conhecida e amada por nós e por vocês!!! Orbit pegou a musica e a jogou contra as paredes do estudio. Depois, fez com que ela entrasse por um lado de sua cabeça e saisse pelo outro. Ficou absolutamente brilhante! Sempre que alguém me pergunta como é o álbum, eu mostro essa musica, pois ela é a que mais choca as pessoas!!!

"NEVER ENOUGH"

Quando o *Mixed Up* começou a adquirir vida, a idéia de incluir algo novo passou a ser muito mais atraente. Essa musica parece bem diferente de tudo que já fizemos antes. É realmente uma boa forma de finalizar um album...

É difícil para mim imaginar como *Mixed Up* será recebido. Mas não estou muito preocupado com isso. Não existe nenhum precedente para esse disco. Ninguém jamais fez algo parecido, e eu acho isso revigorante. Foi quase como fazer um disco sem a nossa presença!!!

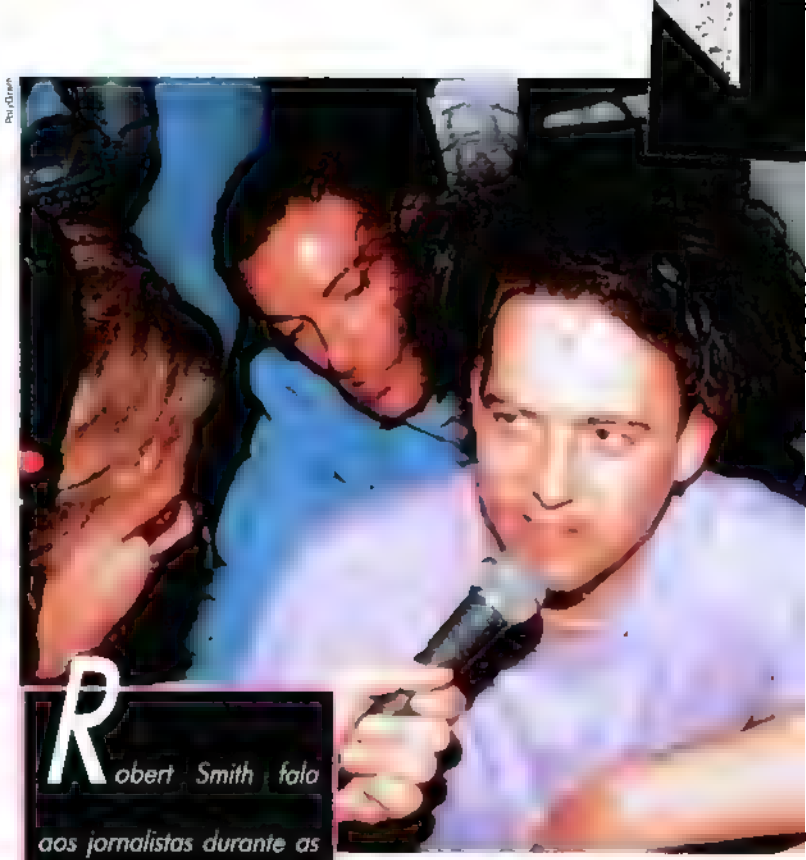
Visto como um todo, este não é apenas um novo e coerente trabalho do Cure mas também um brilhante disco para festas. Mas ele não marca nenhum ponto de partida para uma nova fase. Não pretendemos fazer isso com todas as nossas coisas velhas. Não vamos ficar obcecados por remixes dançáveis!

As gravações de *Disintegration* e a turnê que veio em seguida foram muito exaustivas para todo mundo do grupo, física e emocionalmente. Foi a mesma coisa que aconteceu na época de *Pornography*. Por isso, precisávamos de uma especie de antidoto. Esse LP teve essa função: permitiu que nos libertassemos, fossemos irreverentes e mostrássemos que as coisas antigas nao sao sacrossantas.

Acho que os fãs do Cure vão gostar dele e acho que outras pessoas que nao ouviram normalmente o Cure vão curti-lo. Se esses novos ouvintes vão abrir suas mentes para novos estilos de música, ou se eles vão odiar tudo o que nós fizemos anteriormente, não é realmente importante. O fundamental é mostrar que, mesmo depois da intensidade de *Disintegration*, há um lado da banda que é muito "pop". Às vezes as pessoas se esquecem disso, mas a verdade é que nos curtimos fazer musica "pop".

Acho que essa junção de um punhado de diferentes estilos de músicas no formato de doze polegadas feitas por diferentes pessoas, por diferentes razões e em diferentes épocas funciona perfeitamente. Nós somos o melhor grupo para tentar essa experiência: afinal, não há nenhuma banda tão *"mixed up"* (atrapalhada, confusa) como nós!!!

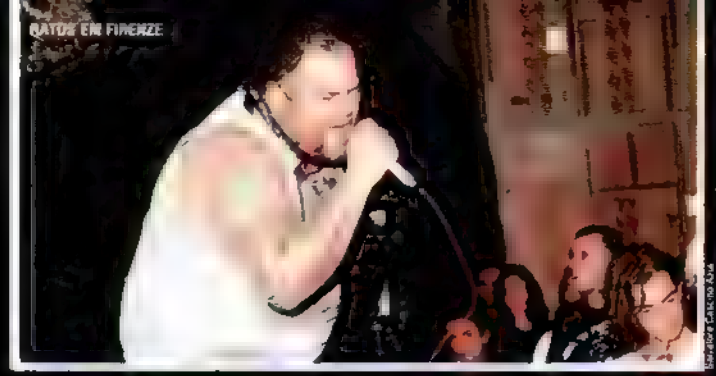
ROBERT SMITH

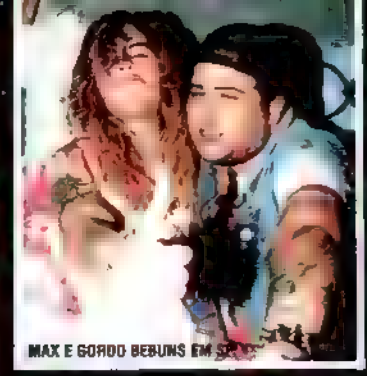


Robert Smith fala aos jornalistas durante as transmissões da Cure FM, uma rádio pirata criada para durar uma noite: o suficiente para colocar no ar, em primeira mão, o novo disco Mixed Up

METAL TIPO EXPORTAÇÃO

Lá vem porrada! O Sepultura já soltou seu novo disco, *Arise*. Gravado no meio de uma tour americana, o LP é um arraso. Enquanto isso, na Alemanha, a segunda maior banda de metal do Brasil, os Ratos de Porão, preparava mais um petardo, o LP *Anarkophobia*. Max Cavalera (dos EUA) e João Gordo (de Berlim) contam como é duro ser um astro internacional


RATOS EM FIRENZE


MAX E GORDO BEBUNS EM SP

SEPULTURA NO DYNAMO OPEN-AIR (HOLANDA)

SEPULTURA

Foto de Paulo Ajuz

DETONANDO TODAS

Com o novo LP, *Arise*, o Sepultura se firma como maior nome do rock brasileiro no exterior. Max Cavalera dá o serviço completo do disco e da supertour americana

Se vocês pensavam que o Sepultura era bom, se preparem para uma surpresa. Ele é ainda melhor. *Arise*, seu novo LP, totalmente produzido nos EUA pelo mesmo produtor de *Beneath The Remains*, Scott Burns, dá uma prova cabal do poder de fogo do grupo.

Tudo já começou bem. Um adiantamento providencial da gravadora liberou um equipamento bacana para a moçada. Isso significa uma bateria Sonor (fodona) e amplificadores Mesa Booge estereo para as guitarras. Um som digno do peso do Sepultura e um motivo a mais para a rapaziada da banda esmerilhar nos shows da turnê pelo norte da América. Direto do estúdio para os palcos dos Estados Unidos e Canadá.

De Milwaukee, Wisconsin, Max Cavalera, no meio da turnê, falou pelo telefone sobre a gravação, o turismo e as intempéries e barbaridades da vida on the road.

Como bom apreciador dos valores etílicos, Max atesta e o resto da banda aprova "a Budweiser (*cerveja n.º 1 dos EUA*) e o Jack Daniel's (*uísque do Tennessee*), as bebidas oficiais das gandaias". Nem por isso deixaram de fazer uma boa brasileirada: "Enchemos os gringos de pinga. Os caras mataram uma garrafa em minutos e ficaram chapadões". As inocentes vítimas do delírio alcoólico foram os membros do Obituary e do Sados, os pesos pesados que estão abrindo os shows do Sepultura. Confortavelmente assentada na posição de *headliners* (atração principal da noite), a moçada do Sepultura dá o seu aval à paulera do Obituary: "Essa banda é foda, uma das melhores coisas que se escuta por aqui".

O ritmo thrash da excursão, que inclui Cleveland, Toronto, Texas, Montreal, Califórnia, Flórida e Nova York, restringe a gandaia aos camarins e ônibus ("parecem casas"). A equipe utiliza dois ônibus e um caminhão, carregando um equipamento poderoso que faz a alegria da rapaziada.

Nas horas vagas, os ônibus ainda servem para levar a turba de malucos para inocentes passeios pela Disneyworld ("imagina vinte chapados perambulando pela Disney!") e programas de roqueiros fissurados, como uma visita cabeça ao cemitério de Arlington, em Washington, para perturbar o sossego das vítimas da guerra do Vietnã que lá repousam.

Abobrinhas em pencas acontecem nos bastidores e plateias da turnê. Em Nova York o Sepultura teve de parar o show três vezes para acalmar os ânimos nada amistosos das tribos de skins. "Eles se ligam no nosso som." Em Detroit, Mike Patton, vocalista do Faith No More, cobriu de elogios a moçada e prometeu uma *jam session* no Rock In Rio com covers do Black Sabbath. Para completar a zorra, sempre tem um brasileiro na platéia: "É fácil reconhecer pelos gritos de 'filho da puta'".

CARLOS EDUARDO MIRANDA

O DISCO, FAIXA POR FAIXA

LADO 1

"Arise" Marteladas e uma aproximação com o chamado som industrial, e logo o pau come. A voz entra com efeito de reversão e o disco começa com uma santa urgência. Se prepare para os solos cada vez mais malucos.

"Dead Embryonic Self" 100% Sepultura. No meio de tudo algum riff de hard funk e guitarras em velocidade estonteante.

"Desperate Cry" Mais clima. Agora aquelas guitarrinhas dedilhadas xaropes que existem em todo disco de metal. Mas os caras passam batido e caem naquela que talvez seja a melhor música do disco. No fundo eles têm uma manha pop capaz de dourar qualquer pílula.

"Murder" A essa altura as coisas já se repetem um pouco, mas é isso mesmo que faz um bom disco de metal. A violência continua.

"Subtraction" Velocidade e paradas súbitas. A estrutura de um clássico. Essa pesa.

LADO 2

"Altered States" Uma abertura techno-amazônica prepara o clima para a sessão de pancadaria.

"Degnun Irae" Aos primeiros acordes dá para pensar que se está ouvindo (acredite se quiser) The Cure, até que o velho peso nos traz de volta à realidade. Vocais tratados com quilos de efeitos dão uma atmosfera fantasmagórica.

"Meaningless Movements" Essa é para deixar o Metallica preocupado. Crescendo violento, o fim chega às alturas.

"Infected Voice" E eis que depois da pauleira final da música anterior começa um verdadeiro massacre sônico. Solo de guitarra com wah-wah a mil por hora e a mais legítima bateria bate-estaca.

"Orgasmatron" Cover do Motorhead com um gosto de Sex Pistols. Pogo beat e aquele vocal que Max treina no fundo das cavernas.

RATOS DE PORÃO

Rui Mendes/Ajuz

DERRUBANDO O MURO

Da Vila Piauí para Berlim, onde gravaram o novo álbum, os Ratos fizeram um trajeto inacreditável. Existe possibilidade de ascensão social no Brasil, afinal? João Gordo responde

Berlim, onze e meia da noite, no bar EX, dentro do Mehringof. Uma cidade que vira e revira o mundo, num bairro que provoca as mudanças dessa cidade. O Mehringof é uma fábrica abandonada, transformada num espaço cultural, agora a "fábrica da cultura".

Essa noite, a sala de concertos está lotada. No palco, a banda já conhecida por muitos dos presentes afinava. E, de repente, um sujeito todo tatuado, maço e de malha alusiva a Jimi Hendrix sobe ao palco vindo do público. Com uma voz nocauteante, ele se apresenta: "Hell! Meu nome é Gordo. Nós somos os Ratos de Porão e viemos do Brasil".

O RDP estava de volta à Europa com o seu "metalcrossover absolutamente profissional. Nada para nervos menos resistentes", segundo o diário berlinense *Die TAZ* em seu caderno de música naquela sexta-feira. A banda voltara para uma excursão — Alemanha, Itália, Dinamarca e Suíça — e para gravar em Berlim o segundo vinil internacional da banda, *Anarkophobia*, pelo selo americano Roadrunner.

Depois do show no EX, Gordo — vocalista do grupo desde 83 — explicou: "Na primeira vez, a gente era total *doue*, onde, por que, como... Agora a gente veio para a Europa macaco velho. A única expectativa que a gente tinha era o disco sair melhor que o outro. E saiu".

Anarkophobia é uma porrada só, mais do mesmo, mas com uma produção (assinada por Harris Johns) mil furos acima dos discos anteriores dos Ratos. O título, segundo Gordo, se refere "ao terror da anarquia, ao terror de esquerda, ao terror do Poder". Não podia haver lugar melhor para gravar esse disco do que Berlim, nem país mais indicado para aquecer os motores da banda que a Alemanha reunificada. "Ainda mais que nessa segunda turnê o grupo estava muito mais conhecido", graças à distribuição internacional do LP *Brasil*, de 89. João: "Antes, o pessoal olhava para a gente como brasileiro. Hoje, não olham mais. Estão mais simpáticos e respeitam mais".

Opa! Os Ratos estão ficando "respeitáveis"? "Profissionais"? Aqueles barulhentos da Vila Piauí? Mais ou menos. Gordo: "A excursão é praticamente uma festa, uma brincadeira. A gente sai para passear, toca e ganha dinheiro. Escolhemos fazer esse circuito como experiência e como gloria. Essa coisa de dizer 'eu fiz um circuito alternativo'. Mas é muito cansativo".

"A gente pegou o maior frio em Freiburg, no sul da Alemanha. Depois, recebemos uma dica de que em Leipzig (ex-Alemanha Oriental) só tinha skins e polícia, por isso a gente nem foi. Escapamos de apanhar. Mas em turnê grande desses rolos são normais. Na primeira, em 89, nos só fizemos oito shows. Desta vez, foram planejados uns 25. Os que a gente ainda não fez, nós tapamos agora com uma segunda fase, ate a partida para o Brasil, em dezembro."

Na excursão, a gente toca mais hardcore, duas ou três músicas do novo disco e mais algumas do LP *Brasil*. E a gente vê os gringos cantando o refrão! Para mim isso é a glória!"

E tocar fora tem outros atrativos. Várias vezes os RDP tocaram com outras bandas na mesma noite. Os grupos mais conhecidos foram o prestigiado Fugazi, no Centro Social de Roma ("teve 1 500 pessoas") e o Extreme Noise Terror, hardcore britânico. João: "Para mim, a maior surpresa foi tocar com eles aqui em Berlim. O Extreme sempre foi uma das minhas preferidas. Foi o melhor presente, eu podia morrer agora".

Fazendo o balanço final dessa viagem, João me conta que, em 91, tem festa de dez anos de Ratos: "Essa excursão foi muito importante para nós. Eu nem quero voltar para o Brasil, mas... fazer o quê?"

MASSILON CROTOLO

CHEGA AO BRASIL O SOUL BLASE DO ELECTRIBE 101

Um dos grupos mais cultuados e particulares da dance music, o "bem para lá de cool" Electribe 101 tera seu primeiro LP lançado brevemente no Brasil. A versao mais proxima da verdade diz que o nome Electribe 10... vem da marca de uma geladeira sovietica.

Talking With Myself" e a musica mais conhecida do grupo, resultado do encontro da vocalista alemã Billie Ray Martin com os musicos de Birmingham, Joe Stevenice, Les Flemming, Rob Cimarosti e Brian Bordhoff via um anuncio de "Cantora procura banda. Uma melodia densa e anormal das mais belas dos ultimos tempos, um *groove* house e uma voz que fica a meio caminho entre a emotividade soul e o blase europeu. A musica foi originalmente lançada em 1988, sendo aclamada pela crítica inglesa e açada ao status de cult nas pistas. Seu outro single, "Tell Me When The Fever Ended", lançado em 1989, chegou aos 25 Mais.

Segundo Brian, o membro invisível do grupo, que compoe e dirige mas nao aparece em shows: "O motivo pelo qual fazemos musica e que ela nos preenche, nos faz felizes. Nao pensamos nas paradas o tempo todo". Apesar de tanta convicçao nesse cliche, Billy declarou uma vez ao *NME* que inveja a capacidade de Stock Aitken & Waterman de escrever musicas tao acessiveis.

O Electribe grava com a Phonogram, que os contatou ainda em 1988, quando do seu estrelato cult. O dinheiro foi todo para a construçao de um estudio na zona de prostituçao de Birmingham. Na praia da *dance* ha bons tres anos, as adesoes de ultima hora irritam Billie: Quando estavam fazendo aquele revival psicodelico ja era bem ruim, agora querem usar a dance music". Brian conclui: "E perigoso estar na moda".

O LP *Escorcha Memories* inclui as duas versoes de "Talking...", "Tell Me..." e os dois ultimos singles, "You're Walking" e "Inside Out" (cover do hit do Odyssey). Promete degelar muitas pistas e toca-discos neste ano de 1991.

ANAMARIA C. DE LEMOS

RÁDIO PAULISTANA VIRA 100% *DANCE*

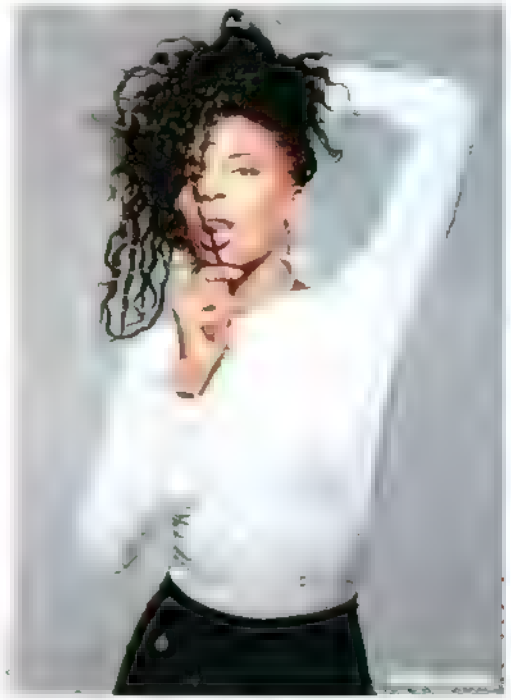
NOVA FM RECORD

A Record FM de Sao Paulo (89,7 FM) adotou uma programaçao de dance music 24 horas por dia. Na programacao, coordenada por Ricardo Guedes, DJ da Contramao, na Zona Leste da cidade se ouve desde sucessos manjados ate novidades chegadas ontem de Nova York. Em pouco tempo a radio passou de 21.° para 8.° entre as mais ouvidas, segundo indice do IBOPE.

Como pes na pista de um bom DJ, esta coluna nao pretende parar quieta. As coisas ja mudaram bem este mes. E entao, estou fazendo a coisa certa ou voce odiou tudo? Sua colaboraçao e opinião para esta coluna sao fundamentais. Escreva, telefone, faxele, telepatize. Sugestoes, exceto do tipo "acaba com a coluna" ou "troca de columnista" sao exigidas.

KATRIN, BONITINHA MAS ORDINÁRIA

Bomba! Katrin Quinol, aquela do Black Box que "cantava" horrores sem o menor sinal de uma caixa toraxica compativel, foi desmascarada. Recentemente Martha Walsh, ex-Weather Girls ("It's Raining Men" tocou muito no seu radio, lembra?) e ex-backing de Sylvester, disse que a poderosa voz de todas as faixas de "Dreamland" é dela. Ela recebeu seu cache direitinho na epoca das gravaçoes, mas quando viu "Everybody Everybody" chegar no Top 5 americano, nao se controlou e teve de pedir mais. Justo!



HEY DJ!

Madonna e um dos produtos mais famosos da cultura *funk*. Segundo a lenda, ela foi descoberta pelo DJ Mark Kammins, que (junto com outro DJ, Jellybean) trabalhou no seu primeiro LP. Este, assim como todos os seguintes, era repleto de faixas para a pista. O DJ Mauro Borges, do Nation Disco Club (R. Augusta, 2203, Sao Paulo, 5.ª a sabado), lista suas cinco mais imaculadas de Madonna.

"Into The Groove"
"Express Yourself"
"Material Girl"
"Keep It Together"
"Borderline"

Todd Terry Project "Weekend" (1988)

Este produtor nova-iorquino, entao conhecido como "rei da acid house", pegou o vocal de "Weekend" (1985) do Class Action e editou uma base house a enesima potencia embaixo. O baixo te manda longe e a descontrolada caixinha de bateria 808 nao folga.

Inner City "That Man (He's All Mine)"

O tecno soul pop da dançante dupla de Detroit esta de volta, desta vez baixando bem o ponteiro dos BPMs, mas mostrando que suas baterias eletronicas e samplers tem muita pilha para gastar.

Deee-Lite "The Power Of Love"

O manifesto paz e amor continua e a trilha sonora agora e house, entre o italo e a disco com acompanhamento de guitarra wah-wah. Contem remix de Tony Humphries (lendario DJ nova-iorquino).

Bass-O-Matic "Fascinating Rhythm"

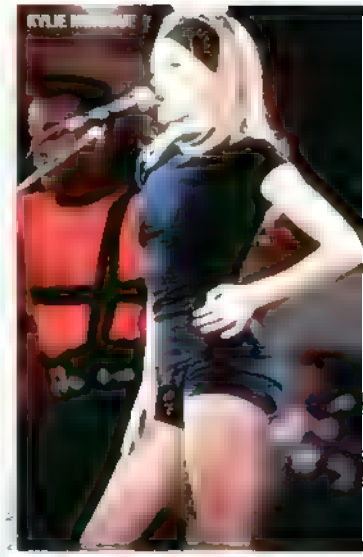
Coisinha bizarra esse disco produto da mente de William Orbit, que ja trabalhou com Mark Moore, do S'Express e remixou Prince. Batida funk lenta, simples de bandas psicodelicas dos 60 e um vocal cool diferente do que se tem ouvido por ai.

Ruthless Rap Assassins "Just Mellow"

Manchester tem alternativas alem do *indie dance* e do tecno. Este hip hop sossegado na linha De La Soul/ A Tribe Called Quest, com seu refrão pop psicodelico e uma delas.

Madonna "Justify My Love"

Enquanto metade do mundo se escandaliza com o video a musica e as declaraçoes, outra metade, com a cabeça no lugar, poe os pes para funcionar. Um *groove* lento, com toques oriental-psicodelicos e um vocal que te obriga a levar alguem para a cama.



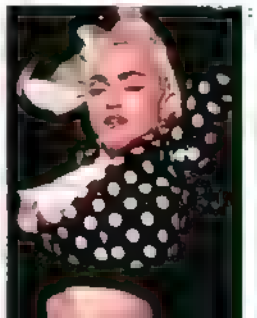
Kylie Minogue "Step Back In Time"

Surpresa! Um disco como Stock Aitken & Waterman nao faziam ha tempos, perfeito para combinar com o maravilhoso look novo de Kylie (espere ate ver as fotos!). Disco music de prato sibilante com entradas de batida hip house.

Tom Tom Club "Genius Of Love" (1983)

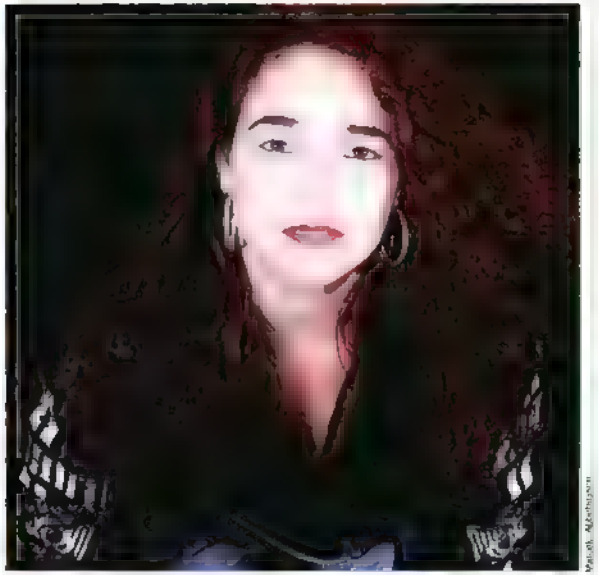
Em 1983, Chris Franz e Tina Weymouth dos Talking Heads, conseguiram fazer uma musica melhor do que qualquer coisa que a cabeça de David Byrne jamais pos no mercado. Um funk de tirar o folego que ganhou inumeras versoes depois, de Grand Master Flash a Yellowman.

CAMILO G. ROCHA



BRASIL EXPLODE

SALVADOR



Daniela Mercury tem o ímpeto destemido dos jovens de hoje, um timbre de voz moço/moça, um gosto musical *tutti-frutti*, um jeito de menina baiana moderna, uma vontade tão límpida que ainda pode levá-la muito longe.

Os elogios são de Gilberto Gil ainda nos tempos em que Daniela, 25 anos, fazia *backing vocals* em sua banda. E se quantidade disser alguma coisa a alguém, Daniela já está indo longe demais. Mesmo sendo conhecida nos limites da Bahia e de Brasília como a ex-vocalista do grupo Companhia Clic, ela já coleciona alguns trunfos que podem conduzi-la a um reconhecimento mais amplo. O primeiro LP do Companhia Clic levou sua voz a cem mil compradores e, se fossem reunidas todas as pessoas que assistiram a seus shows em 1990, seriam lotados dois Maracanãs e meio. A partir de março, Daniela entra em estúdio pelo selo Eldorado para registrar seu terceiro trabalho — primeiro disco solo, já que Daniela deixou o Companhia no final do ano passado, logo após o lançamento do segundo álbum.

Considerada uma branca de voz negra e com um poderoso timbre grave, Daniela navega na praia da *world music*, apesar de rejeitar o rótulo: "Chamar minha música de *world music* é limitar muito uma coisa que pode ser mais abrangente. Para o Companhia Clic já disseram ser technopop pós-new wave. Mas, se alguém quiser identificar o meu trabalho, pode dizer que ele é eclético, híbrido, pop e com muita coisa de música brasileira, que afinal é a base da minha formação."

Escolada em apresentações para grandes platéias, Daniela investe não só na qualidade e vigor de sua música como também na performance de palco. Ela mesma cria as coreografias, amparada nas informações acumuladas dos muitos anos que praticou dança clássica e popular. Por enquanto, a mela funk/meio *dance* "Vida É" roda nas rádios de Salvador dando uma prévia do disco, no qual ela pretende "unir o que há de melhor desta nova geração".

LUIS CLAUDIO GARRIDO

BH

Foi movido pela ânsia de refletir os diferentes estados psíquicos do homem, o esboroamento da alma, seus conflitos e o "grande abismo" — abismo esse que se engendra mediante uma incomum operação musical de intelecção do mundo — que o **Witchammer** viu-se, ainda no segundo semestre de 90, às portas do JG Estúdio.

Mirror, My Mirror decerto não decepcionará aqueles que veem o quarteto como o sucessor natural para ocupar o vácuo deixado pelo Sepultura. Em seu bojo, agita-se uma sonoridade brutal e velocíssima, capaz de abrir caminho através dos menores nichos do crânio, e que incorpora uma intrincada gama de influências, hard-rock, thrash, progressivo e hardcore.

Ousado, desta feita o Witch (como é carinhosamente chamado pelos fãs) se atreveu até mesmo pelo escorregadio terreno da música erudita. O resultado pode ser atestado nas faixas que receberam os irrepreensíveis gorjeios de Silvia Klein, ex-integrante do conceituado coral Ars Nova. Em suma: nada como uma boa alternativa para minar a paralisia que assola o rock de Minas.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

RIO DE JANEIRO

Eles adoram Jorge Ben, tocam bem e querem ocupar um espaço de peso na música brasileira. Eles são **A Tribo** e já tem do que se gabar: "A Norte Parte" e "Tá Chegando A Hora" (duas das quatro músicas gravadas na demo que mandaram para cá) foram incluídas na programação normal da Fluminense FM; subiram no palco do Circo Voador ao lado do Violeta de Outono e Finis Africae diante de um público de três mil pessoas; abriram um festival de bandas novas na Universidade Federal Fluminense promovido pelo programa *Caixa Preta* (também da Fluminense FM) e ganharam a simpatia de críticos, como Tarik de Souza, do *Jornal Do Brasil* e do produtor do Circo Voador Alexandre Rossi — que os considera "a banda mais promissora da nova safra carioca".

Heitor D'Alincourt (voz e composições) quer unir o ritmo de Benjor à poesia de Jim Morrison. A pretensão o afasta ainda mais de seus ídolos, mas os outros músicos (Mug, na guitarra, Luiz, no baixo, e Beethoven na bateria) sabem lidar com seus instrumentos e não decepcionam nem na cover de Tim Maia, "Não Vou Ficar".

CELSO MASSON

SANTOS

O experimentalismo demodê do City Limits nunca me comoveu — sempre achei sem graça. Mas a determinação de Lilian Vaz em divulgar o trabalho do grupo deixa claro o tanto que ela acredita na coisa. Agora, duas novas demos foram enviadas por Lilian: uma ao vivo do City (um pouco mais amaciado, buscando um caminho apaziguador entre a necessidade de fazer barulho e a intenção de não ser insuportável) e outra, do **Burkina Fasso**, grupo em que agora ela também atua como vocalista. Com seus grunhidos mântrico-eróticos se sai bem, em temas que dispensam letras, melodias etéreas que lembram Cocteau Twins. Instrumentos bem tocados, tudo legal. Gostei. Contatos: (0132) 68-6658, com Lilian.

C.M.

CURITIBA

No final de 86, três garotos curitibanos formaram uma banda de punk rock. Perderam a inocência junto com o rumo do punk, bateram na porta do ska, mas fecharam mesmo com o reggae. Durante dois anos, um reggae vigoroso, com letras irreverentes e guitarras elaboradas, povoou a cabeça dos três músicos. Isso durou até o começo de 90. De lá para cá, a única pista jamaicana que permaneceu foi o nome da banda: **Rastafari**. Isso é estranho, já que atualmente Emerson (guitarra e vocal), Chico (baixo) e Cesar (bateria) navegam nas águas do hard rock. "Sem pressa de fazer fama", os caras andam trancados em casa, montando um novo repertório. Se você gosta de *riffs* e viradas, guarde este nome. Quem quiser dançar não pense... dance!

CLAUDIO MOITA

- Dorsal Atlantica Sarcofago N.A.D.A.
- Protectors Of Noise
- Pramea
- Protectors Of Noise Compilation Tape (1
- Atmosphere
- Fanzine Da Realidade
- Anticeos Zine

IRON MAIDEN

Alan Bonanno e Jammy Sigal

O Victoria Hall é um velho e bonito teatro, parte da prefeitura de Handely no norte da Inglaterra. É aqui que o Iron Maiden volta a cada turnê: um lugar pequeno, mas repleto de fãs fiéis e entusiasmados, de todas as idades, carregando bandeiras da Inglaterra e conseguindo bravamente aguentar o show de abertura dos Wolfsbane — uma banda mais famosa por seu QA (quociente alcoólico) do que por seu QI.

Alguns minutos antes do show começar, Howard Johnson, da firma que empresaria o Maiden, me avisa que vou ficar surpresa com o show, que a banda está melhor que nunca. Eu acredito: com o LP *No Prayer For The Dying*, o Maiden abandonou o caminho que havia tomado com "Somewhere In Time" e *Seventh Son Of A Seventh Son*, e voltou ao seu estilo original, com mais peso, mais riffs, mais fogo.

O show, para quem gosta do Iron Maiden, é perfeito. Bruce Dickinson trocou seus exageros de roupa por um jeans apertadíssimo e uma jaqueta de couro, mas os exageros vocais continuam. "Bring Your Daughter... To The Slaughter" e "The Assassin" são exemplos típicos. Ele não dança, mas pula e corre e chuta a bateria. Ao seu redor, Dave Murray Steve Harris e Janick Cers contribuem para o lado "atlético" do show. Janick é uma das surpresas agradáveis do novo Maiden, modelo 90, pois visualmente e musicalmente ele nos faz esquecer rapidinho de Adrian Smith. Nicko McBrain joga constantemente suas baquetas para o público e sorri do alto de sua bateria.

Todos os clássicos estão presentes: "The Trooper", "Two Minutes To Midnight", "Run To The Hills" e "Number Of The Beast". Estas são tudo o que eu esperava, e mais ainda. O que realmente impressiona é que nunca vi uma banda que parecesse estar se divertindo tanto no palco; embora tecnicamente impecáveis, parece que é a primeira vez que eles estão tocando "The Evil That Men Do", tamanho é o entusiasmo, quase tão grande quanto o do público. E, ao som de "Iron Maiden", aparece nosso velho amigo Eddie, andando de um lado para o outro, batendo a cabeça. "Eu não disse que ele era mofensivo?", nos pergunta Bruce. Há bandas melhores que o Maiden que com uma dessas só provocariam risos e desprezo. Mas aqui o riso é parte (essencial) do espetáculo, e fica difícil desprezar quem sabe se divertir.

Mais tarde, nos bastidores, pergunto a Dave Murray como é que o boneco de Eddie funciona. "O Eddie?" ele diz, os olhos arregalados. "Mas ele é de verdade!" E olha que eu não duvido nada.

ANAMARIA G. DE LEMOS

JIMMY CLIFF

Jorge Rosenberg Adut

No programa do Chacrinha, há sete anos, Jimmy Cliff cantava vestindo a camisa do Corinthians. Esta noite, no estádio do Pacaembu, o timão garantia sua vaga na final do campeonato brasileiro com dois a um em cima do Bahia.

Jimmy Cliff é o estrangeiro que tem mais afinidades com o Brasil. Adora Roberto Carlos. Adora tudo por aqui e adora reggae music. Foi o que ele falou, em português, antes de cantar a última música de seu show. Ele entrou no palco com todos os músicos lá, sete ao todo, cada um com um instrumento de percussão. O dele é o que fala mais alto. A música é "Bongo Man", uma prece.

Como os evangélicos e os solistas de gospel, Cliff está pregando. O legal é que ele não se limita ao rasteiro louvor a Jah. É muçulmano, luta contra os brancos opressores, diz que na África os negros é que deveriam governar e ao mesmo tempo é capaz de cantar "Wild World", de Cat Stevens (ele gravou isso aí há um tempão). A música, que tocava nos bailinhos quando a gente era pequeno, comove. Um pessoal da turma da primeira fila abre uma faixa com a frase "Jimmy We Love You".

Ele continua cantando e pregando. Agora o tom do sermão é ecológico: "Há as pessoas que querem destruir o mundo e as que querem preservá-lo. Nós queremos salvá-lo". E lá vem "Save Our Planet Earth", a faixa que mais gosto do LP *Images*.

Nas pausas entre as músicas canta um vocalise que a platéia responde. Ele fala em português de novo: "Muito, muito, muito bom". "Reggae Night" fecha o show.

Jimmy volta sozinho no DX-7 para "Rebel In Me", que eu tinha certeza que ia embrulhar meu estômago mas até que foi suportável ao vivo. Uma mensagem para Bush, Gorbatchev e Hussein: "We don't need another Vietnam". Entra "Vietnam" com introdução de marcha militar, continência, uma paródia de movimentação de tropa.

O bis ainda vai longe. Tem "Love I Need" (descobri que ele é canhoto só agora, empunhando ao contrário uma stratocaster vermelha e branca), "The Number Of The Beast", "No Woman, Don't Cry" com refrão em português vertido por Gil — que em Salvador subiu ao palco com Jimmy — e "Wonderful World".

O mundo é selvagem, mas pode ser legal de vez em quando.

CELSO MASSON

PIXIES

Tornar-se uma das principais bandas independentes dos EUA é fácil. É só saber explorar novos caminhos no rock dentro da formação tradicional, vocais-guitarras-baixo-bateria, como os Pixies.

O show no Ritz tem bastante publicidade, lotação esgotada e a presença de executivos de gravadoras. Tocar no Ritz é importante para bandas em ascensão, pois é a oportunidade de se apresentar num palco grande para um público (três mil pessoas) muito maior que os clubes pequenos. Além disso, o Ritz tem o maior telão de vídeo do mundo e pasmem! — um excelente vídeo-jóquei, que mostra clips de Jesus & Mary Chain, R.E.M., PIL, Ramones e dos próprios Pixies. A banda de abertura — My Dad Is Dead — surpreende pela competência técnica e letras inteligentes. Eles trabalham um pouco na linha do Joy Division, sérios e sombrios, embora não tão depressivos. Vale a pena conferir.

Os Pixies demoram muito a entrar no palco. Com a casa superlotada e nenhum lugar para sentar, parece que estamos dentro do metrô às seis da tarde, com o empurra-empurra habitual. O show finalmente começa, com os Pixies tocando algumas músicas antigas, como "Gigantic", que faz o público vibrar logo de cara. A partir de "All Over The World", o destaque é para as composições do novo LP. Nem tudo que soa bem no disco funciona ao vivo, caso de "Stormy Weather"; outras músicas, como "Bossanova", sofrem pelo excesso de virtuosismo.

Mas o show é muito bom, com grandes momentos. "Alison" é fabulosa, com um tratamento extra de guitarra thrash. Em "Havalina", o clima é hipnótico, com luz difusa no palco e o dueto maravilhoso de Black Francis e Kim Deal.

Ao final, todas as luzes do palco e da platéia se acendem (120 mil watts), enquanto os Pixies tocam o novo hit, "Velouria". No palco, a banda parece não acreditar que tanta gente esteja pulando e dançando. Embaixo, o público em delírio total — se o mundo acabasse neste momento, ninguém aqui perceberia ou se importaria. Lá em cima, o produtor do show e os executivos da gravadora sorriem e contam o dinheiro. Dá para ser independente — e rentável.

RICARDO LOBO

DANCE FEST

OLYMPIA (SP)

Foi uma festa e tanto. Durante os dois dias do Dance Music Fest, o primeiro grande evento do gênero no Brasil, quinta no cintilante Olympia e sexta no vasto Ginásio do Ibirapuera, além de um amplo panorama da dance music nacional o cidadão pode se esbaldar com três atrações internacionais de peso: as quase-mega estrelas Snap, o hip houser Mr. Lee e o duo techno-soul Inner City.

Segundo os organizadores, a associação dos DJs DMC e o colosso das promoções Sunshine, foi o primeiro rave em solo nacional. Guardadas as devidas proporções, claro, pois não havia Ecstasy de banheja, tudo estava devidamente dentro da lei e ninguém saiu de lá quando o sol estava raiando. Nem por isso a presença de uma certa Drogaria Manchester à meia quadra do Olympia deixou de ser vista por alguns como um dos melhores golpes de marketing dos últimos tempos, mas o proprietário garantiu que esta lá há muitos anos e que nunca ouviu falar em Hacienda.

Entre os nomes nacionais pode-se constatar que a nossa *dance* já apresenta grandes diferenças internas de estilo e qualidade. Por exemplo, a mediocridade de um MC Abdullah, quem precisa de uma versão em português para "All Around The World" de Lisa Stansfield? Ou as [illegible] dou disso não vê a inteligência de um Que Fim Levou Robin? (Que com sua cover de Dancin' Days das Frenéticas, revistou a música com perfeição para os 90.)

A maioria dos DJs fez com que "Hey DJ, Can't Dance To That Music You're Playing" dos Beatmasters e "Beth", Boo tasse o humo das plateias por algumas horas. É que muitos ainda acreditam que exista algum interesse em ver como eles são bons em mixar e fazer back-to-back com o lóbulo da orelha esquerda, equilibrando cinco copos de cerveja no pé direito (ou algo assim).

Os tambores rufam, chegou a hora dos internacionais.

Mr. Lee invade o palco, acompanhado de dois elásticos dançarinos que fazem você olhar para o chão do palco para ver se eles não estão flutuando. Lee especialmente no Ibirapuera, onde foi a atração da noite e fez o lugar vir abaixo, conseguiu, com um microfone, uma fita de DAT, alguns hip house muito parecidos ("I Get Busy", "Pump That Body" e "I Like Girls") e passos de dança impossíveis dar uma lição de entretenimento puro e carisma.

O Inner City foi um balde de água gelada naqueles que queriam continuar em transe. O cool Kevin Saunderson (de óculos escuros, simula tecladinhos e a deslumbrante Paris Grey, de cuja expressão feliz saem raios de sol, solta sua voz limpa e poderosa. Começam animando com o já clássico "Big Fun", mas logo tomam uma direção introspectiva e sofisticada demais para a noite. Uma delícia para os fãs, uma decepção para o resto. Se eles tivessem se apresentado com a banda de dez membros que apavorou na Inglaterra, o resultado seria outro.

O Snap veio disposto a fazer um show inesquecível. Segundo testemunha, no camarim, antes de entrarem, fizeram uma especie de meditação com haxixe ("The cult of Snap"). Fazem uma entrada atmosférica, todos cobertos com mantos negros, e quando o Charles Manson do culto, Turbo B, dá o sinal, é um choque! Uma banda com baixo, bateria e teclados a embarca num instrumental funkíssimo. Dois dançarinos verdadeiras esculturas humanas, com a barriga dividida em 23 partes, começam seu desafio às leis da Física. O rei da festa, Turbo B, despeja o rap. Um show absolutamente impecável e profissional com todos os sucessos e mais um pouco. O único porém vai para os solos instrumentais executados na hora em que Turbo apresentou a banda, dados cansativos e incompatíveis com a proposta básica de dance music. Mas tirando isso, o Snap fez o estilo que todos precisavam.

CAMILO ROCHA

BARÃO VERMELHO

"O Barão! É o Barão!" De cara, o público do Olympia exibe um comportamento atípico. Nos últimos tempos, o único grupo que costuma ter seu nome gritado por fãs ensandecidos antes de o show começar é a Legião.

No decorrer da noite, outras diferenças delimitarão o lugar especial que o Barão ocupa no cenário. Das vinte primeiras músicas executadas (foram 27 no total!), apenas uma é um antigo sucesso ("Por Que Que A Gente É Assim"). Alguém aí se lembra do último show dos Titãs? E dos Paralamas? Algum deles resistiria à tentação de colocar, no mínimo, uns cinco hits na primeira metade do show?

É claro que a platéia não tem a melhor das reações: vibra, mas não delira. O Barão toma as coisas mais difíceis quando resolve fugir do esquema solo de guitarra-connho-palmas-final apoteótico adotado por seus colegas. Aqui, os solos (quando existem) são curtos, e os refrões não são repetidos *ad infinitum*.

Para ganhar o público, a nova encarnação do Barão — com o pré-histórico Dadi (ex-A Cor Do Som) no baixo — conta basicamente com a força de seus riffs e a eficácia das letras. No primeiro caso, não há problemas: desde os tempos de "Bete Balanço", eles detem os riffs mais poderosos do rock nacional. As letras, porem, continuam sendo o calcanhar-de-aquiles do Barão pos-Cazuza. Não dá para aturar bobagens como "Invejo Os Bichos" e "O Poeta Está Vivo"...

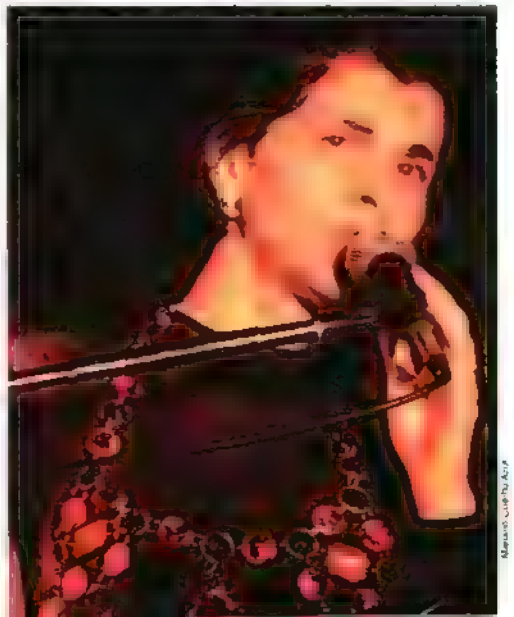
A opção do Barão é clara: eles querem apenas ser uma boa banda de rock n roll. É aí que esta a sua maior qualidade, e aquela que o isola dos seus contemporâneos. Musicalmente, porem, e uma escolha perigosa: até quando eles poderão se apoiar nos riffs de Frejat? E até quando estes escaparão da repetição?

MARISA ADAN GIL

MARINA

Estamos em 1990 e tenho 34 anos. Muitas pessoas acham ruim ter mais de trinta, eu não. Vivi intensamente cada etapa da minha vida: a infância, a adolescência e meus vinte anos. Marina inicia seu show declamando essas frases, como se fizesse uma retrospectiva de sua carreira e apresentasse ao público a sua fase atual, madura e responsável.

Marina parece não se lembrar de que a conclusão do processo de maturidade de qualquer artista pressupõe que ele um dia já foi imaturo e despojado, e estas qualidades ela nunca teve. Desde o início de sua carreira, há mais de dez anos, sempre navegou nas águas calmas dos modismos: em 1979, fantasiava-se de roqueira na capa de *Simples Como Fogo*; posou com camiseta das "diretas-já" em clipes para a TV, e agora ataca de new-bossa, regravando "Garota De Ipanema".



No show, ela dá uma geral na carreira e aproveita para mostrar algumas músicas novas, como "Grávida", parceria com Arnaldo Antunes.

Rockinhos saltitantes como "Uma Noite E Meia" e "Fuligem" parecem trilha-sonora de aula de ginástica aeróbica. As baladas escorregam pengosamente para o lado da abominável música fusion, amparadas por dedilhados de guitarra, longos solos de saxofone e dois (!) tecladistas.

A parte mais intimista do show inclui "Sign Your Name" de Terence Trent D'Arby, "The Man I Love", de Gershwin, e o esperado clássico de Tom e Vinicius.

Público de estréia aplaude até espirro, e o do Jazzmania não foi diferente. Arroubos de pura genialidade eram ouvidos pelos quatro cantos da casa — "maravilhosa!", "Você é mais que demais!" e outras pérolas do gênero. Marina deu ao seu público exatamente o que ele esperava; dela não se deve esperar muito mais do que o óbvio.

ANDRE BARCINSKI

JACK SCOTT

O rocker canadense "esquecido" entre as lendas de sua geração

Em qualquer lista *honesta* dos maiores rockers, Jack Scott obrigatoriamente figuraria ao lado de Eddie Cochran, Perkins, Elvis, Little Richard, Holly, Jerry Lee e poucos outros do mesmo calibre, mas por ser pouco conhecido raramente é citado, salvo por um ou outro admirador que se dá ao afã de vasculhar a memória. Jack Scott é um rocker atípico, sua história não é assombrada pela miséria, ou por loucuras, vícios e tragédias que recheiam as biografias de seus contemporâneos. Quem sabe isso explique, em parte, o seu "esquecimento". Quer nos agrade ou não, o sensacionalismo é mãe da celebridade.

Jack Scott, o único não-americano dos grandes rockers (canadense de Ontário), veio de família classe média bem formada. Em 1948, quando Jack tinha dez anos de idade, a família toda transferiu-se para Detroit (EUA), uma cidade operária e cosmopolita. Isso também o diferencia dos outros rockers que, além de pobretões, eram matutos semi-analfabetos vindos dos mais miseráveis confins rurais.

Em 57, Jack vinha cantando há algum tempo influenciado pela *country music* sulista de Roy Acuff, Eddy Arnold e Hank Williams quando descobriu sua habilidade para compor canções. Somadas as qualidades de cantor e compositor, Jack tornou-se um artista impossível de não ser notado e acabou contratado nesse mesmo ano pela ABC Records de Nova York. Ao mesmo tempo, estabeleceu uma sociedade artística e afetiva com o grupo vocal The Chantones, que representou para ele, Jack Scott, o mesmo que The Jordanaires para Elvis. Seu estilo variava de baladas ultra-românticas, saturadas de *country music*, até os mais despojados e sensacionais rockabillies. Sua voz grave e lindíssima passeou também por música sacra, country-pop e baladas no estilo "Elvis-O Sole Mio", com desenvoltura, escalando notas altas e agudas que cantores comuns não se atreveriam. Arrisco afirmar que dos grandes rockers, Scott foi o melhor gogo, a melhor voz, o grande cantor, igualado talvez por Elvis, no seu melhor período (1960-63).

Scott passou pelos selos Carlton, Top Rank, Capitol, RCA e Groove na sua fase de ouro; depois gravou esporadicamente na ABC, Jubilee, GRT, Dot e seios menores. Do início de 58 ao final de 61, teve dezenove músicas no Top 100 americano. Seu disco de maior sucesso, "Leroy"/"My True Love", teve *os dois lados* nas paradas. "My True Love" foi "disco de ouro" também na Inglaterra. Os hits pararam de acontecer e, quase imediatamente, Jack se tornou um desconhecido, embora fosse desfrutar sua melhor fase artística nos anos 63 - 65, quando gravou pela Groove e RCA, sob a produção capricchada de Chet Atkins e Felton Jarvis, com participação de todas aquelas "feras" que criaram o som de Nashville.

Desaparecido dos *charts* Jack Scott sumiu por completo da história do rock n roll até 73, quando seus discos (raríssimos) foram prateados pelos fãs europeus. Redescoberto, se animou a cantar novamente no Canadá, onde voltou a residir, e até foi à Inglaterra em 76, agitando os clubes de rock n roll da ilha. Com a ascensão do punk rock, a volta do rockabilly e o surgimento da new wave americana, as músicas de Jack Scott foram recuperadas e passaram a frequentar os repertórios de Patti Smith, Cramps, Ramones, Alex Chilton, Robert Gordon e Blondie. Nos anos 80, muitas compilações legais foram editadas na Europa, com material original de Jack Scott, para gáudio da sua legião de fãs, que aumenta dia a dia. A lenda de Jack Scott vai se consolidando, com a participação entusiasmada dos admiradores que parecem querer reparar uma injustiça, pois o homem foi esquecido durante tantos anos e tratado como um reles "one hit wonder". Estamos prestando contas ao grande Jack Scott, mas ainda estamos devendo.

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

LPs

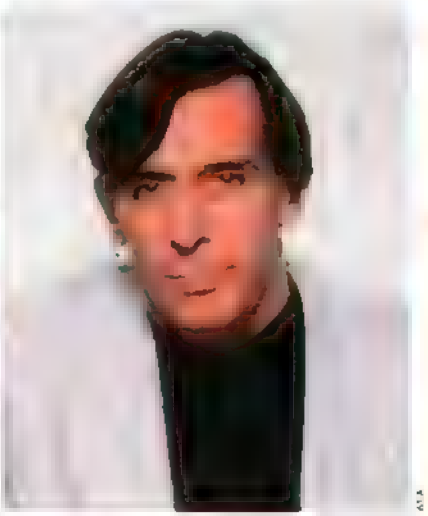
Burning Bridges (Capitol/USA)
Jack Scott (Bison Bop/Alemanha)
On Groove (Bear Family/Alemanha)

Jack Scott é uma compilação que cobre o primeiro período, com gravações feitas originalmente na ABC, Carlton e Top Rank. *Burning Bridges* não é compilação, mas cobre perfeitamente a fase intermediária (60 a 62). Já *On Groove* é uma compilação que cobre os anos de 63 a 65, com gravações dos selos Groove e RCA.

JUKEBOX

DISCOS

WRONG WAY UP — ENO/CALE (OPAL/STILETTO)



O que acontece quando se reúnem as duas magníficas eminências pardas do rock? Pois John Cale e Brian Eno dispenderam o início de suas carreiras formulando os sons que vem, já por mais de duas décadas, influenciando cada geração ou movimento do pop. E isso enquanto, paradoxalmente, viviam à sombra de dois irresistíveis *frontmen*: Lou Reed e Bryan Ferry. Sem desmerecê-los (o que de resto é impossível), é sempre o caso de lembrar que sem Eno e Cale não haveria Roxy Music nem Velvet Underground, pelo menos não com aquela cara e coragem. Vale dizer: o pop e o rock de hoje seriam outra coisa... Exagero?

Provavelmente não. Dois a bons cada um, foi o que os brilhantes Cale e Eno aguentaram antes de serem expulsos, respectivamente, por Reed e Ferry. Foi aí que a exuberância de Eno, seu ahimismo *glitter* e sua alucinada opção pela eletrônica lhe valeram artista de mil recursos mesmo sem ser músico de formação, quase arrebata com seus primeiros LPs solo o cetro do próprio Roxy, no quesito esquisitice (enquanto Ferry se refugiava em formoções e arranjos mais convencionais). Quando deu a guinada para a asséptica *ambient music* (curiosamente contemporânea do punk), Eno já tinha uma reputação que continuamente a mentada por suas parcerias e produções (Fripp, Cluster, Bowie, Budd, Hassel, Talking Heads, Byrne, U2, enfim, lhe um culto próprio. Vinte e tantos a bons confirmam.

Já o austero Cale foi ainda mais radical em seus enunciados — é virtualmente impossível esperar *qualquer coisa* de seu próximo a bum. Ele é capaz de alternar gravações com músicos eruditos contemporâneos (como Terry Riley), ou tradicionais (como a Orquestra Filarmônica de Moscou), e espartanos arranjos de piano e voz ou rock pesadíssimo e dissonante. Uma trajetória bem menos conhecida mas prolíficas: dezoito discos até os recentes *Songs For Drella* da reconciliação com Reed, mais produções para Nico, Patti Smith, The Stooges, The Modern Lovers. Também foram vanos os ocasiões em que Cale e Eno exercitaram sua discreta colaboração, desde *June 1, 1974*, o showrock bum em que a Island juntou os esquisitões de seu *cast* (os dois mais Nico, Kevin Ayers, Robert Wyatt e outros). Eles se encontraram, depois, em *Fear* (74), *Helen Of Troy* (75), *Caribbean Sunset* (84) e *Words For The Dying* (89), LPs de Cale, e em *Another Green World* (75) e *Music For Films* 78), de Eno.

A maior surpresa de *Wrong Way Up* é, talvez, não trazer surpresas — pelo menos ostensivas. Se é a primeira vez que Eno canta desde 78, também é verdade que o resultado se aninha confortavelmente na trilha aberta por seus primeiros discos, e até por *My Life In The Bush Of Ghosts* (80, com Byrne), só que com um polimento ainda mais pop. Isso vale principalmente para as faixas cantadas por Eno, como "Lay My Love" e "One World". Fluente na eficiência de *jingle* de seus conhos, na perfeita organicidade do casamento acústica-eletrônica, na doçura de suas baladas, só audições mais atentas é que penetram suas estranhezas. Eno e Cale se alternam em teclados brilhantes, guitarras, baixos, viola e vocais, completados por uma banda variada (incluindo um certo Robert Ahwai a guitarra que em "Spinning Away" bate mais Vini Reilly). E pela voz de Cale, entretanto, que se revelam tanto a faixa mais intrigante (a melancólica "Cordoba") quanto a da mais surpreendente vocação radiofônica (o saltitante "Been There Done That"), num casamento perfeito entre as rarefeitas ambiências de Eno e a intensidade de Cale. Apesar de estar longe da rudeza das *Songs For Drella*, *Wrong Way Up* aponta com elas para o pop do futuro.

ALEX ANTUNES

LOVE RITUAL: SOUL AND PERSONALITY (1968/1970) — Al Green (MCA/WEA)

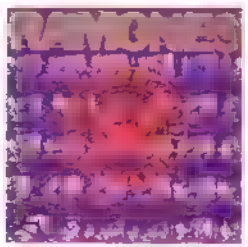
Aos neófitos deste *soul priest*, convem aguardar para breve uma *Discoteca Basica* da BIZZ para situar melhor toda a sua importância dentro da música negra americana. Este não é o material nem o espaço mais adequado para dar a dimensão exata da figura de Al Green, a voz todo-poderosa do soul nos anos 70, descendente direta da tradição gospel de gênios como Sam Cooke e Otis Redding. No entanto, este disco é uma autêntica maravilha para os fãs de longa data de Green e certamente vai fasanar os iniciantes em sua discografia, mesmo não recorrendo em momento algum aos *greatest hits*.

São dez faixas inéditas ou lançadas anteriormente apenas em compactos, recolhidas desde o início até o apogeu de sua carreira, em meados da década de 70. Todavia, mesmo este conjunto de *outtakes* e trabalhos pretendas para seus álbuns já dão uma medida precisa do processo de criação do chamado soul de Memphis, que encontrara seu período áureo a partir da associação de Green com o produtor/arranjador Willie Mitchell. A fórmula era tão simples quanto eficaz: uma pulsante base rítmica entremeada por riffs subs de metais e cordas serviam de forro sonoro para as pérpecas vocais de Green, passeando pelas melodias e alternando seu timbre com aquela desenvoltura conseguida apenas pelo grandes *soul singers*.

Isso já pode ser notado na primeira gravação que Green fez para o selo Hi, de Mitchell: uma cover para "I Want To Hold Your Hand", dos Beatles, datada de dezembro de 68. Colin Escott, organizador e responsável pelas remixagens desta coletânea, e que relembra nas *liner notes* da contracapa: "Quando ele chegou no estúdio da Hi pela primeira vez, Green queria desesperadamente transformar-se num astro. Demorou dois anos, mas conseqüentemente ele tornou-se o nome dentro da música negra dos anos 70". Uma afirmação totalmente comprovada em canções como "Ride, Sally Ride" (70) — um tributo a "Mustang Sally", de Wilson Pickett —, nas orquestrações de "Strong As Death (Sweet As Love)" e nas evoluções rítmicas da faixa-título (respectivamente de 74 e 75) ou nas nuances de r&b que permeiam "Love Is Real" (76), entre outras, nas quais a voz de Al Green reina, soberana. *Celso Puca*

RITA LEE E ROBERTO DE CARVALHO (EMI-Odeon) ○

Deixe Rita com um marolone aberto em emissora de rádio. Ela mostrará seu descomunal senso de humor e toda sua bagagem *rock n roller*. Tranque Rita num estúdio com o mandão e não verá nada disso — apenas um LP acomodado, burocrático —, além do que terá de aguentar Roberto cantando em duas faixas. Não dá para levá-las a sério. Um hit ("Perto Do Fogo"), uma bossa-nova francesa ("La Javanaise"), uma ou outra faixa engraçadinha, nada muito bom, nada muito ruim. E e só. *C.M*



ALL THAT STUFF (AND MORE): VOLUME ONE — The Ramones (Sire/WEA) ○

Dá para justificar a edição de mais uma coletânea dos Ramones, especialmente quando se sabe que a excelente *Ramonesmania* ainda encontra-se em catálogo? No presente caso, a resposta é afirmativa. Reunidos aqui pela primeira vez no Brasil, temas na íntegra ou clássicos dos primeiros LPs do quarteto — *Ramones* (76) e *Leave Home* (77) — junto a itens de colecionador como as versões demo originais de "I Don't Wanna Be Learned/I Don't Wanna Be Tamed" e "I Can't Be", além de dois petardos ao vivo: "California Sun" e "I Don't Wanna Walk Around With You". O resultado não deixa de ser um álbum duplo bem comprável. *A.G.C.D*

MEDICINE MUSIC — Bobby McFerrin (EMI-Odeon) ○

Bem concertuado nos meios jazzísticos desde sua estréia em 82, McFerrin — afora suas inúmeras colaborações com feras do gênero — ainda não tinha encontrado em seus trabalhos solo o veículo ideal para suas peculiares vocalizações (mesclando *doo wop*, *scat singing* e até efeitos percussivos com a voz). Em *Medicine Music* sanou este problema: com originais orquestrações de vozes, McFerrin mergulha fundo em temas de inspiração afro ("Baby", "Angry", "The Train", "Sama Sa De La De Sase") e em suas raízes gospel ("The Garden", "Sweet In The Mornin'" e "Discipline", com uma canja do papai Robert McFerrin, Sr.). *C.P*

EAST OF THE SUN, WEST OF THE MOON — A-ha (Warner/WEA) ○

Em seu quarto LP, o trio norueguês segue pelo pegajoso caminho aberto por *Stay*..., seu antecessor baladas épicas e frouxas, recheadas de clichês pseudo-grandiosos. A habilidade eventual de Pal para criar belas melodias não compensa, mais uma vez, a letargia musical do grupo, que insiste em tentar reviver os climas de "Hunting High And Low", sem sucesso. Há ainda duas tentativas patéticas de fazer algo mais "rock": "Synamore Leaves" e "Gold River", ambas artificiais, sem peso e sem *feeling*. Salvam-se do desastre "Slender Frame" e "Nonstop July", apenas regulares. *M.A.G*

BEHAVIOUR — Pet Shop Boys (Parlophone EMI-Odeon) ○

Nesta atual fase dance, quando o que vale é criatividade e energia, o Pet Shop Boys se distancia das pistas cada vez mais. Na tentativa de ser eternamente *cool*, a dupla que nunca ri repete em *Behaviour* a mesma fórmula utilizada desde os tempos de *Please*: tecnopop básico e melodias aderentes num vocal que faz a gente pensar que Neil Tennant aprendeu a cantar com o sr. Spock. Nem a participação de Johnny Marr, tocando uma guitarra imperceptível em "This Must Be The Place I Waited Years To Leave" e lotado de *wah wah* em "My October" tira-os dessa melancolia. "So Hard" é a mais forte do LP, mas mantém o padrão "bichinho-de-estimação". *J.L.E.S.*

TIME WILL BURN — Pin Ups (Stiletto)

Como já dizia o velho ditado "em terra de cego, quem tem um olho é rei". Realmente, não se pode dizer que a sonoridade desfechada por esse estreante *power trio* paulista — Luis Gustavo (vocal, baixo), José Antonio (guitarras) e Marcos Abreu (bateria) — seja algo medito ou inovador. Todavia, dado o peculiar rearranjo que lograram impor às suas influências mais óbvias (os *sixties guitar bands* de Detroit, Jesus & Mary Chain, Loop) e, especialmente, a sua condição de "estranhos no ninho" da mediocridade que toma conta do país, os Pin Ups fazem por merecer total aprovação. Seguindo à risca o arquetipo modelo das *three chord songs*, o trio flerta com a dissolução do ego ("I Kill My Self"), idealiza um nirvana quimico ("The Groover") e acaba por atingir o êxtase (na dissoluta "So High"). Vaieu, Pin Ups! *A.G.C.D*

ROSA BRANCA — Taffo (Epic/CBS)

Esse nem a boa cozinha dos irmãos Busic salva. O guitarrista Taffo mantém a maldição de seu ex-grupo Radio Taxi e consuma um disquinho de dar vergonha, agora pautado no morto e enterrado rock árena. As letras revoltam o estômago, com tamanha "inocência" e "bom-mocismo" — vide "Chaplin". Pior que os caras não são ruins e devem estar fazendo coisas bem melhores. Arrependei-vos, irmãos. *C.E.M*

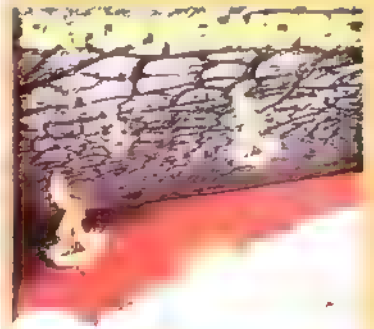
LIVEANDIRECT — Adamski (MCA/WEA)

INFINITY — Guru Josh/RAVE MADNESS AND THE BROOKLIN ORBEVE — Frankie "Bones" & Tommy Musto (DeConstruction/BMG-Ariola)

Três produtos da cena rave britânica aportam por aqui: os tecladistas ingleses Adamski e Guru Josh e os DJs e produtores novaiorquinos "Bones" & Musto. O primeiro ficou famoso no verão de 89 por shows onde tocava house instrumental e traz em seu primeiro LP uma reunião de vários destes números, executados ao vivo no ano passado. Só que o espírito das *raves* parece não funcionar fora delas e, portanto, o disco é muito chato. O que salva é a inclusão na edição brasileira do excelente *bonus track* (de estúdio), "Killer". Guru Josh segue a mesma trilha de Adamski, mas tirando a faixa-título — uma *ambient house* quase impecável — quase nada sobra para o resto, variações pobres do mesmo tema. Já "Bones" & Musto apresentam uma compilação de obscuros nomes da dance nova iorquina, onde temos *house*, techno e *free style* (gênero onde vale tudo) dos mais radicais. Tudo muito repetitivo, frenético... e aborrecido. *C.G.R*

BONAFIDE — Maxi Priest (10/EMI-Odeon)

Guarde bem o nome — e a voz — de Maxi Priest. Neste LP, ele consegue uma perfeita intersecção entre a sonoridade nua e crua do reggae e a melhor safra do pop atual. Para construir esta ponte, ele valeu-se ostensivamente não só dos *riddims* e da experiência de estúdio de Sly Dunbar, como também contou com dois pares de faixas produzidas respectivamente por outro especialista jamaicano (Augustus Gussie" Clarke) e por Jazzie B (Soul II Soul). Uma mistura musical em ponto de bala. *C.P*



THE REAL THING — Faith No More (London/PolyGram)

Este é realmente um LP matador. Nove faixas que deram ao Faith No More o status de melhor grupo de 90 para a revista *Spin*. Altamente versátil — não apenas nos arranjos e na execução das bases, mas sobretudo na variedade das composições —, o Faith realiza habilmente um *crossover* de *thrash metal* com outros estilos pesadões, como rap, heavy dos 70 e funk bombástico.

As faixas mudam de teor de forma assombrosa. Enquanto o funk metal "Epic" termina com um piano acústico solo, é o ruído de uma hecatombe nuclear que do cabo de "Surprise! You're Dead!". O mais esquisito é que logo após tamanho barulho entra "Zombie Eaters" com dois violões e um teclado com timbre de cordas fazendo a cama para a comoção do vocalista Michael Patton.

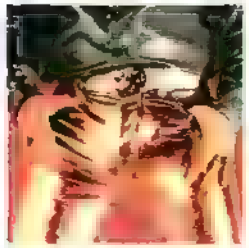
Com setenta versos, a faixa-título abre o lado 8. Banquete servido em taças de cristal e talheres de prata, "The Real Thing" sintetiza numa boa duas décadas de rock'n'roll — sem exagero. Aqui não há desperdício de talento. Apesar da maestria de cada músico da banda, as linhas de todos os instrumentos são econômicas e há uma distribuição equânime de funções, inclusive da voz supervalorizada em outras faixas do álbum.

A "romântica" "Underwater Love" (tema tão bucólico para um grupo idolatrado por metaleiros) é a única de todo o disco em que não há tensão à flor-da-pele. O andamento é rápido, mas ela está imbebida por uma atmosfera *soft* que cria algum relaxamento — algo impossível de dizer sobre as outras faixas.

Com sotaque *red-hot-chili-peppenano*, "The Morning After" mostra um *riff* de baixo repleto de *slaps* de funk. A letra traz indagações tipo "se estou morto, por que estou sonhando?". Os torpedos disparados na música que abre o LP ("From Out To Nowhere") percorrem um sinuoso e fantástico caminho até atingirem o alvo na derradeira "Woodpecker From Mars". Sozinha, esta faixa instrumental já é uma epopeia. Base *thrash* recriminada acelerada contraposta a um teclado quase minimal. Até o final, tudo vai se fundindo, guitarra estilo Hendrix, arranjo meio progressivo, está tudo ali. Enfim, um disco para quem gosta de porrada mas não perdeu o bom senso. Algum *headbanger* não gostou?

Celso Masson

CASSETE ○ COMPACT DISC



SEXO, DROGAS E ROCK'N'ROLL – Lulu Santos (WEA)

Presos na armadilha do eterno adolescencia, muitos *roqueiros brasileiros* — ja meio passados — insistem em dizer para a midia algo como "vocês nos puseram no mundo, agora nos aguentem..." Sem o sentido melodico de Lulu Santos, o *punch* de Marcelo Nova ou mesmo o incongruencia de Lobão ao jamais quer vender uma juventude idealizada herdeira espiritual Elvis na capa de seu novo LP. A produção e caprichadinha o repertorio mezza pizza o *entertainer* que nao convence. *A A*

ROCK'N'ROLL RARITIES – Chuck Berry (Chess/WEA)

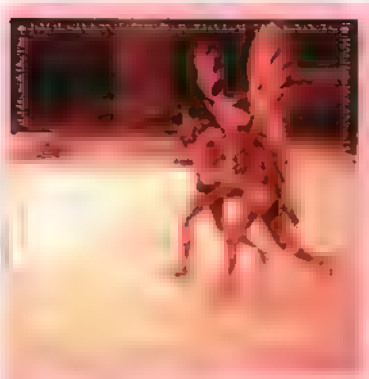
Outra preciosidade dos arquivos da Chess lançada por aqui muito oportunamente pela WEA, que ja havia editado no Brasil o segundo volume desta serie (*More Rock'n'Roll Rarities*), em 89. Confirmando seu titulo, este album duplo contem versoes ineditas de classicos de Berry ("Rock'n'Roll Music", "Come On", "Johnny B. Goode", "Sweet Little Sixteen", "Little Queenie" demos originais ("Reelin' And Rockin'", "Country Line" faixas remixadas em estereo ("No Particular Place To Go", "You Never Can Tell", "Nadine") e outras peças raras recolhidas de seu repertorio, em gravaçoes que compreendem a penoda 57/65. Uma face oculta desta lenda do rock'n roll. *C.P*

SHAKING LIKE A BAR MACHINE – X-Rated (Heavy)

Boa surpresa! Finalmente uma banda nacional que promete hard rock e *cumpre*. Esta maçada e esperta letras cheias de sacanagens como convem ao genero) seguram a onda. Da alegria ver alguem gravar uma homenagem decente ao iquido precioso em "Wanna Beer". Ainda falta um pouco de melodia nos vocais, mas isso e compensado pela energia autentica do rock'n'roll. Se o X-Rated mantiver distancia dos Guns N'Roses vai valer o investimento. *C E M*

BLAZE OF GLORY (INSPIRED BY THE FILM YOUNG GUNS II) – Jon Bon Jovi (Mercury-PolyGram)

Aproveitando seu sucesso espetacularmente junto ao publico feminino, o vocalista-compositor Jon Bon Jovi partiu para seu primeiro disco solo, que tambem se insere parcialmente na trilha sonora de mais um filme sobre Billy The Kid. Para garantir a parte musical, cercou-se de convidados de peso de Jeff Beck até Richard Jackson Browne e Elton John, mas nao foi o bastante. Na sua saraivada de temas comerciais, salvam-se poucas tiros mais certeiros como "Billy Got Your Guns", "You Really Got Me Now" e "Bang A Drum". *L R*



THE RHYTHM OF THE SAINTS – Paul Simon (Warner/WEA)

Meu problema com este disco e de natureza puramente filosofica, pelo que quero dizer politica, cultural. As coisas vistas daqui de cima, deste lado do mundo, ficam um pouquinho diferentes. Aquilo que no ambiente musicalmente democratico do Brasil — bobagens a parte: vozes nao sabem o quanto — passa por curiosidade, generosidade e experimentaçao, visto daqui de Los Angeles, com a perspectiva deste mercado, toma-se algo um tanto mais cruel, cinico e na fronteira do abusivo.

Nao uso a palavra "colonialista", porque ela esta carecа de tanto discurso em diretorio academico. Mas o espirito e o mesmo: nos sim, somos curiosos, generosos, experimentadores e um pouco trouxas. Partimos do pressuposto que *world music* envolve trocas e que esta fundamentada no principio do dialogo. Mas do modo como e frequentemente exercitada aqui — como, por exemplo, neste disco — significa que o "mundo" e tudo aquilo que eles nao sao, assim como "etnico" e tudo aquilo que não e branco, anglo-saxão. A musica brasileira de inspiração africana e a música moderna da Africa Ocidental das quais Simon se serve em pitadas de provador de rapé, ao longo de todo o LP — nao serão mais conhecidas depois de *The Rhythm Of The Saints*, do mesmo forma como a *ubaganga* sul-africana nao se tornou depois de *Graceland*. Este projeto nao foi feito para servi-las, mas para servir a Paul Simon, que, sendo artista legitimado por sua procedencia — o pop americano —, tem direito a estes experimentos com especiarias raras do Terceiro Mundo, um artista do Terceiro Mundo que faça isso — com elementos de qualquer outra procedência, inclusive e principalmente do primeiro — sera tido como "descaracterizado". Entenderam as regras do jogo? E importante ser "tipico" e "puro" segundo definiçoes alheias.

Gastei todo este tempo para dizer isso por que e a coisa mais importante de *The Rhythm*, que, outrossim, e um otimo disco, uma vez que a estatistica cultural saiu do meio. Simon tem bom gosto em suas escolhas, e a ponte Nana/samba/semba, *high life* e perfeita — como a Bahia aliás, ja se cansou de provar. Mas a estatistica cultural e um de seus elementos mais poderosos e fica dificil escapar deste raciocinio, mesmo que seja amargo. *Ana Maria Bahiana*

THE LANGUAGE OF LIFE – Everything But The Girl (Warner/WEA)

Depois de tertes com bossa nova, vices, guitarras quase *anorak* e orquestraçoes dos anos 60 aos trabalhos anteriores, o Everything But The Girl parte para um namoro firme com o jazz, cometendo canções de qualidade musical indiscutivel, mas que pecam pela monogeneidade melodica. Os pontos a favor ficam para a aparição do sax tenor de Stan Getz em "The Road" e na inteligência das letras da faixa título e "Me And Bobby D", onde Tracey Horn exercita sua militancia no movimento feminista. *J E S*

THE WALL. LIVE IN BERLIN – Roger Waters (Mercury-PolyGram)/**KNEBWORTH – Varios** (Polydor/PolyGram)

De boas intenções, o inferno deve estar tão cheio quanto estes concertos-monstros" em pró de causas nobres", que no ano passado atraíram multidões para verdadeiros desfiles de dinossauros e renderam dividendos como este par de albuns duplos. Quanto ao registro do mega-evento promovido por Roger Waters em benefício de um orgão internacional de assistência as vitimas de desastres, e certo que o próprio album tornou-se um dos grandes. Por que toda ladainha circense, so o desperdicio de nomes como Van Morrison e Marianne Faithfull ja *Knebworth* reune outro punhado de medalhoes: arroz-de-festa arrecadando fundos para uma fundação inglesa de terapia musical para crianças deficientes. *Nana, nenê...* *C P*

WORLD CLIQUE – Deee-Lite (Elektra/WEA)

Em entrevista para a BIZZ de janeiro, o Deee-Lite resumiu: "Ouça o LP, ele falará por nós".

E e verdade. Ouvindo *World Clique* ("panelinha mundial"), você ficará apaixonado, extasiado/impressionado/estarrecido/feliz, pensando: "Se no mundo existem pessoas capazes de fazer discos como esse, o mundo não é tão ruim assim".

As primeiras duas faixas — "Good Beat" e "Power Of Love", houses entre o italo e o garage, de qualquer forma *muito* disco — são tao para cima que tanam seu pior inimigo te abraçar e te pagar um jantar. "Try Me On", "I'm Very You", um funk que e James Brown puro, abre com um sample (cartas para a redação, quem souber de onde e) de um riff de guitarra mais psicodelico que todas as bandas m de Manchester juntas. O *groove* e a levada de guitarra de "Smile On" são outra prova de quão bons "funkadélicos" eles podem ser. "What Is Love?" tem Miss Kier declamando hilários *deee-adjetivos* ("*deee-lovely... deee-viné... deeeficious...*"), sobrepondo-se à junção de um potente ritmo tecno e um cremoso riff de órgão.

O lado 2 de *World Clique* tambem não deixa por menos: a abertura com o faixa-título é um excelente house pop com inesperadas e bruscas variações de sonoridades se sucedendo, como uma batucada, um som de orgão Hammond, uma frase de Moog, etc. A canção seguinte, "E.S.P." — inicais de "percepção extra-sensorial" —, tem exatamente este clima paranormal, convertendo-se em um tecno com "pirceiodas" de acid acompanhado por um rap de Miss Kier. *Voyage, voyage!* A, vem "aquela do Deee-Lite", a famosemma "Groove Is in The Heart", a musica do ano de 90, com seus beats e samples quicando para fora dos limites da normalidade. "Who Was That?", que conta com a participaçao especial do baixo de Bootsy Collins, e a canção que tem a refrão mais pop do album, no sentido ABBA/Blondie do termo. Brilhante! E a maneira mais perfeita de encerrar o disco não podena deixar de ser com "Deep-Ending", um house sombrio e atmosferico, em que se sente profundidade e introspecção, mas nunca tristeza.

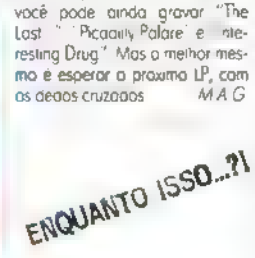
Imagine toda Woodstock transportada para uma discoteca dos anos 70, tendo como DJs George Clinton e Sly Stone, virando as ultimas novidades do dance music. Um deee-scaço deee-mais! *Camilo G Rocha*

HEART STILL BEATING – Roxy Music (Virgin/EMI-Odeon)

Visto com rigor, este duplo e um album excedente na elegantemente exata discografia do banda. Mas quem, em sua consciência, questionara um raro registro do Roxy ao vivo, mesmo que num show dito "menor" do grupo? Bryan Ferry sim — parece que ele desaprovou a iniciativa da gravadora. A nos, no entanto, cabe agradecer. Pois *Viva!* (76, o definitivo disco *live* do Roxy permanece inedito no Brasil. E ate o EP *High Road*, gravado na mesma turnê que este *Heart*, o ultimo em 83, — e que resume-o em quatro faixas — ainda nasce. Duvidos? Uma unica audiçao da maravilhosa "Song For Europe" e por pura encanto, elas desaparecem. *A A*

RUNA DRAG – Morrissey (EMI-Odeon)

Essa coletanea de compactos e lados B e o disco que Morrissey devia ha tempos a sua gravadora. Apenas com isso em mente da para entender como tantas canções anodinas foram reunidas num vinil. Se voce ainda lembra como era emocionante ouvir uma nova composição de Morrissey/Marr evite chegar perto. Ou melhor, descole um encarte — afinal, ainda e possivel achar algumas tiradas geniais do velho Stephen. Com um pouco de boa vontade você pode ainda gravar "The Last", "Piccadilly Palare" e "Interesting Drug". Mas o melhor mesmo e esperar o proximo LP, com os dedos cruzados. *M A G*



ENQUANTO ISSO...?! – Varios (Manifesto)

La pelos idos de 86, o underground local era sacudido pela noticia da criação de um novo selo independente, gerido por R.H. Jackson ex-Voluntarios Da Patria. Por motivos escusos, o projeto ficou engavetado ate agora, mas pelo conteudo da obra coletiva que marca o *debut* da gravadora, conclui-se que valeu tanta espera. No LP seis grupos dizem presente: os ja notorios Vzyadoq Moe e 3 Hombres, junto aos novatos Noticias Populares *sic!*, Killing Chainsaw, Saliva Star e AKT. Em comum, todos trazem uma concepçao musical diametralmente oposta aquela adotada pelas "pragas" que vêm assolando o rock Brasil, algo que se expoe na ambiencia estupefata de "Yellow Eyes" — de onde tiraram os riffs psicodisleptícos de Edgard Scandurra — bem como nas tecno-bricolagens do Noticias na versão 90 do Akira S & As Garotas (Que Erraram), nos *grooves* de sucata do Vzyadoq Moe ou no rastro deixado por esse formado feminino chamado AKT. Isso posto, agora e aguardar por outros desdobramentos deste revigorante "manifesto". *A G C D*

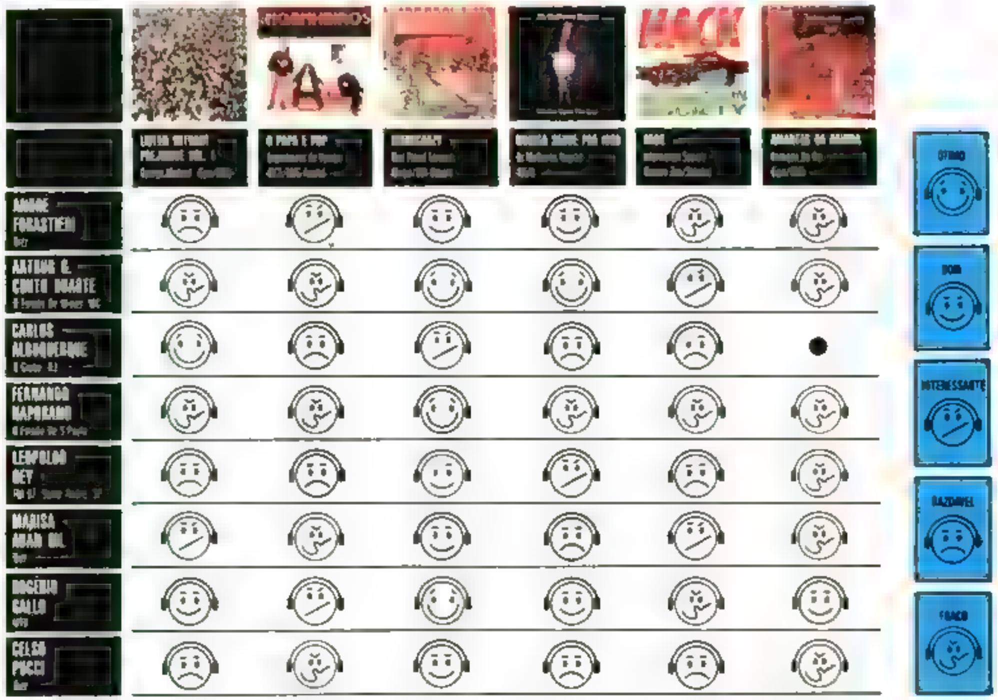
Como diria um cavalheiro, primeiro as damas. **Vanessa Paradis,** aquela de "Joe Le Taxi", o maior sucesso da Angelica, volta com **VARIATIONS SUR LE MEME T'AIME** (Polydor/PolyGram), disco tipico de produtor experto: pegue uma atriz bonitinha, arrume alguém para escrever o repertorio (ou roube, como "Walk On The Wilde Side" de Lou Reed), junte os musicos, e grana é o que nao vai te faltar. **Lita Ford** tenta o mesmo golpe: nao é atriz nem bonitinha, mas é *a* esperta. **STILETTO** (RCA/BMG-Ariola) é uma baba hard pop com refrões que repetem duzentas vezes a mesma meia-duzia de palavras. Nao da pe. Então as brasileiras: nem perca seu tempo tentando se acostumar a tessitura "contralto com alguns harmonios trocados" de **Zélia Cristina** porque o resto do disco **OUTRA LUZ** (Eldorado) tambem não é facil de engolir. Se você quer uma cantora afinada, com voz educada e boa dicção, va direto ao novo LP de **Vânia Bastos**, tambem Eldorado. Como em seus discos anteriores, o carro-chefe são os sambas-canções de Eduardo Gudim, que tambem assina a produção. A dupla tem o merito de cultivar uma MPB refinada, nada comercial e muito bem-feita. **F**alando em MPB, quem está rumando para as bodas de prata e nao desiste de gravar é o duplo **Sá & Guarabyra**, que envelhece, como todo mundo, mas nunca muda de cara, como seus discos. **VAMOS POR AÍ** (Eldorado) pelo menos nao tem nenhum hit bicho-grilo para a moçada cantar em volta da fogueira. Garotos novos no pedaço: pela capa e pelo nome, **ROSA MÍSTICA** (Cachet) pode ate entrar no vacuo do Paulo Coelho e virar *best-seller* nas livrarias esotericas. Só que é um disco, meio The Cult/meio rock-Brasil 70 maquiado de 90 — tem ate uma versão de "Terra", de Caetano Veloso. **S**e ao passar por uma loja de discos você encontrar **THEN & NOW** (Geffen/WEA), do **Asia**, numa oferta tentadora, resista, você não vai se arrepender. Coquetel dos clichês mais mediocres do rock, deve dar uma ressaca violenta. Então, é melhor nem experimentar, OK? Se seu negócio é musica instrumental, uma dica: **VIDROS E TRILHOS** (Baratos Afins) de **Luiz Waack.** Guitarrista de formação *fusion*, estréia muito bem em vinil, acompanhado pelos mesmos musicos com quem tocara ao lado de Itamar Assumpção e Marisa Monte. Já **QUESTION AND ANSWER** (Geffen/WEA), do trio liderado por **Pat Metheny** (com **Roy Haynes** na bateria e **Dave Holland** no baixo) é um tremendo desperdicio de técnica. **S**O-LO (MCA/WEA), LP de 84 de **Danny Elfman,** é o melhor desta relação. Pena que a edição nacional tenha destruido a capa do disco com a elucidativa tarja "lider e vocalista do Oingo Boingo". **Bob Geldof** deve estar lançando a campanha "Animal Aid", com seu LP **VEGETARIANS OF LOVE** (Mercury/PolyGram). Ate tem uma ou outra balada boa, mas no todo é uma encheção. Se você tem uma alma condosa, compre **NOBODY'S CHILD** (Warner/WEA) e ajude as pobres crianças romenas. O LP traz **Guns N' Roses, Eric Clapton, Eddie Brickel** e uma versão de "Homeward Bound" com **Paul Simon** e **George Harrison**, entre outras coisas.

CELSO MASSON

GRAVADORAS INDEPENDENTES:

As gravadoras parecem dispostas a passar a limpo — e a laser — o primeiro *boom* do rock Brasil anos 80. A WEA sai com os dois primeiros discos dos **Titãs** — o álbum homônimo (84) e **TELEVISÃO** (85) —, enquanto a EMI-Odeon comparece com **CINEMA MUDO**, o LP de estréia dos **Paralamas Do Sucesso**. Para os orfãos de **Raul Seixas**, apenas dois discos menores do *rocker* baiano: **O DIA EM QUE A TERRA PAROU** (77) e a coletânea **O SEGREDO DO UNIVERSO** (83), ambos via WEA. Mas a melhor noticia na área nacional é a edição de **A MÚSICA LIVRE DE HERMETO PASCHOAL** (Philips/PolyGram). Foi o primeiro LP que o bruxo alagoano gravou no Brasil (em 72), depois de uma temporada nos EUA — onde havia gravado com Miles Davis e feito um disco solo, produzido por Airto Moreira e Flora Purim. No retorno à terra natal, Hermeto concebeu talvez o que seja seu album mais brilhante, onde sobressaem-se composições próprias como "Bebê" e "Gaio Da Roseira", além do arranjo para o clássico de Pixinguinha e João de Barro, "Carinhoso". Um disco unico, cujas sutilezas instrumentais devem tornar-se ainda mais valorizadas na pureza sonora da sua versão em CD. Finalmente, o destaque disparado entre os lançamentos internacionais nao poderia deixar de ser o magnifico **NEW YORK** (Sire/WEA), de **Lou Reed**. Grande rock'n'roll.

CELSO PUCCI



O selo New Alliance, comandado pelo ex-Black Flag Greg Ginn (tambem proprietario do celebre SST), vem dando à legião "groar" alguns dos mais deliciosos suprimentos. Ao lado de nomes como The Office Ladies, Na Man e Yanamamos, figura o dionisiaco **Solomon Grundy.** Em **OTHER STORIES,** seu LP de estréia, a banda prova que ainda há muitos segredos a serem (re) descobertos na panorâmica do heavy Sab caractensticas pessoais, eles reciclam Dinosaur Jr em meio a flashes esquecidos de Ozzy Osbourne na fase inicial do Black Sabbath. Altamente recomendavel a remanescentes dos *seventies* e iniciados no neo-terrorismo da guitarra.

Formada como banda-projeto em meados de 88 por Lydia Lunch e Kim Gordon (Sonic Youth), a **Harry Crews** — uma homenagem ao escritor do *basfond* americano — e mais um expoente maldito da vanguarda nova-sorquina. O LP, gravado ao vivo, **NAKED IN THE GARDEN HILLS** (Big Cat) retrata o grupo em sua mais desnudada concepção: imagine toda a escala do *no wave*, exposta por Lydia, atravessando o inferno barulhento do baixo de Kim. O resultado é contundente.

Nos idos de 86/87, o Weather Prophets eram um dos mais badalados grupos do circuito *indie*. Com sua dissolução, o vocalista **Peter Astor** passou um tempo em silêncio e reapareceu com um LP solo: **SUBMARINE** (Creation). Ainda atado à linha psicodélica de sua banda e com um leve aroma de folk, blues e pop, o ex-jornalista Astor efetuou um trabalho introspectivo, aconchegado e possuído pelo som dos tempos mais sombrios do Velvet Underground.

FERNANDO NAPORANO

Pelo visto, o selo *indie* Imaginary está mesmo a fim de se tornar a meca das gravações-tributo. Após as homenagens aos Kinks, Byrds e Hendrix, chegou a vez do Velvet Underground ser louvado pelas bandas da nova geração em **HEAVEN AND HELL**. Das torpezadas dissonâncias do Chapterhouse em "Lady Godiva's Operation" à *nonchalance* do James em "Sunday Morning" (mais um brevissimo *medley* com "Waiting For My Man", "Heroin", "Sweet Jane" e "Pale Blue Eyes"), passando pelos arrasadores *remakes* feitos por The Telescopes, Ride, The Wedding Present, Nirvana e outros tantos, tal compilação é uma invulgar obra-prima.

Não é só pela denominação extravagante que o quarteto irlandês **An Emotional Fish** tem chamado a atenção lá fora. Após um single pelo selo Mother (pertencente ao U2) em 89, a banda transferiu-se para a East-West, por onde editou um LP homônimo que levou setores da crítica a apontá-los como uma das grandes esperanças para os anos 90. Em pauta, guitarras tempestuosas, vocais arrebatados e temas exortatorios à propria vida, consumando um pop rock de talhe clássico.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Em 84, o trio alemao de música experimental **Cassiber** fez algumas apresentações pelo Brasil num circuito alternativo, conseguindo boa repercussão junto ao restrito publico que teve acesso ao coquetel nao-usual de *noise*/sons eletrônicos/free jazz empreendido por eles. Em sua esparsa discografia, o ultimo LP — **PERFECT WORLDS** (gravado em 86) — é uma amostra respeitavel das inusitadas improvisações que caracterizam o som do grupo e agora está disponivel com relativa facilidade por aqui. Isso porque o baterista Chris Cutler (que em sua folha corrida tem trabalhos ao lado de Fred Frith, Robert Wyatt e Pere Ubu, entre tantos outros) é tambem um dos proprietários do selo Recommended e, entusiasmado com o resultado de sua temporada brasileira, resolveu abrir por aqui um endereço de representação da gravadora e também lançar o novo álbum de seu grupo como "nossa primeiro LP produzido totalmente no Brasil". Mas ha bem mais: no respeitavel catalogo da Recommended incluem-se discos raros de importantes grupos experimentais dos anos 70, como o alemão Faust ou os ingleses Henry Cow e Art Bears, bem como uma diversidade de títulos que compreende musicos de mais de uma dezena de paises. Mais informações: Marcos Antonio P. Santos — R. Dr. Francisco Portela, 2466, São Gonçalo (RJ), CEP 24440.

CELSO PUCCI

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia · Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência, av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457 TEL. (011) 211-7866. Telegramas: Editabri Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8° andar CEP 22290 Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 Phone (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 Phone: (001212) 557-5990 5993. Telex (00) 237670. FAX. (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris Phone: (00331) 42.68.31.16. Telex (0042) 660731 ABRILPA FAX (00331) 42 66 13 99
PUBLICIDADE
SP2: Intermidia LTDA., av. Presidente Vargas, 1033, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020 Fone: (016) 623-4262 623-4291
Belo Horizonte: Marco Aurélio Maia, rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720 801 CEP 90060 Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS, (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Midia Representações Ltda. Fones (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas. Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h
Recife - Tel. (081) 424-1655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h
Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - Lapa
CEP 05065 - São Paulo - SP

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

BI 55-67

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel. _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreazza Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: Andre Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci, Discos e Discoteca (Ibiza); Mauro Adan Gr. Amparo, Carlos Miguel Rizi
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Fernandes Mancini
ARTE
Editor: Diego Bittres
Assistente de Arte: Eduardo Barreto
Diagramação: Angelo Agizio, Antonio Fernando Mora, Celso da Silva Gama, Renato Vieira
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cristina Herrera
Colaboradores: Alex Antunes, Arthur G.C. Duarte, Andre Barcinski, Carmelo G. da Rocha, Carlos E. Miranda, Claudio Manzano, Claudio Mota, Ernesto Gomes de Souza Neto (Negativeman Beto), João Marcelino, José Julio no Espirito Santo, Leopoldo Rey, Luiz Claudio Santos Galhardo, Luis Henrique Romanholo, Maussan Cunoo, Otavio Rodrigues, Otavio R. de Camargo, Paulo de Tarso e Campos, Pedro Arruda, Rene Fenn, Ricardo Lobo, Renato Jorge Rosenberg, Mariano Coelho, Tatoo, Alexandre Cruz Ramos, Thais Helena de Souza Juarez (Invasão)

Diretora Responsável: Lidiye de Lima Dores Castelo

PUBLICIDADE
Diretor Comercial: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Clara Cavour, Cabanas e P. Melo, Marcelo de Almeida
RJ - Diretor: Ibiro Carneiro
Contatos: Romualdo Aguiar Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Benjamin Sergio Gonçalves
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Barbara, Los Angeles; Anamaria e de Jonge, Londres
Abril Press - Escritórios: **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 25 1670, Fax: (001212) 983-0972; **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, Phone: 33(1) 42 66 31 16, Telex: 66073, ABRILPA, Fax: (00-33) 42 66 13 99
Departamento de Documentação: Diretor: **Gerente:** Susana Camargo; av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22715
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Mannelli

COMERCIAL
Gerente de Planejamento e Controle: Jose Carlos Bassanno
Gerente de Circulação: Andre Luiz D'Amato
Assessoria: Patricia Granado
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Franco, Romeu Andreazza Filho e Vera Helena Marandas Gomes

BIZZ
Dep. Publicidade e Correspondência: São Paulo - Rua Fradique Coutinho, 1139, 5° andar, CEP 05416, Tel. (011) 211-7866, Telegramas: Editabri Abrilpress
Rio de Janeiro - Rua da Passagem, 123, 8° andar, CEP 22290, Tel. (021) 546-8282, Telex 2122674 EDAB BR
Portugal: Depósito legal nº 30 000/89
Assinatura anual: Cr$ 1.200,00
Números atrasados: Cr$ 120,00

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

FAITH NO MORE

SURPRISE! YOU'RE DEAD!

Patton/Bottum/Gould/Bordin

Surprise! You're dead!	*Surpresa! Você está morto!*
ha ha! Open your eyes	*ha ha! Abra seus olhos*
see the world as it used to be	*veja o mundo como ele costumava ser*
when you used to be in it	*quando você estava nele*
when you here alive and when you were in love	*quando você estava vivo e apaixonado*
and when I took it from you!	*e quando eu tirei isso de você!*
it's not over yet	*ainda não acabou*
you don't remember?	*você não se lembra?*
I won't let you forget	*não vou deixar você esquecer*
the hatred I bestowed	*o ódio que eu apliquei*
upon your neck with a fatal blow	*no seu pescoço com um golpe fatal*
from my teeth and my tongue	*dos meus dentes e da minha língua*
I've drank and swallowed, but it's just begum	*eu bebi e engoli, mas isso é só o começo*
now you are mine	*agora você é meu*
I'll keep killing you until the end of time	*eu seguirei matando você até o final dos tempos*
surprise! You're dead!	*surpresa! Você está morto!*
guess what?	*adivinhe só?*
it never ends...	*isso nunca acaba...*
the pain, the torment and torture, profanity	*a dor, o tormento e tortura, profanação*
nausea, suffering, perversion, calamity	*nausea, sofrimento, perversão, calamidade*
you can't get away	*você não pode escapar*

SURPRESA! VOCÊ ESTÁ MORTO!

(Todos os direitos reservados)

PolyGram

PARADA

LEITORES

1	*Violator* (2)	**Depeche Mode** WEA
2	*I'm Breathless* (4)	**Madonna** WEA
3	*Step By Step* (12)	**New Kids On The Block** CBS
4	*O Papa É Pop* (1)	**Engenheiros Do Hawaii** BMG-Ariola
5	*As Quatro Estações* (5)	**Legião Urbana** EMI-Odeon
6	*Wild!* (R)	**Erasure** WEA
7	*I Do Not Want What...* (R)	**Sinéad O'Connor** EMI-Odeon
8	*Manic Nirvana* (N)	**Robert Plant** WEA
9	*Shut Up And Dance* (R)	**Paula Abdul** EMI-Odeon
10	*The Remixes* (15)	**Technotronic** PolyGram
11	*SLA Radical...*	**Fernanda Abreu** EMI-Odeon
12	*Happiness* (N)	**Beloved** WEA
13	*Songs For Drella* (10)	**Lou Reed & John Cale** WEA
14	*Doolittle* (16)	**Pixies** WEA
15	*The Album* (R)	**Technotronic** PolyGram
16	*Clandestino* (R)	**Ira!** WEA
17	*Bona Drag* (N)	**Morrissey** EMI-Odeon
18	*Brick By Brick* (N)	**Iggy Pop** EMI-Odeon
19	*Behaviour* (N)	**Pet Shop Boys** EMI-Odeon
20	*World Power* (8)	**Snap** BMG-Ariola

Lojas consultadas: Cândido Negre e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som (Porto Alegre), Sub Som (Rio de Janeiro), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop, Woodstock Discos (São Paulo)

CONVENÇÕES:

(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição na *Parada* anterior

Quem mais entende é super-importantíssima! Escreva para "BIZZ — Parada Dos Leitores", av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, Alto de Pinheiros, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou nos últimos meses. Acrescente seu telefone, para que possamos voltar a conversar lo

LOJAS

1	*The Real Thing* (N)	**Faith No More** PolyGram
2	*Time's Up* (10)	**Living Colour** CBS
3	*No Prayer For The Dying* (6)	**Iron Maiden** EMI-Odeon
4	*Doolittle* (3)	**Pixies** WEA
5	*World Power* (7)	**Snap** BMG-Ariola
6	*Tattooed Millionaire* (R)	**Bruce Dickinson** EMI-Odeon
7	*The Best Of* (N)	**Elton John** PolyGram
8	*Vol. 2...*	**Soul II Soul** EMI-Odeon
9	*Fear Of A Black Planet* (R)	**Public Enemy** CBS
10	*Blaze Of Glory* (2)	**Jon Bon Jovi** PolyGram
11	*LoveGod* (N)	**Soup Dragons** PolyGram
12	*Live* (N)	**David Bowie** EMI-Odeon
13	*Passion And Warfare* (1)	**Steve Vai** WEA
14	*Behaviour* (5)	**Pet Shop Boys** EMI-Odeon
15	*The Wall* (N)	**Roger Waters** CBS
16	*Graffiti Bridge* (9)	**Prince** WEA
17	*Appetite For Destruction* (R)	**Guns N'Roses** WEA
18	*Bona Drag* (N)	**Morrissey** EMI-Odeon
19	*Dreamland* (R)	**Black Box** BMG-Ariola
20	*Hack* (10)	**Information Society** Stiletto

LPs (EUA)

1 (1) *To The Extreme* — **Vanilla Ice** (SBK)
2 (2) *Please Hammer...* — **MC Hammer** (Capitol)
3 (N) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Huston** (Arista)
4 (N) *The Rhythm Of The Saints* — **Paul Simon** (Warner Bros.)
5 (3) **Mariah Carey** (Columbia)
6 (4) *The Razor's Edge* — **AC/DC** (Atco)
7 (N) *Recycler* — **ZZ Top** (Warner Bros.)
8 (N) *Vol. 3* — **Traveling Wilburys** (Warner Bros.)
9 (N) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
10 (N) *Some People Lives* — **Bette Midler** (Atlantic)

LPs (GB)

1 (N) *The Very Best Of* — **Elton John** (Bondon)
2 (N) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
3 (N) *Serious Hits... Live!* — **Phil Collins** (Virgin)
4 (N) *Rhythm Of Love* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (1) *The Rhythm Of The Saints* — **Paul Simon** (Warner Bros.)
6 (N) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
7 (N) *Pills N'Thrills & Bellyaches* — **Happy Mondays** (Factory)
8 (N) *Choke* — **Beautiful South** (Go! Discs)
9 (2) *Rocking All Over The Years* — **Status Quo** (Vertigo)
10 (N) *Now Dance 90's* — **Vários** (Virgin/EMI/PolyGram)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Pills N'Thrills...* — **Happy Mondays** (Factory)
2 (6) *En-Tact* — **Shamen** (One Little Indian)
3 (1) *Some Friendly* — **Charlatans** (Situation Two)
4 (2) *Nowhere* — **Ride** (Creation)
5 (N) *Pigeon Hole* — **New Fast Automatic...** (Play It Again Sam)
6 (N) *Babysitters On Acid* — **Lunachicks** (Blast First)
7 (N) *In Dub* — **Renegade Soundwave** (Mute)
8 (7) *Bossanova* — **Pixies** (4AD)
9 (3) *Heaven Or Las Vegas* — **Cocteau Twins** (4AD)
10 (N) *Leggy Mambo* — **Cud** (Imaginary)

Compactos (EUA)

1 (N) "I'm Your Baby Tonight" — **Whitney Houston** (Arista)
2 (N) "Because I Love You" — **Steve B** (MCA/BCA)
3 (N) "From A Distance" — **Bette Midler** (Atlantic)
4 (5) "Love Takes Time" — **Mariah Carey** (Columbia)
5 (N) "Groove Is In The Heart" — **Deee-Lite** (Elektra)
6 (N) "Something To Believe In" — **Poison** (Enigma/Capitol)
7 (N) "The Way You Do The Things..." — **UB 40** (Virgin)
8 (N) "Impulsive" — **Wilson Phillips** (SBK)
9 (N) "More Than Words Can Say" — **Alias** (EMI)
10 (N) "Tom's Diner" — **DNA** (A&M)

Compactos (GB)

1 (4) "Unchained Melody" — **Righteous Brothers** (Verve)
2 (N) "Fog On The Tyne" — **Gazza And Lindisfarne** (Best)
3 (N) "Don't Worry" — **Kim Appleby** (Parlophone)
4 (N) "Fantasy" — **Black Box** (DeConstruction)
5 (3) "I'm Your Baby Tonight" — **Robert Palmer & UB 40** (EMI)
6 (N) "Cubic/Olympic" — **808 State** (ZTT)
7 (1) "A Little Time" — **Beautiful South** (Go! Discs)
8 (N) "Unbelievable" — **EMF** (Parlophone)
9 (N) "There She Goes" — **La's** (Go! Discs)
10 (N) "Ice Ice Baby" — **Vanilla Ice** (SBK)

Compactos Independentes (GB)

1 (5) "Kinky Groovy Afro" — **Happy Mondays** (Factory)
2 (N) "Island Head" — **Inspiral Carpets** (Mute)
3 (N) "Espero" — **Cranes** (Dedicate)
4 (N) "Half Life" — **Pale Saints** (4AD)
5 (N) "Dig For Oil" — **Pixies** (4AD)
6 (5) "Aftermath" — **Nightmares On Wax** (Warp)
7 (N) "Kaleidoscope" — **Boo Radleys** (Rough Trade)
8 (N) "My Rising Star" — **Northside** (Factory)
9 (N) "God Knows It's True" — **Teenage Fanclub** (Paper House)
10 (N) "Scope" — **Paris Angel** (Sheer Joy)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB), de 10/11/90 a 08/12/90. Para a Parada Dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 12/12/90

AEROANTA
PROGRAMAÇÃO - FEVEREIRO 91

1º - Voluntários da Pátria
02 - Voluntários da Pátria
03 - Bien Bien Club com orquestra Heartbreakers
05 - Aerojam
06 - Ensaio Geral - gravação do programa 89 FM
07 - Moleque de Rua
14 - Programação à confirmar
15 - Programação à confirmar
16 - Programação à confirmar
17 - Bien Bien Club com a orquestra Heartbreakers
19 - Aerojam
20 - Ensaio Geral - participação de Marcelo Nova
21 - Luni
22 - Luni
23 - Luni
24 - Bien Bien Club com a orquestra Heartbreakers
26 - Trip Night com o DJ Arthur Veríssimo nos toca discos
27 - Disco Reggae Night com o DJ Otávio Rodrigues nos toca discos
28 - Programação à confirmar

O Aeroanta permanecerá fechado de 09 à 13 de fevereiro retomando suas atividades em 14 de fevereiro.

Aeroanta, aberto de terça-feira à sábado à partir das 21h30 e aos domingos à partir das 20h30.

Shows, de terça à quinta às 23h, sexta e sábado à 00h.

Aeroanta SP - rua Miguel Isasa, 404 - Pinheiros - Fone: 211-7084

Agora também em Curitiba, Paraná - rua Piquiri, 289 - Rebouças

CARTAS

AO VIVO

AAAHHH!!! Finalmente eu vou ter disposição de atravessar a Dutra e ir até o balneário. Depois do engodo paulixta com o desfile do Deus Pagão* em modelito George Armani a quatro paus por cabeça, só para a classe dominante ou incautos de plantão (ainda prefiro ir num centro espírita e levar um papo com o Diabão Raulzito), vem o maná dos céus. A anãzinha libidinosa de Minneapolis** desembarca no *tiers monde*, no lugar das irmãs cara-de-pau***. E, para completar, se ainda viessem a Plastic Platinum Blonde Ambition**** e o Black Mutant Ninja Wacko Jacko*****, estaria completa a Santíssima Trindade do Pop em plena terra Brasilis!!! Meus sais, please...

Ramon (RH Positivo) Goiana, São Paulo, SP

Bula: * Eric Clapton, ** Prince, *** Milli Vanilli, **** Madonna, ***** Michael Jackson (Nota da Redação)

PAU NA BIZZ

Brevíssima nota prévia: esta carta, mesmo que pareça, não é em definitivo uma solicitação por parte de uma fã de rock por mais espaço para o gênero, atualmente cedido ao(s) gênero(s) *dance*... não estou nem aí! Desde que, é claro, não liguem tal marca-passo no meu ouvido. Bueno, o problema é o seguinte: dentro de seu projeto *pluralista* de abarcar vários gêneros musicais (vide editorial, BIZZ 64) o espaço que o "degenerado rock pesado para invertebrados em extinção" recebe é tomado como se fosse assim realmente. (...) Relutei em escrever mas, ao ler coisas como "aqui ainda não saímos dos 70" de Anamaria G. De Lemos falando do *Monsters Of Rock*, fiquei pensando se o "referencial temporal" da menina é o "carro-chefe" e ditador (a palavra é exatamente essa) do "bom gosto musical". O discurso totalitário procura, com persistência que beira a ingenuidade, negar as manifestações do outro. Assim, para a "crítica musical" que ela supõe que seja, é difícil admitir para si mesma que Steve Vai quis (e provavelmente gostou) de tocar no Whitesnake. Estou farto mas, se alguém ainda julga que a crítica que faço aos pretensos críticos não seja válida, talvez seja melhor mesmo contentarem-se com a dor-de-cotovelo de Lulu Santos sobre Roger Waters ou (do número anterior) o comentário relativizador de André Forastieri sobre o cabelo de Ian Gillan. Que mal lhe pergunte caro André: como usava o seu em 1970?

Anselmo Heidrich, Canoas, RS

André Forastieri responde: Usava curto, claro. Tinha cinco anos.

Nada tenho contra a música eletrônica ou a utilização da tecnologia na música; pelo contrário, venero bandas tais como o New Order, Front 242, Kraftwerk, Cabaré Voltaire etc. Mas finalmente está sendo feita a justa diferenciação. O estilo musical que se convencionou denominar de *acid house* e *house music* está próximo de uma conceituação adequada, e pode ser definida nas palavras de um de seus "ilustres" membros, Patrick de Meier, do Tragic Error: "é uma grande bosta comercial" (...) Bom para nós, nos poupou de chegarmos a tão sábia e apropriada conclusão. Quem não nos poupa nem um pouco é a BIZZ, que a cada edição nos faz engolir mais e mais matérias de bandas descartáveis. Pouca coisa se salva. É o preço que pagamos por termos à disposição uma única revista especializada em música no país. (...)

Gilberto Nascimento mais seis assinaturas, Santo Ângelo, RS

PAPO SEM CABEÇA

O negócio é o seguinte: a respeito do papo cabeça daquele tal (Lulu Santos, BIZZ 64) que não tem cabeça, vou ser curto e grosso, usando as palavras de Robert Plant. Lulu Santos é um "escroto pretensioso". (...)

Marco Antonio Guerrabini, Poços de Caldas, São Paulo

Achei simplesmente ridícula, estúpida, horrível, nojenta, grosseira, metida, egocêntrica e entrevista deste palhaço do Lulu Santos. Primeiro: ele começou no rock (rock uma ova, *ele* dizia que era rock), subiu até onde está através de solos de guitarra e tudo mais. Segundo: Roger Waters é bem egocêntrico, tudo bem, mas continua no mesmo estilo. (...)

Emerson, Batatais, SP

(...) Falar do tamanho do ego do Waters, pois sim, eu acho que um cara tem o ego grande quando ele faz uma porrada de músicas babacas e acha o maior barato — e ainda diz que quer revolucionar o pop. (...)

João Lúcio Penharvel, Contagem, MG

Sei que estamos num país democrático, etc. e tal, mas abusar da democracia é demais. O que o Lulu Santos fez foi forçar a barra (...) Chamar o Roger Waters de babaca?!? Por favor, Lulu, não vamos baixar o nível. Pois até agora ninguém mexeu com você e você já chega chutando o pau da barraca. (...)

Alexandre Rodrigues, São Paulo, SP

(...) A inveja mata, e Lulu Santos que se cuide. Se Roger Waters é do primeiro mundo, branco, hippie velho, tem muita sorte. (...) Se é "conservado em barris de cocaína", o azar é dele. E se o Lulu não fuma e cheira umas e outras por aí, que se cuide, pois sua aparência está pior que a de um drogado. (...)

Angelo Badoy, Curitiba, PR

(...) Decerto ele (*Waters*) é megalomaníaco. Mas onde e como você (*Lulu*) acha que deveria ser apresentada esta obra-prima (*The Wall*)? No Olympia, para três mil pessoas, cantando músicas sugadas dos outros gênios e ainda dizendo que amor é requeijão? Ainda por cima achando lindo? Acontece que ele é potente, você é prepotente. Ele pode dizer que é bom porque ele É BOM. Você não. É ingênuo, mora e trabalha no Brasil e quer fazer pop mundial. (...)

Felipe Kromes, Indaiatuba, SP

(...) Panaca, otário, careta, antes de falar mal do Roger Waters vá primeiro assistir a um show dele, coisa que com certeza você nunca fez. (...) O cara esperava que um disco pobre dele ia mudar o pop. Ainda tem o atrevimento de dizer: no mundo inteiro! Lulu Santos, se você é a luz da vida, eu prefiro viver no escuro. (...) Agora, se o Lobão era careta aos dezesseis anos, é porque era seu colega, mas depois que ele se deu por gente caiu na real e te mandou dar linha, seu caretão. Vá aprender a cantar, a fazer música e fecha essa matraca, ô bostão. (...)

Nelizon Neves, Belo Horizonte, MG

Lulu Santos: o rock nunca acabou. Você é que é mediocre, babaca e invejoso!!! (...) Você xinga, critica e ofende os fãs. Quem você pensa que é? (...)

Washington Luis Oliveira, São Paulo, SP

Vocês não deveriam perder tempo com cantores que nada entendem de rock, como Lulu Santos. Vivem defendendo o rock nacional e dizem que ele acabou. (...) Lulu Santos: dizer que o grande Herbert Vianna foi beijar seu pé no camarim é um bom sonho, mas não é verdade. Acorda!!! (...)

Ana Flávia Bonini, Botucatu, SP

(...) O critério de vocês anda meio desafinado. Por exemplo, na edição de novembro, quem encontro? Ele, a maior besta da música nacional, Lulu Santos, desfiando suas baboseiras. Realmente insuportável. Se vocês queriam provar para os leitores que ele é um bosta total, não precisava. Deixa ele aparecer nas *Famas*, *Contigos* e *Carícias*, não aí, numa revista que ainda é tão boa. (...)

Ubiratan Steinwachter, Poá, SP

(...) Mais uma vez me convenço que o Lulu Santos tanto cantando quanto opinando é totalmente medíocre e hipócrita. (...) A proposta do show de Berlim não foi divertir as pessoas (como suas débeis *pop musics*). (...) Se os inexpressivos guris do New Kids On The Block (que horror!!!) conseguiram fazer algo na música pop por ela ser tão vazia, porque você também não conseguirá? Babaca do terceiro mundo você já é, só espero que isso aconteça antes que você fique branco, pop velho e conservado na infinita mesmice de seu som (coisa que lhe é inerente). (...)

Márcia Death Thrash, Rio de Janeiro, RJ

GRAVAÇÕES

Self Tapes Gravações com alta qualidade. Importados, raros, vários estilos. Mandamos catálagos grátis. Caixa Postal 12137, CEP 22022, Rio de Janeiro, RJ

Vendo gravações piratas dos Beatles, John Lennon e Paul McCartney. Excelente qualidade. Entrega imediata. Favor enviar envelope selado para resposta. Adriana, R. Eudoro Berlink, 1117/103, CEP 90420, Porto Alegre, RS

ERRAMOS

Na BIZZ 62, página 99, a letra de "hey" dos Pixies foi publicada de forma incompleta. Faltou a segunda parte (que segue com a respectiva tradução) e o crédito, dado aos Pixies, na verdade é de Black Francis, vulgo Charles Thompson.
O toque foi dado pelos leitores **Juarez T. Zanotto, de Vacaria, RS, Jacy S. Santos, de São Paulo, SP e Guilherme Pereira, de Guaíba, RS**

uh
said the man to the lady
uh
say the man to the laid she
adored
and the whores like a choir
uh
go uh all night
and Mary ain't you tired of this
is
sound
that the mother makes when
the baby breaks
we're chained

uh
disse o homem para a dama
uh
disse a dama para o homem
ela adorou
e as putas como um coro
dão uh toda a noite
e Maria você não tá cansada
disso
uh
é
o
som
que a mãe faz quando o bebê
irrompe
nós estamos acorrentados

Na ficha dos Paralamas do Sucesso foi dito que Bi Ribeiro toca guitarra. Como todos sabem, ele é o baixista do grupo.

Na BIZZ 65, página 60, a foto do Whitesnake em que Campbell aparece está com a legenda invertida. Vandenberg é o primeiro à direita e assim por diante.

MERCADO PARALELO

Vendo coleção de BIZZ do número 01 ao 55, exceto os números 07, 23, 24, 34, 38 e 48. Os exemplares vão acompanhados dos posters, suplementos, flexidiscs e compactos. **Antonio M. de Oliveira, av. 13 n.º 06, 3.º Cj. Cohab, CEP 65050, São Luís — MA**

Compro BIZZ números 1 ao 17, 30 ao 35, 37, 42, 43, 46 e 53. **Luís Roberto, r. Tangará, 64, CEP 85800, Cascavel — PR**

Compro *Revista-Poster* do A-ha (23-P) em bom estado de conservação. **Helena Chaves Côrtes, r. Senador Furtado, 61/203, CEP 20270, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo revistas BIZZ números 03 e do 11 ao 49. **Durval Barbosa Maia, r. Simões Dias, 02, Lote 01, Quadra K, CEP 24400, São Gonçalo — RJ**

Compro qualquer edição de BIZZ que tenha matérias sobre os Smiths e também *Letras Traduzidas* com músicas do grupo. **Bárbara Apda Lemos, r. Virajuba, 209, CEP 02846, São Paulo — SP**

FÃ-CLUBES

Bauhaus *Fan Club She's In Parties With Bauhaus* A/C Guilherme, r. Fedelina Dutra, 38, CEP 28300, Itaperuna — RJ

Beatles *Fã-Clube Beatles Sempre Vivo*, r. Pereira, 495, CEP 37555, Estiva — MG

The Cult *Eletric Love In The Sonic Temple Fan Club* A/C Flávio, r. 24 n.º 79, CEP 38300, Ituiutaba — MG

David Bowie *Master Bowie II* (filial) A/C Emília, Lgo. Santa Cecília, 82, apto. 22, CEP 01225, São Paulo — SP

Gal Costa *Fã-Clube Gal Tropical Rio* A/C Edivaldo Delgado, Caixa Postal 24196, CEP 20520, Rio de Janeiro — RJ

Janis Joplin *Adeus, Pérola* A/C Vladimir, r. Travessa Dória, 72, CEP 15070, São José do Rio Preto — SP

Legião Urbana *Legião E As Quatro Estações* A/C Carlos Alberto Pereira, Caixa Postal 641, CEP 58100, Campina Grande — PB

Nenhum de Nós *Fã-Clube Cardume* , Caixa Postal 126, CEP 95900, Lajeado — RS

Titãs *Fã-Clube Ô Belsq Blom*, av. Múcio Uchoa Cavalcanti, 134/03, CEP 50730, Recife — PE

GENESIS

THE LAMB LIES DOWN ON BROADWAY (1974)

Em cinco anos e tanto de BIZZ, esta é a terceira vez que um grupo progressivo "clássico" chega à *Discoteca Básica*. Por mais controversa que seja a posição deste "movimento" dentro da história do rock, ele marcou seus tentos. *The Lamb Lies Down On Broadway* faz parte do *score* favorável ao time dos dinossauros.

Antes de *The Lamb...*, o Genesis já havia superado sua imagem de mera *college band* inglesa dos anos 70 com *Nursery Crime*, em que estabeleceu as coordenadas de seu estilo particular a partir da formação mais consistente do grupo — Peter Gabriel (voz, letras), Steve Hackett (guitarra), Phil Collins (bateria), Michael Rutherford (baixo) e Tony Banks (teclados). Este estilo, para quem gosta de etiquetas, carregaria sem problemas a marca de "rock programático", ou seja, uma música de intenções pop inspirada por uma idéia não-musical, uma espécie de descrição de imagens elaborada através dos sons.

Esta "trilha sonora" das letras alegóricas de Gabriel — que se colocava em posição diametralmente oposta à música absoluta praticada pelo King Crimson, fase 72/74 — chega ao seu ápice em *The Lamb...* Ao mesmo tempo, Gabriel praticamente monopoliza a concepção do álbum, a ponto de não ser muito difícil considerar o disco como seu primeiro trabalho solo.

Sem dúvida, seus colegas tiveram um trabalho considerável em dar movimento a uma história criada basicamente segundo a velha técnica surrealista da escrita automática. Gabriel concentrou uma massa de referências literárias dentro de uma *trip* de autoconhecimento. Seu personagem — Rael — é um porto-riquenho líder de gangue juvenil em Nova York. Ele é capturado por um objeto voador e perde-se em um esquisito mundo de alegorias da sociedade de consumo. Durante a viagem, Rael se embaralha em encontros com Marshall McLuhan (em "Broadway Melody Of 1974") ou figuras saídas das visões de William Blake (as "wise and foolish virgins" de "Carpet Crawl"). Por trás das máscaras, simulações e citações que o próprio Gabriel só entenderia nos mais de cem shows que o grupo fez para divulgar o álbum.

No geral, as músicas se revelam brilhantes. Optando por um formato mais compacto de cada canção, o quinteto concentra atenção nas experimentações com timbres e na construção de uma narrativa musical. A faixa-título é uma tijolada conduzida pelo baixo de Rutherford, revidada no lado 2 pelo "quase-blues" apresentado em "Back In N.Y.C.". O primeiro disco perde um pouco de sua unidade no final, deixando o melhor para o lado 3: a condução da bateria de Collins na seção final da desconstruída "The Waiting Room" e a pérola de ironia na conversa de Rael com a morte em "Anyway" ("Dizem que ela vem a cavalo/mas estou certo que ouço um trem"). O lado 4 abre "The Colony Of Slippermen" com uma vinheta instrumental "japonesa", retomando os temas principais em "The Light Dies Down On Broadway" e encerrando com a antecipação do que seria o som do Genesis depois da saída de Gabriel, logo depois. Sintomaticamente, é a pior parte do álbum.

The Lamb... é um disco de entrelinhas, com detalhes que demoram a ser assimilados. Contribui para isso a pequena participação de Brian Eno, fazendo "tratamentos" reconhecíveis nas faixas ambientais (como "Silent Sorrow In Empty Boats"). As hierarquizações dos planos vocais, as intervenções de Collins interpretando John — o irmão de Rael — são aspectos do testamento da união entre Gabriel e o Genesis. Depois deste álbum, só o vocalista faria algo que mereça ser acrescentado a outra edição desta coluna.

MARCOS SMIRKOFF

UNIÃO
A 96.9 DIFERENÇA ESTÁ NO AR
UNIÃO
Rua Felipe Schmidt, 58 · 13º - Edifício Comeia

ENGENHEIROS DO HAWAII
o papa é pop é platina

o papa é pop vendeu mais de 250.000 cópias.
o papa é pop é disco de platina.

RCA
LP K7 CD
BMG
BMG Ariola Discos Ltda.

X é o novo disco do INXS. Isso você já sabe. O que você ainda não sabe é que

X é o disco preferido de dez entre dez pessoas que gostam de rock no planeta.

X é EXTRAORDINÁRIO.

X é EXCEPCIONAL.

X é EXCELENTE. Se você já sacou isso, você já sacou tudo.

INXS

Em Discos, Fitas de Cromo
e Compact Discs
PolyGram